ARQUITETURA

abril, 1965



34

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL

editôra artenova limitada
beco dos barbeiros, 6-201 tel 31 2641
planejamento jornalístico e edição de livros e revistas

Venha conosco aos EE. UU.

XI CONGRESSO PAN AMERICANO DE ARQUITETOS

ROTEIRO:

7/6/65 — Embarque no Jato Boeing El Dorado da Braniff para EUA

8 a 13 — Chegada e permanência em Miami visitando seus lugares pitorescos, utilizando os carros último modêlo (1 para cada 4 pessoas) recebidos á chegada no aeroporto. Sugerimos: Seaquarium, Fort Lauderdale, Miami Beach, Villa Viszcaya, etc.

13/6/65 — Embarque por avião para Washington

14 a 18 — Comparecimento às reuniões do Congresso de Arquitetos. Programação de excursões a cargo do Congresso.

19/6/65 — Embarque em avião para New York.

20 a 24 — Permanência em New York com duas visitas á FEIRA MUNDIAL e mais um fabuloso passeio de dia inteiro na Cidade visitando Empire States, Estátua da Liberdade, Estúdios da NBC, Harlem Cidade Alta e Baixa, Nações Unidas, Chinatown, 5.ª Avenida, Central Park, etc.

Incluídos dois dias livres para atividades independentes e compras.

24/6/65 — Á noite, embarque no El Dorado da Braniff de retorno ao Rio

25/6/64 — Chegada à Cidade Maravilhosa.

OPÇÃO: MAIS SEIS (6) DIAS DE VIAGEM POR AVIÃO A SÃO FRANCISCO E LOS ANGELES, COM UMA EXCURSÃO DE MEIO DIA EM CADA CIDADE.

ACOMODAÇÕES EM HOTEIS DE CLASSE TURISTA SUPERIOR, EM QUARTOS PARA DUAS PESSOAS E BANHO PRIVATIVO.

BRANIFF *International* AIRWAYS

INFORMAÇÕES:

Com seu agente de viagem

BRANIFF AIRWAYS

ou

Tel. 22-4558

SOLICITO INFORMAÇÕES PARA MINHA INSCRIÇÃO

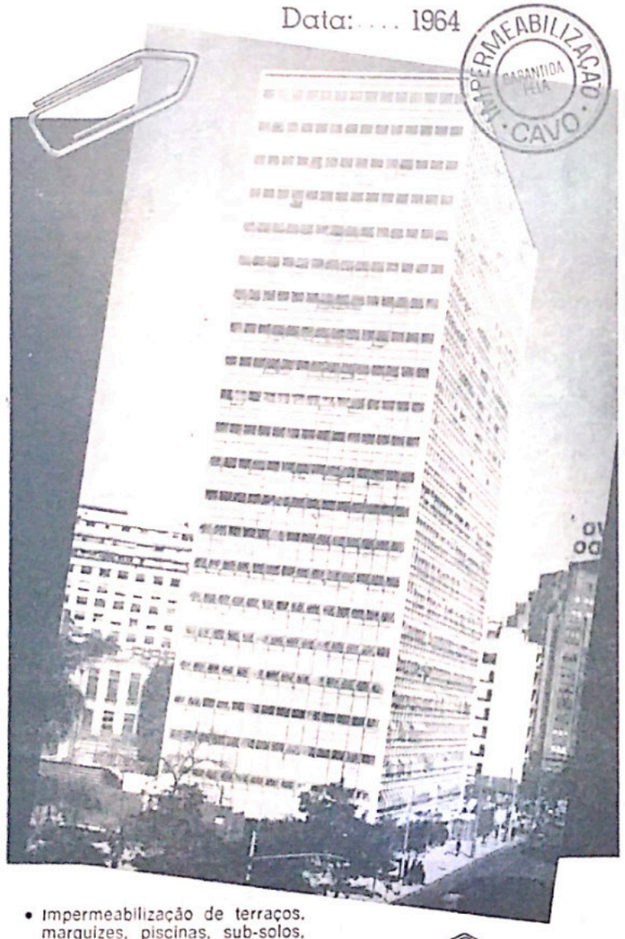
Nome: ..... Tel.: .....

Endereço: ..... Cidade: .....

IMPERMEABILIZAÇÃO n.º 2357

Cidade: .... Rio de Janeiro
Local: ..... Edifício Barão de Mauá
Área: ..... 512 m2 (Terraço)
Construtora: Gomes de Almeida, Fernandes Eng. e Construção Ltda.
Arquitetos: Oscar Niemeyer e Sabino Barroso

Data: 1964



- Impermeabilização de terraços, marquizes, piscinas, sub-solos, caixas d'água e calhas, pelo sistema membranas.
- Fabricante de feltro betuminoso.
- Mais de meio século de eficiência técnica.

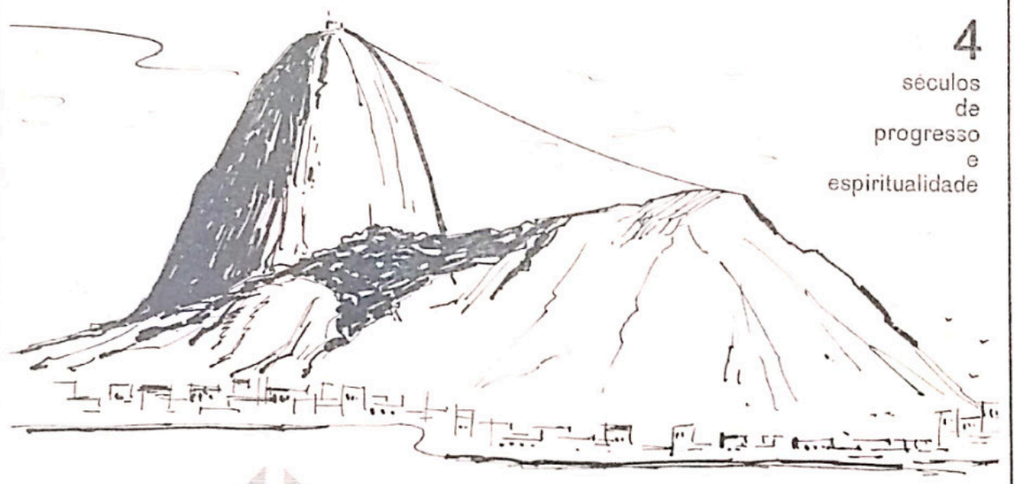
CAVO

COMPANHIA AUXILIAR DE VIAÇÃO E OBRAS

MATRIZ R. Santa Luzia, 685 - 10º Tel.: 32-2270 Teleg. "Neuchatel" Rio de Janeiro

São Paulo • Belo Horizonte • Curitiba • Brasília

NÊSTE SÍMBOLO DE FORTALEZA E DOÇURA...



4 séculos de progresso e espiritualidade

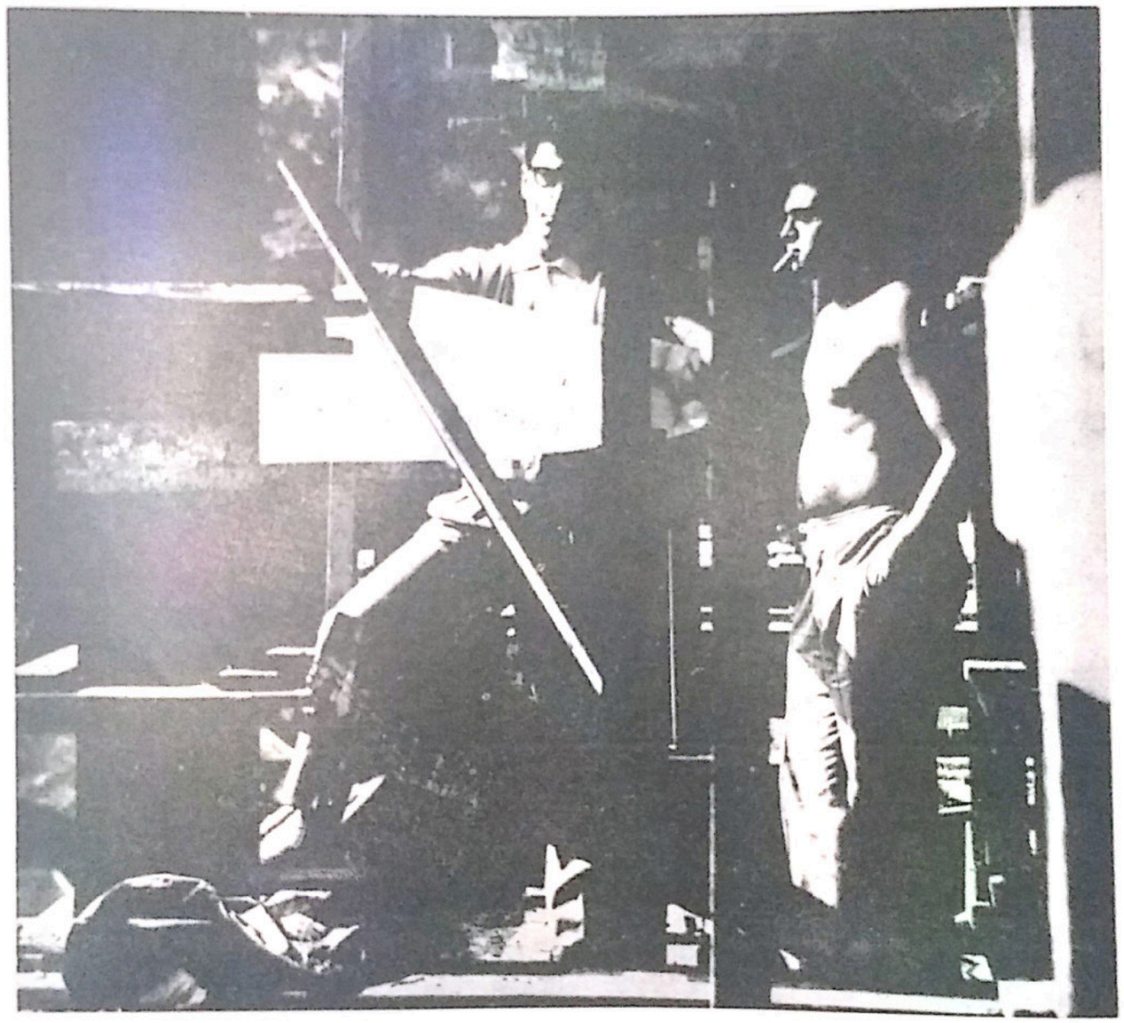
... gostaríamos de poder GRAVAR o testemunho de nossa maior dedicação e simpatia à mui querida e heroica SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO!

RIO INDUSTRIAL

estamparia rio industrial s. a.

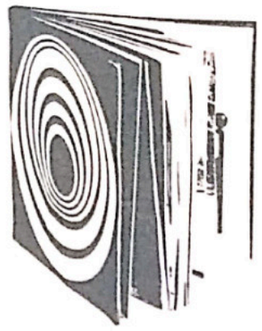
Estrada Velha da Pavuna, 1.130
Tel. 29-7113 - Inhaúma
Rio de Janeiro - GB

O ARQUITETO É QUEM ESPECIFICA



O senhor sabe o que é especificar?

Especificar, em linguagem de arquiteto, significa indicar, no projeto, como detalhes e caracetrização, o tipo, a qualidade, e a marca dos materiais a serem aplicados na construção.
Isto significa que o arquiteto é quem decide sôbre a utilização (ou mais precisamente, a compra) de cada tipo de material de construção.
E quando o arquiteto decide, êle não determina a compra de um banheiro de tal tipo, de alguns metros quadrados de piso ou fôrro, ou de uma pia, ou de uma lata de tinta, como uma dona de casa, ou um leigo qualquer. A sua decisão envolve sempre uma compra de vulto, em larga escala. Uma compra que vale a pena disputar.
Arquitetos e construtores são os verdadeiros clientes de quem fabrica ou vende materiais utilizados em construção, acabamento e decoração.
Arquitetos e construtores são o publico leitor certo é garantido da Revista ARQUITETURA que é o seu orgão oficial.
ANUNCIE EM ARQUITETURA E VEJA COMO VALE A PENA.



peça nosso catalogo:
dezenas de alternativas
para uma
decoração completa



dormitórios
móveis componíveis
salas de estar
quartos para criança
salas de jantar
escritório

móveis l'atelier s.a.

móveis l'atelier s.a.

são paulo
rua augusta, 1791
telefone 80 21 81 Ramal 91

rio de janeiro
loggia/ l'atelier
rua hilário de gouveia, 57-A
copacabana

curitiba
paulo valente decorações
e desenhos técnicos ltda
rua senador alencar guimarães, 175

salvador
móveis ralf ltda
av. 7 de setembro, 249

porto alegre
manlio gobbi & cia. ltda
rua dr. flores, 383

recife
bel lar móveis e decorações ltda
rua da imperatriz, 50

fortaleza
j. d. hollanda s. a.
rua dr. pedro borges, 59/63

nova york
l'atelier
940 - 3rd avenue

vancouver b.c.
l'atelier
4195, west 14th. ave.





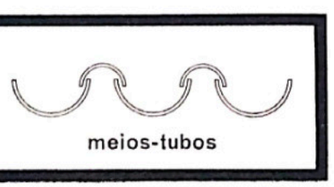
proeme

66 responda depressa: por que esta casa é tão òbviamente moderna? 99

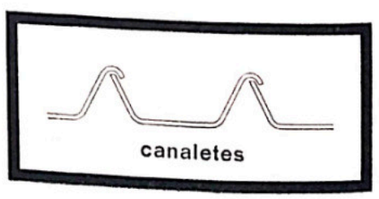
Porque o telhado não é "quadrado".
É feito com meios-tubos Eternit.
Definitivamente moderno.
Não tem aquêle célebre formato dos telhados antigos, um V de cabeça para baixo.

Eternit combina com as portas de correr, com os janelões abrindo para o jardim.
Combina com tudo o que é moderno.
Mas ao pensar em Eternit não considere apenas suas vantagens decorativas.

Pois Eternit é econômico, além de tudo.
Economiza no madeiramento, na colocação, no transporte.
Eternit é bonito e bom.
Especialmente se sua casa fôr de bom gôsto.



coberturas horizontais
Eternit
— mais de 60 anos de experiência na fabricação de produtos de cimento-amianto.



ambiente - spazio

spazio móveis e decoracões limitada
concessionario exclusivo para a guanabara
de ambiente indústria e comércio de
móveis s. a.

uma linha completa de móveis para
escritório e residência desenhados por
arquitetos de renome internacional.

disponiveis em jacarandá-da-baia e
aço cromado para entrega imediata.

Consulte sem compromisso nosso departamento de planejamento
rua barata ribeiro 200, loja f, tel: 37-6637 rio - gb



ambiente - spazio

spazio móveis e decorações limitada
concessionário exclusivo para a guanabara
de ambiente indústria e comércio de
móveis s. a.

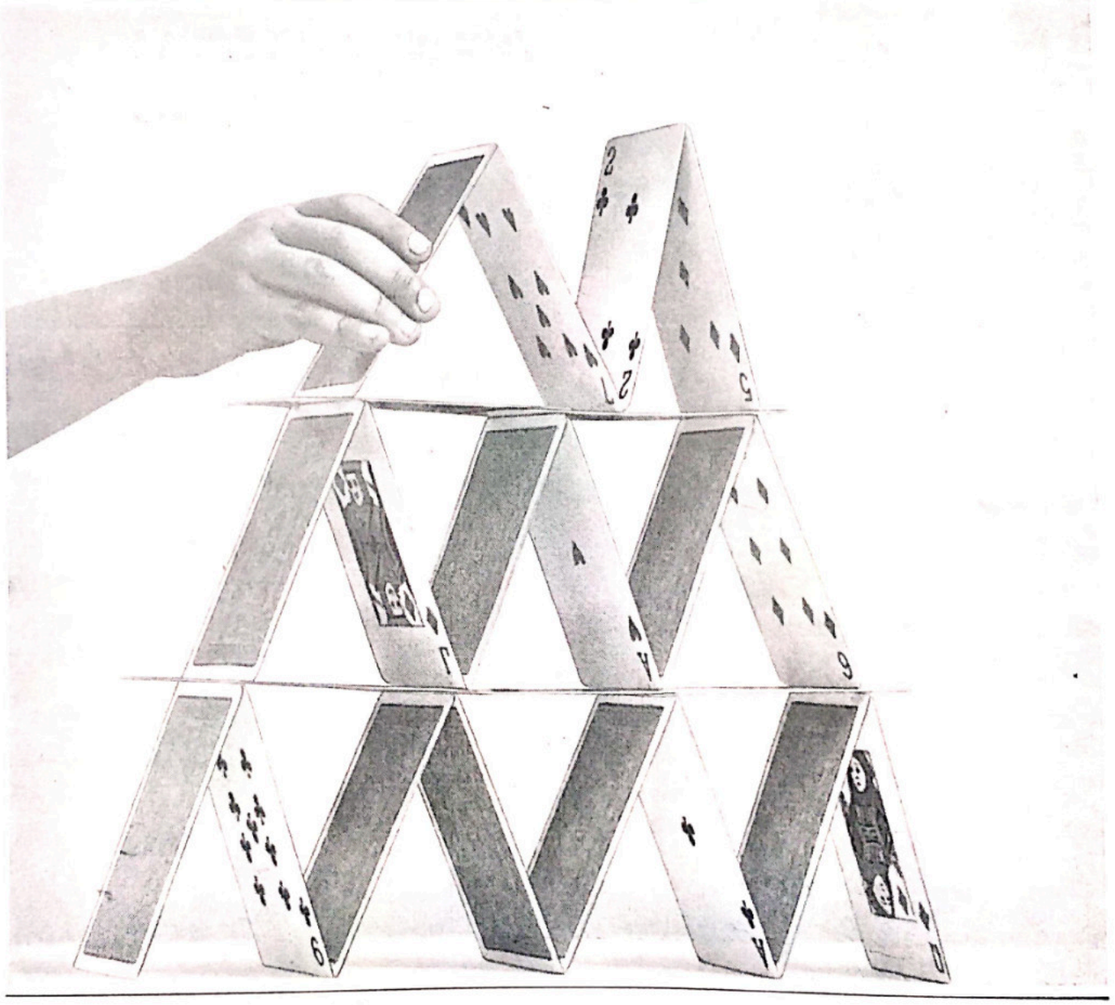
uma linha completa de móveis para
escritório e residência desenhados por
arquitetos de renome internacional.

disponiveis em jacarandá-da-baia e
aço cromado para entrega imediata.

Consulte sem compromisso nosso departamento de planejamento
rua barata ribeiro 200, loja f, tel: 37-6637 rio - gb

FRANKI

fundações ■ infra-estruturas



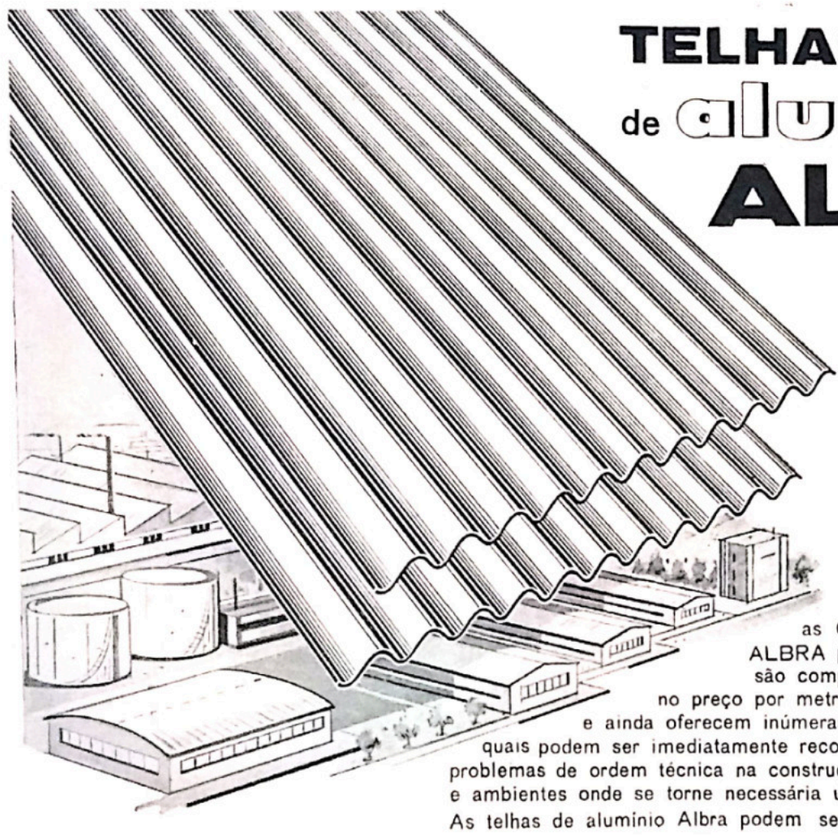
Atenderíamos a todos os construtores, se pudéssemos.

Gostaríamos de atender a tôdas as solicitações de serviço. Mas não podemos: teríamos que mudar nossos padrões técnicos, acelerar nosso planejamento e correr arriscadamente nas obras. Infelizmente o tempo é limitado, para um volume de trabalho ilimitado. Por isso, se alguma vez não pudermos servi-lo com a nossa técnica e a nossa experiência, compreenda-nos.
E não deixe de nos consultar sempre que tiver um caso de fundações e infra-estruturas porque, sempre que pudermos, serviremos.

Estacas Franki Ltda.

Matriz: Rio de Janeiro, Av. Rio Branco, 311-10.º - Telefones 22-7630 e 52-6659
Sucursal: S.Paulo, Rua Marquês de Itu, 266-5.º - Telefone 36-3790
Filiais: P. Alegre, Curitiba, B. Horizonte, Brasília, Salvador e Recife.

TELHAS de alumínio ALBRA



para telhados
ou revestimentos em:

indústrias
armazéns
oficinas
sitios
e fazendas

Fabricadas no
tamanhos padrões
1.220, 1.830, 2.440, 3.05
e 3.660 mm x 890 m
as Chapas Onduladas de Alumín
ALBRA para telhados ou revestimento
são comparativamente mais econômica
no preço por metro quadrado útil de cobertura,
e ainda oferecem inúmeras outras vantagens, algumas da
quais podem ser imediatamente reconhecidas por quem entende
problemas de ordem técnica na construção de prédios, fábricas, usin
e ambientes onde se torne necessária uma proteção maior no serviç
As telhas de alumínio Albra podem ser fabricadas em comprimento
especiais desde 1 até 16 metro

MAIOR ECONOMIA NO RECOBRIMENTO LATERAL!

A perda percentual no recobrimento lateral com chapas de alumínio é de apenas 9% contra 20% do fibro-cimento! É mais econômico e vantajoso o uso de Chapas de Alumínio ALBRA.



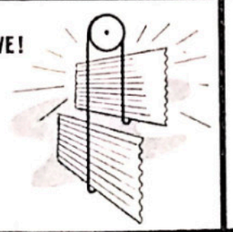
MANEABILIDADE!

Nenhum outro material oferece a plasticidade e resistência do alumínio. Leves e flexíveis, as Chapas de Alumínio ALBRA são fáceis de instalar e duram uma eternidade!



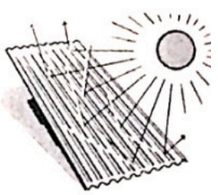
PÊSO ESPECÍFICO MUITO MAIS LEVE!

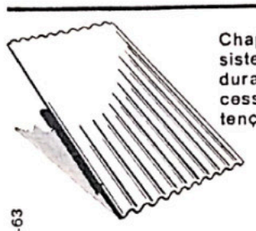
Para uma chapa de alumínio que pese 1.637 kg as chapas de fibro-cimento pesam 15.4 kg — ou seja 9,4 vezes mais pesadas que o alumínio! O alumínio pesa ainda menos da terça parte dos materiais comumente usados: Ferro 7,85 kg — Cobre 8,90 kg.



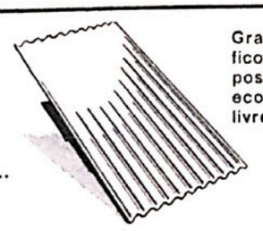
ELEVADA REFLEXÃO DO CALOR!

O alto poder de reflexão do calor é uma das mais importantes qualidades das Chapas de Alumínio ALBRA nas coberturas. Levam excepcional vantagem em comparação com o fibro-cimento e as chapas galvanizadas!





Chapas de Alumínio ALBRA resistem ao calor e à corrosão... duram indefinidamente, sem necessidade de pintura nem manutenção!



Mais leves... mais econômicas... Telhas de Alumínio ALBRA duram tôda vida!

Graças a seu baixo pêso específico, Chapas de Alumínio ALBRA possibilitam estruturas mais leves econômicas e com maior vão livre!

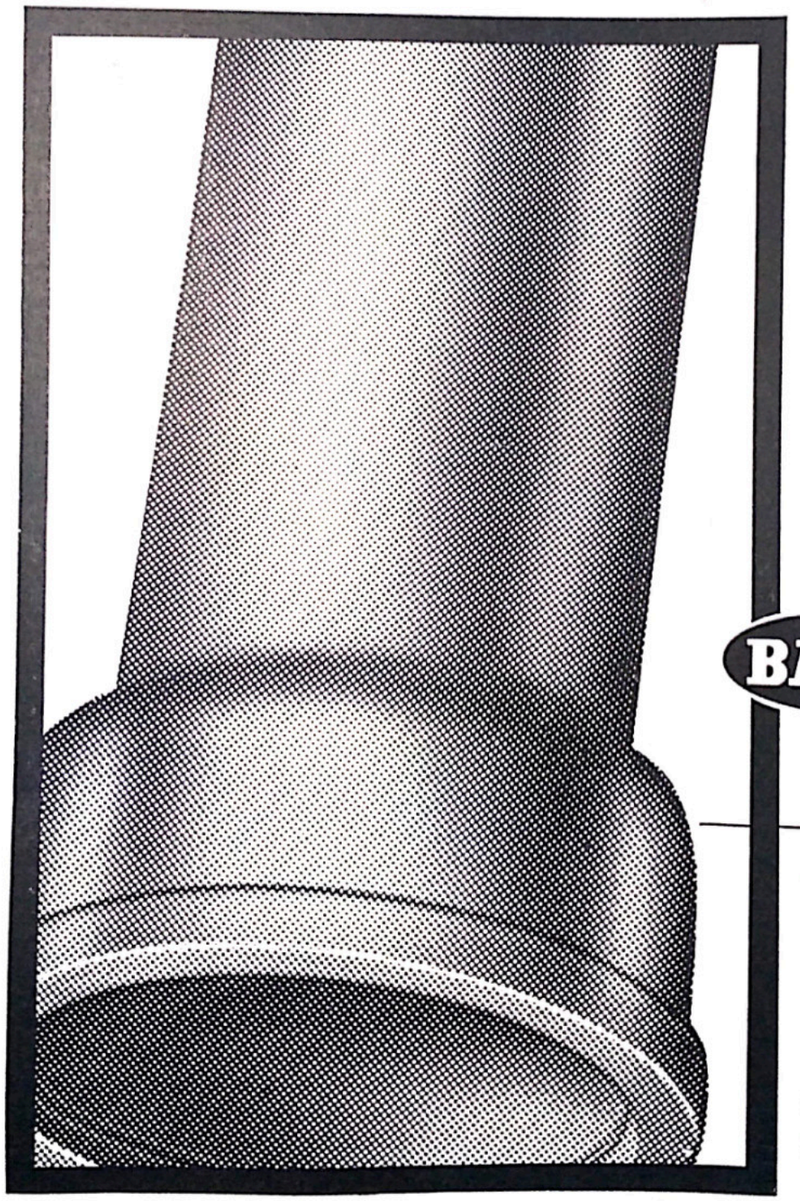
alu - 30-63

ALUMÍNIO DO BRASIL S.A.
Caixa Postal, 8039 - São Paulo.

ALBRA
— o maior nome na indústria do alumínio!

tubos e conexões barbará tipo "esgôto"

Tubos e conexões de ferro fundido são aprovados, sem quaisquer restrições, pela Norma NB-19R da A.B.N.T., para instalações prediais de esgotos sanitários. E a marca BARBARÁ identifica, no Brasil, os melhores tubos e conexões de ferro fundido. Fabricados por centrifugação, os tubos BARBARÁ tornam-se mais resistentes, mais fáceis de serrar, de durabilidade pràticamente ilimitada e superior qualidade. As conexões, fabricadas em fundição inteiramente mecanizada, têm dimensões rigorosas e constantes e sua grande variedade permite executar qualquer traçado de encanamentos.



Fabricados nos diâmetros de 50 mm (2"), 75 mm (3"), 100 mm (4"), 125 mm (5") e 150 mm (6"), em comprimentos de 1 até 4 metros.

BARBARÁ

uma longa experiência a serviço do progresso

companhia metalúrgica barbará

Usinas: BARRA MANSA e S. PAULO
Escritório Central: Av. Almirante Barroso, 72 • 12.º • Tel. 22-9981 RIO DE JANEIRO
Filial: Pça. Pe. Manoel da Nóbrega, 16 • 11.º • Tel. 32-3181 SÃO PAULO
Agências: BRASÍLIA - GOIÂNIA RECIFE - CURITIBA - PÔRTO ALEGRE

Êxito absoluto!



Agradecemos aos nossos prezados clientes a preferência dada ao aço especial para construção

BARRA-MANSA-5000

cujos indices de vendas superaram as nossas expectativas

Fabricantes
SIDERÚRGICA BARRA MANSA S.A.

Vendas
IND. E COM. METALÚRGICA ATLAS S.A.

Rua Rizkallah Jorge, 50 - 14.º e 15.º Andares
Fones: 32-3148 - 32-5146 - Rede Interna - S. Paulo



tempo é dinheiro

Vulcapiso é assentado mais depressa do que qualquer outro tipo de piso. E exige muito menos mão de obra. Por isso é mais econômico. Esta é uma das qualidades de Vulcapiso. Outras você mesmo descobrirá ao especificá-lo em sua próxima obra. Vulcapiso é realmente o mais resistente: 100% vinílico, não quebra, não racha, nem descasca. Nunca!

TRÊS PADRÕES: MÁRMORE, LISO E TERRAZZO. Dimensões: placas de 35 x 35 cm e 75 x 75 cm, com 3 mm de espessura para o padrão Mármore; de 25 x 25 cm e 50 x 50 cm, com 2 mm de espessura para os padrões Liso e Terrazzo. Variedade: 33 belíssimas côres permitem criar os mais originais desenhos de pisos, lambris, colunas, etc. Colocação: rápida e simples. Não precisa calafetar. Vulcapiso não requer raspagem nem polimento. Vantagens extras: excelente isolante termoacústico. Atrito amortecido. Côres inalteráveis. Espessuras uniformes.

Para maiores informações técnicas consulte nosso Departamento de Revestimentos.

vulcapiso

Um produto VULCAN MATERIAL PLÁSTICO S.A.

Av. Rio Branco, 156 - 20º andar - Rio de Janeiro.
Av. Ipiranga, 1267 - 3º andar - São Paulo.
Filiais e Representantes em todo o Brasil.

S. J. de Mello 60.110

ARQUITETURA HOSPITALAR
INSTALAÇÕES DE HOSPITAIS

- O arquiteto e as instalações hospitalares
- Planejamento urbano e rêde hospitalar
- O arquiteto e o planejamento hospitalar
- Planejamento hospitalar e o ensino de Arquitetura
- Os novos hospitais brasileiros
- Novos equipamentos e instalações hospitalares
- A legislação sôbre hospitais
- Fôlha de dados sôbre construções e instalações hospitalares
- E ainda projetos inéditos de hospitais de arquitetos como MMM Roberto, Oscar Niemeyer, Ary Garcia Rosa, Rino Levi, Jorge Machado Moreira e outros.

Êste será o conteúdo básico da edição especial que a Revista ARQUITETURA editará em maio próximo, dedicada ao problema das construções e instalações hospitalares.

Seguindo o mesmo roteiro das edições especiais dedicadas à *segurança e prevenção contra incêndio, às construções esportivas* e ao *móvel brasileiro,* a edição especial de maio apresentará um panorama completo da construção e das instalações hospitalares no Brasil.

Essa edição destina-se a constituir-se num documento permanente de consulta e informação para o arquiteto, o construtor, administradores hospitalares e autoridades ligadas ao problema, que receberão, diretamente, a Revista ARQUITETURA em maio próximo.

Um anúncio nessa edição especial custará o mesmo preço da publicidade normal da revista.

VALORIZE A SUA PUBLICIDADE, ANUNCIANDO NA EDIÇÃO ESPECIAL DE MAIO DA REVISTA **ARQUITETURA,** A MELHOR PUBLICAÇÃO BRASILEIRA DE SEU GÊNERO.

ARQUITETURA

N.º 34 — Abril — 1965

Órgão oficial do Instituto de Arquitetos do Brasil — Revista mensal do IAB-GB — Av. Rio Branco, 277, grupo 1 301 — Publicação da Edtôra Artenova Ltda. - Beco dos Barbeiros, 6 Grupo 201 - GB.

Conselho de Redação: Maurício Roberto, presidente; Edgar Graeff, Ernani Vasconcellos, Henrique, E. Mindlin, Ícaro de Castro Mello, Jorge Machado Moreira, Marcos Konder Netto, Oscar Niemeyer, Paulo Antunes Ribeiro, Paulo Ferreira Santos e Sílvio de Vasconcellos.

Conselho de Direção: Odylo Costa, filho; Alfredo L. Britto — IAB; Maurício Nogueira Batista — IAB.

Conselho de Representantes: Alberto Xavier — IAB-RGS; Jorge Wilhelm — IAB-SP; Vital Maria Pessoa de Mello — IAB-PE; Odilon Santos Neto — IAB-BA; Almir Fernandes — IAB-PR; Elio Vianna — IAB-ES; José Armando Farias — IAB-CE.

Editor:
Álvaro Pacheco.

Redação: redator-chefe — Maurício Nogueira Batista — IAB; secretário — Alfredo L. Brito — IAB.

Colaboradores: Claudius Ceccon — IAB; Luis Paulo Conde — IAB; Ferreira Guilar, Carlos Diegues, Jota, Cléber Ribeiro Fernandes, José Guilherme Melquior, M. Cavalcanti Proença, Luís Miranda Corrêa, Arq. Alberto Vieira de Azevedo, Leandro Tocantins, Fernando Abreu (IAB) e Alex Nicolaieff (IAB).

Editôra Artenova Ltda. — Diretores: Álvaro Pacheco, Odylo Costa, filho — Beco dos Barbeiros, 6, Gr. 201 - GB

Redação: IAB-GB — Av. Rio Branco, 277, grupo 1.301 — tel. 22-1703, — Rio.

Administração, Publicidade e Assinaturas: Beco dos Barbeiros, 6 — grupo 201 — tel.: 31-2641; Rio — GB.

Representante em S. Paulo: REPRENAES — Rua 7 de Abril, 261 — 5.º andar — tel.: 32-3512.

Esta publicação é distribuída gratuitamente a todos os arquitetos no exercício da profissão no Brasil, (3.932), tôdas as firmas construtoras (2.231), escritórios técnicos de urbanismo, engenharia e arquitetura, todos os decoradores e lojas de móveis e decorações do Rio e São Paulo, instituições de ensino superior brasileiras e estrangeiras, associações de classe e entidades culturais nacionais e estrangeiras, repartições públicas federais, estaduais e municipais ligadas à arquitetura, à engenharia e à construção em geral.

Venda avulsa em livrarias e bancas especializadas; preço do exemplar: Cr$ 500,00; número atrasado Cr$ 1.000,00; exterior US$ 1; assinaturas: 1 ano — Cr$ 5.000,00; exterior: US$ 10, tiragem: 12.500 exemplares.

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Composição e Impressão: EDIGRAF — Editôra e Gráfica Ltda. — Pç. Cruz Vermelha, 3-A — Rio.

SUMÁRIO

Editorial

2 A Obra Arquitetônica

Marrocos

Urbanismo, Arquitetura e Desenvolvimento

Rubem Braga e Pierre Mas

Finlândia

11 Arquitetura na Finlândia

Mauricio Roberto

13 Arquitetura Finlandesa

Kyösti Alander

17 **Roberto Burle - Marx**

Haroldo Barros

20 **Plano Diretor de Santo André**

Painel

26 Projeto do *Arq.º Angelo Bruhns* — EDIFÍCIO COMERCIAL EM SÃO PAULO; Auditório para o INSTITUTO DE EDUCAÇÃO "AMÉRICO BRASILIENSE" — SANTO ANDRÉ - SÃO PAULO — *Arq.º Gesel A. Himmelstein;* Sede da COOPERATIVA RIO-GRANDENSE DE TELECOMUNICAÇÕES — *Arq.os Emil Bered, Luis Corona e Roberto Veronese;* CONJUNTO TURÍSTICO "PARQUE DO CALEMBE" — *Arq.os Ruderico Pimentel, Ivan O. Pimentel e Cezar O. Oiticica.*

32 **A Arquitetura e a Educação da Criança.**

Arq.º André Hermant

Galeria

34 O nôvo se renova

Carlos Diegues

35 Uma canção de Varela

José Guilherme Melquior

36 **Inquérito sôbre o Móvel Brasileiro**

37 **Diálogo**

38 **Destaque**

39 **Notícias**

A Obra Arquitetônica

Editorial

Fatos ligados à iluminação do Atêrro da Glória, na Guanabara, obrigam-nos a fazer algumas considerações um tanto óbvias sôbre a unicidade do fato arquitetônico.

O redator responsável pela coluna de artes plásticas do Correio da Manhã, *Jayme Maurício, denunciou, há poucos dias, que a obra do arquiteto Afonso Eduardo Reidy estaria sendo deturpada por um sistema de iluminação inadequado e impróprio, projetado por um especialista norte-americano, arquiteto Richard Kelly.*

Outra notícia, a de que o arquiteto Kelly teria, também, feito um estudo para agregar ao Monumento aos Mortos na II Guerra Mundial *um efeito luminotécnico, sem que os autores desta obra, arquitetos Hélio Ribas Marinho e Marcos Konder Netto, tivessem sido consultados, agrava sèriamente a denúncia formulada por Jayme Maurício.*

Os fatos anunciados são dos mais graves, envolvem aspectos de ética profissional, e não podem ficar, a nosso ver, sem os devidos esclarecimentos.

Êstes fatos estão marcados por uma desastrosa contradição. O especialista em questão aqui veio por solicitação do arquiteto Afonso Eduardo Reidy, cuja morte recente todos nós ainda sentimos e lamentamos.

Sabemos o quanto era Reidy criterioso, exigente e cuidadoso com respeito aos menores detalhes de suas obras. Nos projetos que realizou para o Atêrro da Glória, os quais foram deixados inacabados, Reidy trabalhava com uma equipe que deve forçosamente saber o que êle pensava sôbre a sua iluminação.

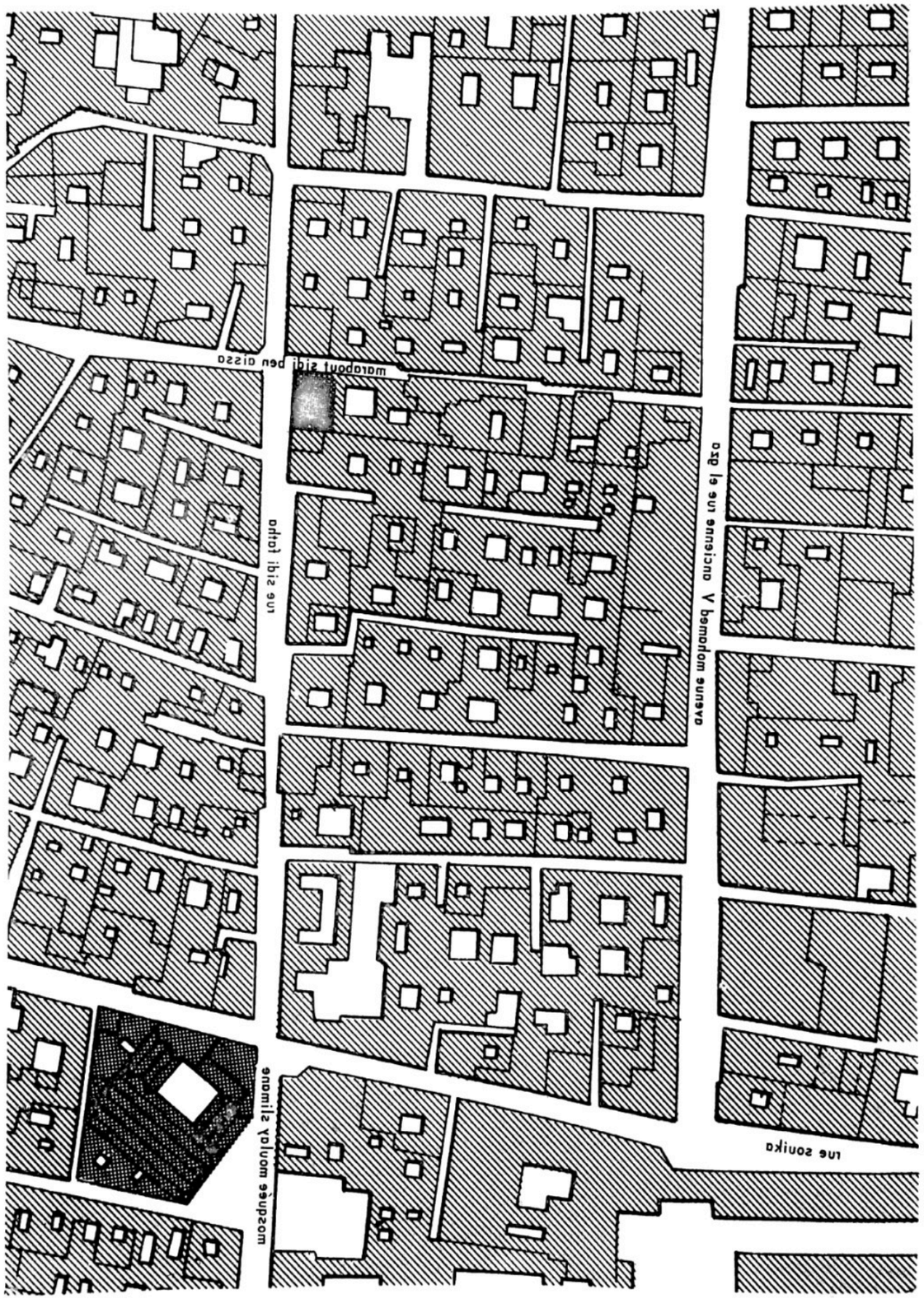
É preciso salientar, ainda, que a obra de Afonso Eduardo Reidy e o Monumento aos Pracinhas são parte substancial de nosso patrimônio arquitetônico. Não devendo, portanto, ficar expostos ao perigo de serem desfigurados por um sistema de iluminação com êles não identificados.

Todos nós, arquitetos, temos consciência da profícua colaboração que outros profissionais emprestam à execução de um projeto. Sabemos perfeitamente o quanto é valioso e indispensável esta colaboração, mas conhecemos, também, as enormes dificuldades que muitas vêzes surgem, entre nós e êsses mesmos profissionais, durante o desenvolvimento dos projetos e da execução das obras. Para saná-las ou para impedir que elas apareçam é preciso que exista entre os membros da equipe fortes laços, gerados pela compreensão e pelo reconhecimento do sentido final e maior da própria obra.

Por esta razão, estamos conscientes do risco a que estão sujeitas as obras deixadas incompletas por Reidy, que não teve sequer um contato com o especialista que, agora, ao que se cabe, foi encarregado de iluminá-las. Em nenhum momento, pensamos em pôr em dúvida a competência e o valor profissional do arquiteto Richard Kelly, mas vemos com preocupação o que esta falta de contato, êste desconhecer das intenções do criador, poderão resultar à sua obra.

A obra arquitetônica é uma coisa una. Não pode ser separada, seccionada, ou decomposta em partes, sob pena de perder aquela qualidade intrínseca que nos leva a reconhecê-la como tal. Nela não existem uma estrutura, um critério funcionalista, uma instalação elétrica ou hidráulica, um sistema de comunicações ou transportes, um detalhe de esquadria ou uma determinada aplicação de material, que tenham validez por si mesmos. Êstes elementos integram a obra. Sem ela, isoladamente, nenhum dêles teria vida. A idéia criadora, a concepção, é que os amalgama, os compõe e os reune para formar um todo único, que sem deixar de ser cada um dêles, se transforma numa entidade nova, com expressão própria.

Não se pode admitir que à uma obra arquitetônica se agregue algo diverso daquilo que inteirava originalmente sua concepção ou que se a mutile. Mesmo porque, a partir de um dado instante, ela passa a independer inclusive de seu próprio criador. Ultrapassado êste tempo, além do qual a obra ganha conotação e feição que lhes dão individualidade e fôrça capazes de despertarem nos que a viram emoções e sentimentos complexos e profundos, ela passa a ser um ente cultural da maior validez, mais forte, conseqüentemente, do que qualquer vontade individual. □



A ordem tradicional: a medina de Rabat:

Urbanismo, Arquitetura e Desenvolvimento

Rubem Braga

Pierre Mas

Os aspectos específicos do planejamento e da Arquitetura dos países em via de desenvolvimento — também chamados países do **terceiro mundo** — não costumam ser dos mais discutidos entre nós. Dedicamos, o que é compreensível, maior atenção ao que neste campo se faz nos países industrialmente mais avançados. No entanto, o Brasil, em seu conjunto, é um país inscrito dentro daquela faixa e, até agora, de pouca e pequena experiência no campo do planejamento.

A Arquitetura brasileira afirmou-se virilmente através do movimento moderno iniciado na década de 30, sem que, paradoxalmente, a estrutura urbana de nossas cidades tivesse sofrido qualquer transformação que a êle se assemelhasse. A boa Arquitetura que se fêz de 30 para cá ficou sôlta, largada, uma obra aqui, outra acolá, sem qualquer maior ou mais orgânica vinculação com o espaço urbano no qual era inserida. Ela desabrocha, em certos trechos da cidade, asseguran-do nos uns poucos momentos de satisfação plástica — nos casos em que sua implantação foi aquinhoada com maior largueza de espaço — ou é apenas uma breve cintilação na massa informe dos quarteirões edificados sem graça pela especulação. Nasceu e quase que se perdeu totalmente em meio ao traçado urbano colonial ou surgiu dentre os lanhos de uma cirurgia huyssmaniana. Nenhum conjunto maior de edificações — salvo os conhecidos exemplos que confirmam a regra — construído daquela época para cá é capaz de revelar a pujança e a atualização de conceitos que foi a marca do movimento da Arquitetura moderna brasileira.

O traço dominante do movimento arquitetônico de hoje em todo o mundo, é o da vinculação cada vez mais estreita entre Arquitetura e estrutura urbana. Arquitetura e planejamento urbano são aspectos de uma única e mesma coisa: o **habitat** do homem. O arquiteto não pode abdicar da tarefa maior que lhe compete: compor o espaço urbano. Dentre os profissionais que atuam no campo do planejamento, êle é o único capaz de fazê-lo. Esta afirmativa não é pretenciosa, nem traduz uma tentativa de eliminar a participação dos demais técnicos. Ela é verdadeira por exclusões sucessivas. Nenhum outro dos profissionais intervenientes no planejamento urbano preocupa-se com a realização concreta, física, espacial da cidade.

O artigo de Pierre Mas que transcrevemos é mais uma contribuição que ARQUITETURA traz aos profissionais brasileiros no estudo dos problemas relativos à Arquitetura e planejamento físico. Êste tema por razões óbvias, tem sido uma preocupação constante de ARQUITETURA. No número anterior, mostramos como êsses problemas têm sido enfrentados na Holanda. Hoje focalizamos as experiências e tentativas de um país do **terceiro mundo**, o Marrocos.

A nosso pedido, Rubem Braga, antigo embaixador brasileiro junto ao reino de S. M. Hassan II, escreveu texto de introdução do trabalho de Pierre Mas.

M.N.B.

Pedem-me algumas notas para servir de introdução ao artigo de Pierre Mas sôbre o Urbanismo nos países do **terceiro mundo**. O autor faz uma referência especial ao Norte da África, e a experiência de desenvolvimento das aglomerações rurais no Marrocos.

Como membro do corpo diplomático fui convidado uma vez por S. M. Hassan II a assistir à inauguração de um desses centros comunais no interior do Marrocos. Era êle localizado no centro de uma região em que, ao lado de uma pequena população agrícola, vivem, ainda dentro de estruturas tribais, grupos seminômades de pastôres. Confesso não ter elementos para avaliar do êxito dessa nobre tentativa de levar às populações mais desamparadas do interior elementos de confôrto e educação.

O problema rural no Marrocos é muito complexo, pois seus dados variam muito de uma região para outra. Pode-se dizer que, de um modo geral a grande exploração capitalista do campo está em mão dos colonos franceses. Só uma pequena parte dessas grandes fazendas foi nacionalizada. Sua sobrevivência deve-se à eficiência da exploração, principalmente de culturas de exportação, como a vinha e as frutas cítricas e, da dificuldade de substituir os administradores franceses por morroquinos. De todos os países do Magrebe, o Marrocos foi o que me-

nos se beneficiou da educação ocidental. Liautey, assim como conservou as **medinas** (cidades árabes, geralmente muradas, de ruelas estreitas e algumas pracinhas) construindo a cidade européia fora de seus muros — algumas delas, como Rabat, me parecem felizes como organização urbanística — deixou aos marroquinos a educação tradicional em suas suas escolas cerâmicas e **medersas** (internatos de instrução secundária) sistema cuja cúpula é a Universidade Islâmica de Fez. Não fêz nenhum esfôrço para educar o elemento local em escolas modernas, reservando estas para os filhos dos colonos europeus, principalmente franceses. O resultado é que o Marrocos chegou à Independência com apenas um politécnico diplomado e grande falta de médicos, advogados, engenheiros, agrônomos, arquitetos e técnicos marroquinos, tanto de nível superior como secundário. O país viu-se sem quadros próprios para se dirigir, não sòmente no que toca à administração pública como às emprêsas privadas. A pequena elite que fêz a Independência e que em grande parte ainda domina o país, é de marroquinos que nasceram ricos, tendo meios para estudar por conta própria em França. O grande esfôrço empreendido depois da Independência só agora começa a produzir seus primeiros frutos.

Cidades como Rabat e Casablanca podem ser divididas em três partes: a **medina**, cidade árabe, em cujo seio está a **mellah**, cidade de judeus, a cidade moderna, habitada por europeus e por marroquinos de melhor nível de vida; a **bidonville**, **cidade de lata**, ou favela, habitada geralmente por gente vinda do campo. Em quarto é último lugar os conjuntos de habitações populares, iniciativa de órgãos estatais para tentar resolver o problema dessas favelas.

O crescimento das favelas não parece ser fácil de impedir nas condições atuais. A elevada taxa de natalidade no campo, e a diminuição da mortalidade infantil faz com que excesso de população rural procure as cidades em busca de empregos que a indústria, ainda incipiente, não pode fornecer na medida estimável. Ao lado de grandes propriedades — capitalistas, umas, outras de feição feudal — o Marrocos tem regiões de minifúndios, e mesmo algumas, nas zonas semi-áridas, em que não existe sequer a questão da propriedade do solo, mas sòmente a de direito de utilização da água. Seu problema rural é, portanto, muito intricado e a reforma agrária várias vêzes anunciada pelo Govêrno não teve, até agora, resultados práticos. Assim as cidades continuam a receber excedentes de população — especialmente Casablanca — o que agrava o problema abordado nêste artigo por Pierre Mas.

A situação da Argélia é muito diferente, em face da desapropriação das propriedades de estrangeiros e da experiência socialista que ali se tenta. Na verdade não acredito que seja viável a emancipação econômica dêsses países — Tunísia, Argélia e Marrocos, o primeiro notável pela sua riqueza em quadros — sem uma união econômica e política. Infelizmente, êsse sonho do "Grande Magrebe Unido", para o qual mais de uma vez já foram dados os primeiros passos, parece agora de efetivação distante □

Rabat: à esquerda, loteamento equipado (incluindo prédios públicos) destinado a receber as novas construções dos habitantes (econòmicamente capazes) da favela vizinha.



I — O crescimento demográfico nos países do "terceiro mundo" provocará um desenvolvimento inacreditável da população urbana.

A Humanidade acaba de ultrapassar a cifra dos três bilhões de indivíduos; calcula-se que até o fim do século a população mundial atingirá os sete bilhões. Nunca os continentes abrigaram tantos homens, jamais as cidades foram obrigadas a enfrentar um crescimento tão rápido...

Nestes últimos dez anos, os demógrafos vêm alertando a opinião pública sôbre estas questões. Os problemas da fome e do emprêgo passaram a inquietar, em primeira plana, os homens mais conscientes.

Mas, a moradia, necessidade essencial, — uma vez assegurada a sobrevivência — apresenta-se aos responsáveis como um problema de transcendental importância, que jamais poderá ser resolvido através de soluções improvisadas.

Dos sete bilhões de homens do ano 2.000, quantos viverão em aglomerações urbanas e como serão construídas as cidades? Nada sabemos a respeito, mas é certo que profundas transformações se farão sentir na distribuição das populações rurais e urbanas dos países em desenvolvimento.

Estas transformações já se efetuam em ritmo acelerado — muito mais ràpidamente do que nos países onde os efeitos das primeiras revoluções industriais se fizeram sentir há um século — em razão de um crescimento demográfico mais elevado.

O processo se desenvolve a nossos olhos: por tôda parte no mundo, cidades nascem e crescem em desordem:

— porque êste desenvolvimento não foi previsto;
— porque êle é ignorado, voluntária ou involuntàriamente, pelos responsáveis;
— porque não se aceita, em sua solução, a aplicação de idéias novas e audaciosas

A África, não consideradas algumas regiões particulares do norte do continente, jamais conheceu uma civilização urbana. Ora, desde há vinte anos, se assiste, por tôda parte, a eclosão de novas cidades. E as cidades do Magrebe nos próximos vinte anos verão suas populações serem duplicadas.

II — No estado atual de sua economia, com um ritmo de investimento insuficiente para criar trabalho urbano necessário, os países do "terceiro mundo" devem evitar, tanto quanto possível, uma imigração urbana maciça.

Com efeito, as grandes aglomerações urbanas que não reunem senão imigrantes sem recursos e sem trabalho não podem ainda ser consideradas cidades. São, freqüentemente, aglomerações rudimentares e fracamente estruturadas, que podem ser comparadas a imensos acampamentos provisórios. Produto do êxodo dos campos, estas comunidades humanas são ainda instáveis:

— importante contingente de "população flutuante" à procura de trabalho e pronta a encetar nova caminhada na primeira oportunidade;
— estrutura desequilibrada, com forte excedente de homens jovens.

Um desenvolvimento econômico não proporcional ao crescimento demográfico, (devido sobretudo à insuficiência dos investimentos industriais) é causa da inexistência dessa *diversificação das atividades* que é a essência mesma e a justificação da cidade (no sentido em que se a entende nos países desenvolvidos).

Paradoxalmente, assiste-se, em compensação, à proliferação das atividades terciárias, que oferecem "serviços" àqueles que não têm recursos, o que é desastroso do ponto de vista econômico.

No plano social, esta urbanização maciça corre o risco de ser catastrófica: êsses aglomerados urbanos de desempregados famintos podem certamente provocar situações explosivas, embora se deva admitir que a violência não é, geralmente, uma característica das populações mais pobres. Em todo caso, o progresso social nada tem a lucrar com a desordem, o caos, a miséria.

Mas, é sobretudo através das condições de moradia da célula familiar que o problema social se apresenta mais agudamente: o superpovoamento, o empilhamento, a promiscuidade, o "parasitismo familiar", característicos das favelas, têm sido freqüentemente descritos.

Êles foram revelados recentemente ao grande público através do livro de uma brasileira, (M. C. de Jesus: Quarto de Despejo), cujas observações e conclusões são válidas para todos os países subdesenvolvidos, onde aparece essa forma universal de miséria. O pior de todos os males de que padece o morador dêsses bairros deserdados, talvez seja o sentimento que êle tem de ser rejeitado, afastado, colocado de lado pela sociedade. As favelas desagradam à vista e aos bons sentimentos; são transferidas então. Expulsas para mais e mais longe, à medida que a cidade se expande, gerando um forte sentimento de frustação que se desenvolve vivamente na consciência do morador dessas zonas malditas.

III — Diante dêsse estado de fato, a tentação de "tratar do problema social" leva os responsáveis a construir habitações urbanas. Cremos ser um êrro.

Com efeito, a moradia, bem de consumo de custo elevado, constitui um "investimento demográfico" (segundo M. A. Saury) que de imediato empobrece um pouco mais a coletividade.

Como as necessidades são enormes e não podem ser senão muito superficialmente satisfeitas, as moradias são, efetivamente, reservadas a uma classe privilegiada que já se beneficia de renda para pagar um aluguel ou a prestação da amortização da compra de uma moradia.

Agindo assim, o Estado alimenta a ilusão de que atenderá um dia às necessidades futuras de todos os seus habitantes e, justamente por isso, *encoraja o êxodo rural*: como corolário êle desestimula os investimentos particulares na moradia; mas, como o Estado ou as coletividades locais não dispõem de recursos suficientes, as favelas crescem na anarquia e no abandono, sem que solução alguma seja tentada para acolher, enquadrar e facilitar a adaptação dos novos imigrantes.

E o problema se agrava, apesar dos esforços e sacrifícios aceitos pela coletividade.



Salé — Em primeiro plano, uma "trama sanitária", bem equipada e integrada à cidade

Nos países do "terceiro mundo", onde os recursos permanecem essencialmente agrícolas, é no campo que os esforços mais importantes devem inicialmente ser empreendidos.

Trata-se-á notadamente de definir, no quadro do equipamento do conjunto do território, novos grupamentos de produção (e de caráter mais urbano) onde as vantagens do equipamento cultural e social poderão ser econômicamente aproveitadas pelas populações rurais, em condições capazes de concorrer com as vantagens psicológicas e sociais que os imigrantes esperam encontrar nas cidades.

"O descongestionamento das grandes cidades começa com a criação de cinemas, de comércio e de escolas no campo" (H. Chomette).

Uma experiência interessante, se bem que ainda modesta, é atualmente empreendida nesse particular, no Marrocos. Uma legislação especial estabelecida em 1960, permite a organização de planos de desenvolvimento para as aglomerações rurais. Até agora, foram adotados planos dessa natureza em uma centena de aglomerações, visando transformá-las em focos de desenvolvimento no meio rural.

Entretanto, quando existe um superpovoamento rural, a imigração para as cidades é inevitável; e mesmo, em certos casos, necessária para permitir o aumento da produção e modernização da agricultura (que tende, freqüentemente, a reduzir a quantidade de mão-de-obra agrícola).

IV — O esfôrço de "organização do espaço" deve abranger todo o território.

A primeira preliminar é de ordem administrativa. Com base na experiência, é preciso reconhecer que é inútil pretender levar a bom têrmo operações urbanísticas sem se ter uma administração municipal eficiente. Essa administração na maioria dos casos não existe; ou é arcaica ou deficiente, tècnicamente mal-equipada e mal-adaptada aos problemas a resolver.

A segunda preliminar se refere à regulamentação dos problemas territoriais. É preciso resolver os problemas acarretados pela propriedade individual do solo. Êste problema não existe para certos países do "terceiro mundo" o que, para êles, constitui uma *chance* excepcional. Nos países onde o solo ainda é propriedade particular, a municipalização do solo, ou a constituição de importantes reservas territoriais pelo Estado ou pela coletividade local, apresenta-se como a única solução. É indispensável conservar a propriedade do solo urbano para ser possível controlar, em tempo, a evolução das cidades.

Uma outra solução, menos radical mas não despida de interêsse foi estabelecida na Tunísia. A lei n.º 61-2 de 2 de janeiro de 1961, prescreve à construção os terrenos situados nos perímetros comunais e regulamenta sua alienação. Os proprietários de terrenos dispõem de um prazo de dois anos para construir ou ceder êsses terrenos por preço fixo e controlado pelo Estado, a quem se obrigue a satisfazer a condição imposta: construir no prazo de dois anos.

V — Com a ressalva de duas preliminares, as operações de urbanismo nos países em via de desenvolvimento podem se revestir de caracteristicas novas e originais.

VI — Nos países do "terceiro mundo" um "urbanismo ativo" pode ajudar à cr.ação evolutiva das cidades em formação.

Atendidas as preliminares administrativas e territoriais, que se poderá fazer com os meios disponíveis?

Em oposição ao Urbanismo tradicional e regulamentar (baseado nas proibições) os esforços combinados da administração municipal e do urbanista *contribuirão para orientar o desenvolvimento das "cidades em formação"*.

As necessidades fundamentais dos homens que vivem em coletividades são, em tôda a parte, as mesmas, sejam quais forem as condições do meio: necessidades do corpo e do espírito, necessidades individuais e coletivas.

Será preciso portanto, no conjunto de um plano urbanístico calculado em função das necessidades previstas:

1.º — consagrar todos os recursos de que se possa dispor à realização da infra-estrutura urbana definitiva (traçado e equipamento das vias principais, rêde de abastecimento de água, saneamento, espaços livres, etc.) e de um equipamento cultural e social tão completo quanto possível (Não se pode permitir a aglomeração de sêres humanos sem a previsão da indispensável realização de uma infra-estrutura relativamente dispendiosa que sòmente o Estado ou as coletividades públicas podem assegurar).

Esta realização assegurará uma *estruturação dos bairros capaz de satisfazer as necessidades coletivas* dos novos habitantes. A organização dos bairros, o dimensionamento das unidades de vizinhança determinarão as verdadeiras unidades das relações sociais. A realização de um equipamento cultural e social simples, mas de qualidade arquitetural indiscutível oferecerá um duplo interêsse: educar a população, através do seu valor estético e social intrínseco, e constituir um elemento de dignidade, uma garantia de esperança para o cidadão;

2.º — integrar, em vez de rejeitar, os novos habitantes na cidade em formação, autorizando os imigrantes a construir uma habitação modesta (tipo barraco, mesmo) *mas que deverá ter caracteristicas de moradia provisória*, nas zonas de acolhimento preparadas para êsse fim. (Apesar do rigor de seu princípio, o método deverá ser aplicado com uma certa flexibilidade na forma, para evitar o sistematismo das soluções muito rígidas).

As densidades dessas zonas poderão ser normais desde o começo, equivalentes às densidades futuras (rentabilizando, assim, o equipamento definitivo). Em seguida, na medida das possibilidades econômicas dos indivíduos ou da coletividade, a evolução da moradia poderá ser logo considerada.

A administração municipal, entretanto, deverá exercer um rigido contrôle da evolução da construção, para evitar os desastrosos efeitos do superpovoamento. Será necessário educar a população para despertar sua atenção sôbre os perigos que poderiam resultar de uma evolução descontrolada das zonas.

Assim, durante algum tempo, enquanto não se fizerem sentir os efeitos do desenvolvimento dos investimentos nacionais, essas cidades serão constituídas de habitações bem modestas, pobres mesmo; mas elas serão limpas, ordenadas; bem administradas e equipadas na medida do possível.

Certamente, êsses princípios não são inteiramente novos. Êles foram enunciados há uma dezena de anos, mas, pelo que conhecemos, jamais foram aplicados em escala suficientemente grande e jamais, nas tímidas experiências efetuadas, os responsáveis tiveram a coragem e a paciência de ir até ao fim.

Porque, nesse domínio, efetivamente, é muito forte a tentação de ceder à demagogia. Não se deve pensar em favorecer alguns. É preciso agir igualmente em benefício de todos: simples preocupação de eqüidade social. Trata-se de colocar cada um em seu lugar segundo uma ordem deliberadamente aceita por todos.

Isso exigirá a modificação da concepção do papel do urbanista. A evolução rápida das cidades em formação tornará necessária a presença freqüente do urbanista, oferecendo uma ajuda real à administração em todos os problemas que se lhe apresentam.

O Urbanismo é uma obra coletiva que necessita de uma trabalho de equipe; êsse trabalho não pode ser efetuado senão no local mesmo, porque êle exige um conhecimento íntimo da região, da cidade e do espírito de seus habitantes.

Essa condição é indispensável também para a obtenção da confiança dos responsáveis.

Para assegurar a continuidade de concepção, a unidade de direção e a permanência indispensável, é necessária à instalação, em cada país ou em cada região, de uma equipe de urbanistas.

Essa fórmula exclui, portanto, todo o "urbanismo de pára-quedas" (I) que não serve senão para estabelecer belos relatórios regulamentares de projetos válidos por um tempo muito curto e freqüentemente ultrapassado ou tornado caduco pela evolução extremamente rápida das ideias ou dos fatos.

(I) *urbanisme parachuté*

VII — A Arquitetura terá seu lugar nessa cidade em formação.

Poder-se-á objetar que se trata, no caso, de cidades subdesenvolvidas, de cidades baratas, que tudo isso é desumano e que a Arquitetura não terá lugar aí.

O urbanista e o arquiteto utilizam os mesmos materiais, visam os mesmos objetivos, empregam os mesmos métodos. Se trabalham em escalas diferentes, são os dois condicionados pelo meio natural, pelo meio social e pelas condições técnicas e econômicas com que se defrontam.

O Urbanismo, respeitando as leis naturais pela correta exploração da região, definindo na cidade a justa localização de tôdas as atividades humanas e propiciando melhores condições, melhores relações sociais, criará as condições básicas a tôda Arquitetura (Hoje, não pode mais haver Arquitetura de qualidade, dentro de um mau Urbanismo ou na ausência do Urbanismo, quando não há uma boa localização das atividades humanas. Uma obra de Arquitetura que não se integre harmoniosamente no conjunto urbano não é uma obra bem sucedida.

A Arquitetura, materializando o conjunto de tôdas as atividades humanas assim organizadas, será o meio de expressão e de complementação do Urbanismo.

Haverá um bom resultado quando houver *fusão das duas disciplinas*. Nada nos impede de imaginar que essas cidades serão belas: elas serão o resultado de obra dos homens; o Urbanismo e Arquitetura estarão presentes ou então a desordem será instalada.



Meknès — Uma expressão arquitetônica nascente.

Elas exigirão das equipes de urbanistas e arquitetos que as conceberão, mais trabalho, mais pesquisa, mais paciência e modéstia que em outras circunstâncias.

A qualidade arquitetural das construções e do equipamento coletivo, antes de tudo, darão o tom; essas realizações definirão o caráter social da Arquitetura do "terceiro mundo". Suscitarão, sem dúvida, uma renovação da expressão arquitetônica tradicional, que não deverá ser negligenciada.

No passado, os princípios da organização das cidades foram o resultado de uma lenta elaboração ao correr do tempo, dentro de tradições bem estabelecidas. Hoje, trata-se de enfrentar, dentro de curto espaço de tempo, necessidades que crescem sem parar e que evoluem ràpidamente.

Estas considerações não são nada sedutoras, nós, o sabemos; mas parece-nos representar um primeiro esfôrço de uma organização imediata, para fazer face a um afluxo desordenado e, sobretudo, para permitir a preservação do futuro das cidades do "terceiro mundo".

É preciso, primeiramente que os responsáveis tomem consciência dos verdadeiros problemas (até aqui — por mêdo ou por ignorância? — êsses problemas foram esquecidos) de sua amplitude, de sua importância e de suas conseqüências. E que, em seguida tenham, também, a vontade e a determinação de agir.

Sòmente nestas condições, o Urbanismo, método ativo de administração, gerador da ordem (conseqüentemente, da Economia) poderá impor-se nos países em desenvolvimento, evitando o desperdício e o caos e proporcionando à Arquitetura novas e originais possibilidades da expressão. □

Bibliografia

A. Sauvy — "De Malthus à Mao-Tsé-Tung". Editions Denoel, Paris "Malthus et les deux Marx", Editions Denoel, Paris.

R. Domunt — "L'Afrique Noire es mal partie", Editions du Seuil, Paris.

P. Mercier — "La poussé urbaine dans les pays en voie de développement", Revue Confluent, n.º 34, outubro 1963.

F. Fourastie e C. Vimont — "Histoire de demain", Collection Que sais-je? Editions Presses Universitaires, Paris.

R. Auzelle — "Plaidoyer pour une organisation consciente de l'espace", Editions V. Freal, Paris.

M. C. de Jesus — "Le depotair", Editions Stock, Paris.

H. Chomette — "L'urbanisme en Afrique". Estudo não publicado.

Arquitetura na Finlândia

Mauricio Roberto

Para se entender e apreciar a Arquitetura finlandesa eu pediria ao visitante dessa exposição que, antes de penetrar no recinto, considerasse os seguintes fatos:

que a Finlândia é um País relativamente pequeno, tem uma densidade populacional de 15 habitantes por quilômetros quadrado; entretanto, o nível de vida de sua população está entre os dez melhores do mundo;

que a Finlândia sempre foi notada pelo grande número de arquitetos talentosos que possui, em relação;

que a Finlândia é um país de gêlo e muita madeira. No inverno, um sol baixíssimo, às vêzes muito brilhante, está sempre presente. As grandes sombras projetadas sôbre a neve, a percepção do "clima" azul que essa mistura dá ao ambiente, a verticalidade escura das florestas saindo do branco, tudo isso está presente, influenciando a Arquitetura dêsse País;

que a principal qualidade da Arquitetura finlandesa não está num vedetismo de fachada ou numa esquisitice de planta. Está, sim, na sua sempre lógica concepção do partido e na noção sempre perfeita, da implantação da obra do terreno;

que a Arquitetura finlandesa é sempre limpa, honesta e fiel como deve ser uma boa arquitetura.

Seus exemplos não causam impacto inicial. Estão — apesar da constante procura do mais belo, do mais original do mais lógico para cada solução bem longe da procura da escultura arquitetônica.

Como certas mulheres — que, não sendo lindas à primeira vista, despertam, porém, grande interêsse; não impressionando muito aos homens no primeiro contato, fazem dêles amantes violentíssimos logo que, com êles, começam a falar, a se comunicarem, a se fazerem entendidas — a Arquitetura finlandesa necessita ser vista com cuidado, estudada e analisada para ser admirada.

Esta é a sua grande qualidade. A primeira impressão às vêzes desaponta e geralmente se esquece. O conhecimento, a verdadeira admiração, fica para sempre:

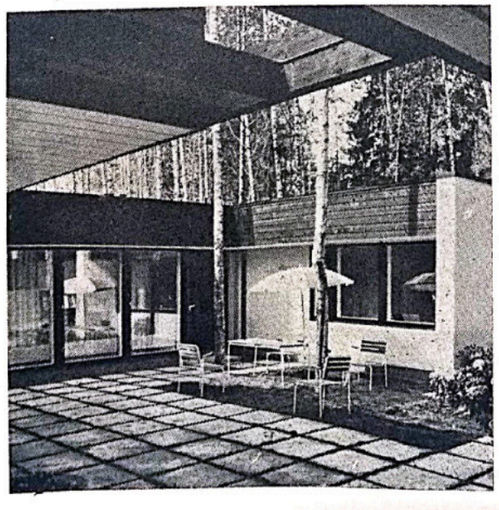
que, em virtude de possuir, ao lado da sua ótima Arquitetura, um desenho industrial avançadíssimo, há sempre uma harmonia perfeita entre o prédio e o seu equipamento interior;

que no pós-guerra, em virtude da industrialização muito rápida e da ocupação da Carélia pelos russos, as cidades finlandesas receberam o impacto da vinda de quase tôda a população rural e dos 500 mil habitantes daquela região.

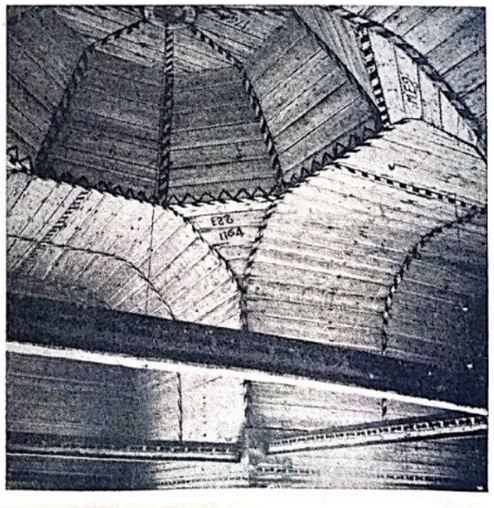
Um programa gigantesco de habitação, começado em 1958, criou as novas cidades satélites finlandesas, dando oportunidade a todos os arquitetos de talento.

Os camponeses, exigindo nas cidades condições de vida parecidas com as que tinham recentemente deixado, forçaram o aparecimento de cidades jardins — que já existiam na Ingla-

Pentti Ahola: Casas com pátio, Tapiola, 1962



Igreja de Petajavesi, 1763 - 64



terra, há cêrca de 85 anos, planejadas de forma perfeita. Veja-se o exemplo de Tapiola, com alguns edifícios presentes a esta exposição:

que os arquitetos finlandeses possuem um admirável domínio da técnica da construção de madeira;

que a tradição da Arquitetura finlandesa, principalmente a tradição da construção de madeira, não aparece, hoje, como cópia dos antigos processos construtivos.

Não são dois pilares finos de concreto armado, como se fôssem tábuas, segurando lateralmente uma viga de concreto, como se fôsse peça de madeira.

Não são vigas de concreto que se cruzam, deixando as pontas aparecendo para dar a sensação de encaixe.

Não. A tradição, ainda no exemplo da construção de madeira, está no subconsciente dos arquitetos de hoje. A facilidade da curva, as inclinações das superfícies verticais, a vêrdade estrutural, os recortes de suas obras, com seus planos curtos (influência do tamanho limitado da madeira que tinham de empregar), etc., estão presentes em quase tôdas as obras finlandesas.

Que, se aliando a isso — com a adaptação, apenas, dos novos hábitos, dos novos materiais e dos novos processos construtivos — a fidelidade não só da Arquitetura ao tipo de gente para a qual é feita como, também, da sua adaptação à natureza, tem-se o uso correto do que seja tradição;

que é perfeita a noção de escala humana que possuem os arquitetos finlandeses.

Suas salas, suas varandas, seus teatros, suas paredes são todos projetados não para monstros, mas para homens de estatura normal.

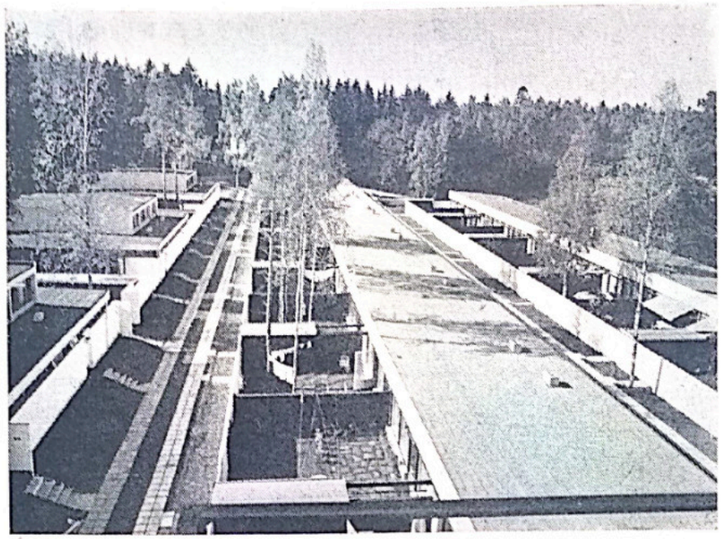
E se a todos êsses fatos acrescentarmos a frase do Alvar Aalto:

..."eu penso que, atualmente, o inimigo número um da arte contemporânea é o moderno formalismo não tradicional, onde os elementos inumanos são predominantes.

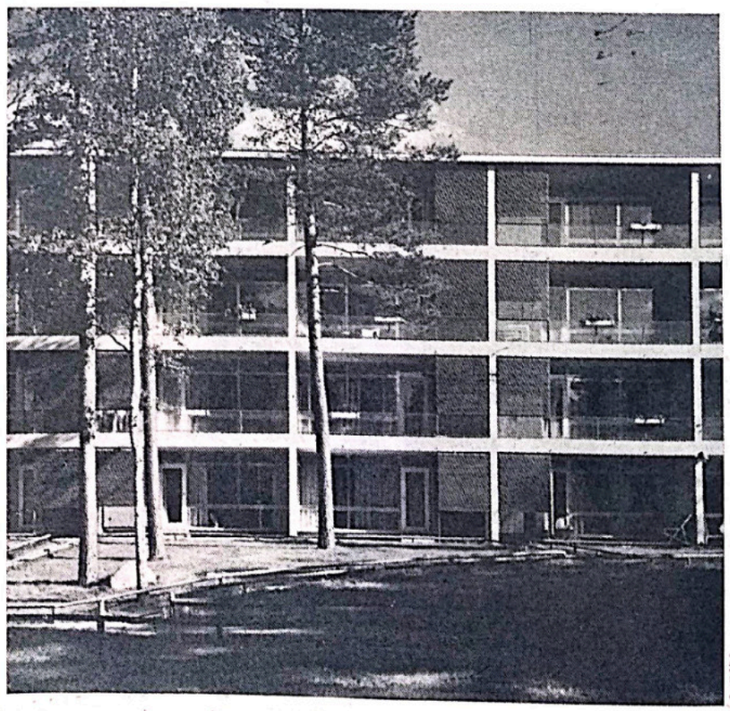
Verdadeira Arquitetura — a coisa real — sòmente é encontrada onde tudo é centralizado em tôrno do homem".

O visitante estará preparado para apreciar os painéis a entender o valor dessa exposição. □

* Texto de apresentação do catálogo da Exposição de Arquitetura Finlandesa, inaugurada no Rio neste mês de abril.



Toivo Korhonen & Jaakko Laapotti: Casas com pátio, Espoo, 1959.



Viljo Revell: Apartamentos em Tapiola, 1958.

Arquitetura Filandesa

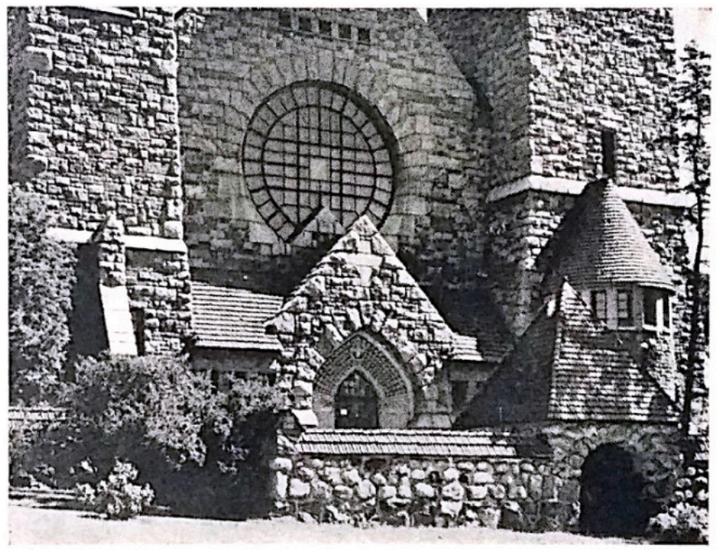
Kyösti Älander

Enquanto o Art Nouveau freqüentemente recorria a detalhes decorativos para obtenção de efeitos, o estilo "Romântico Nacional Finlandês" tirava partido plástico dos materiais usados sem floreios. Madeira e granitos eram os mais usados, obtendo-se resultados fortes e expressivos. Lars Sonck, o construtor da Catedral de Tampere (1902, Fig. 1) é considerado o expoente mais brilhante do autêntico estilo romântico.

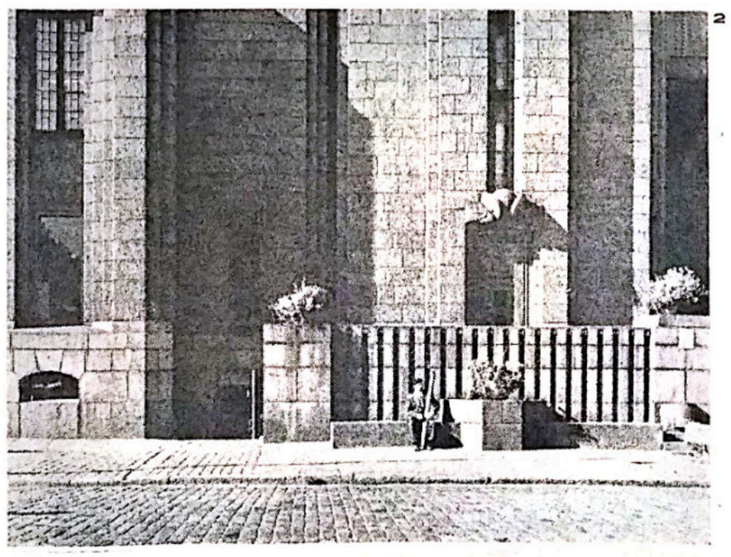
Sucedendo à escola romântica surgiu um movimento racionalista. Contribuiu para a implantação das idéias arquitetônicas modernas o exemplo de Eliel Saarinen, que desenvolveu um estilo monumental próprio. Plàsticamente se caracterizava por um movimento vertical que se desenvolvia de um volume horizontal dominante. A principal obra de Saarinen na Finlândia é a Estação Central Ferroviária de Helsinque (1904)—construída entre 1910 e 1914 — Fig. 2). De grande importância é também seu plano urbanístico para essa cidade, feito em 1918 e no qual já se verifica uma nítida tendência para uma ampla descentralização.

A nova Arquitetura, o funcionalismo, só atingiu a Finlândia nos últimos anos da década de 20. A exposição de Turka projetada por Alvar Aalto e Erik Brygman, em 1929, tornou-se o marco do movimento. A mudança verificada na Arquitetura finlandesa foi completa e rápida ao contrário do que ocorreu em outros países. As primeiras obras de Brygman, Huttunen, Lindgren e outros revelam grande maturidade. Num plano a parte, estão o Sanatório de Paimio (1929-33) e a Biblioteca de Viipuri (1929-35), de Aalto, consagradas como obras clássicas da Arquitetura contemporânea.

O chamado funcionalismo branco, apesar de seu internacionalismo, re-

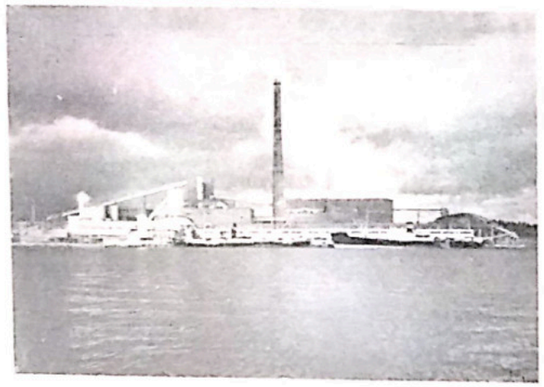


1

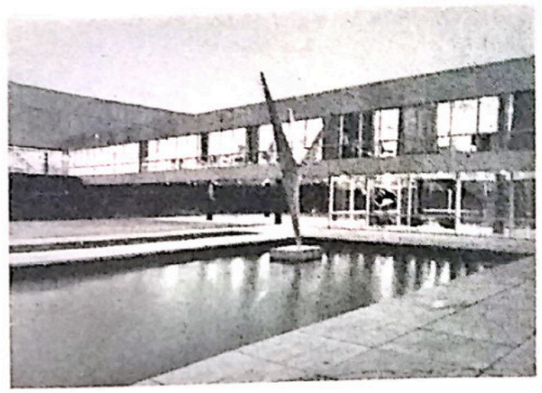


2

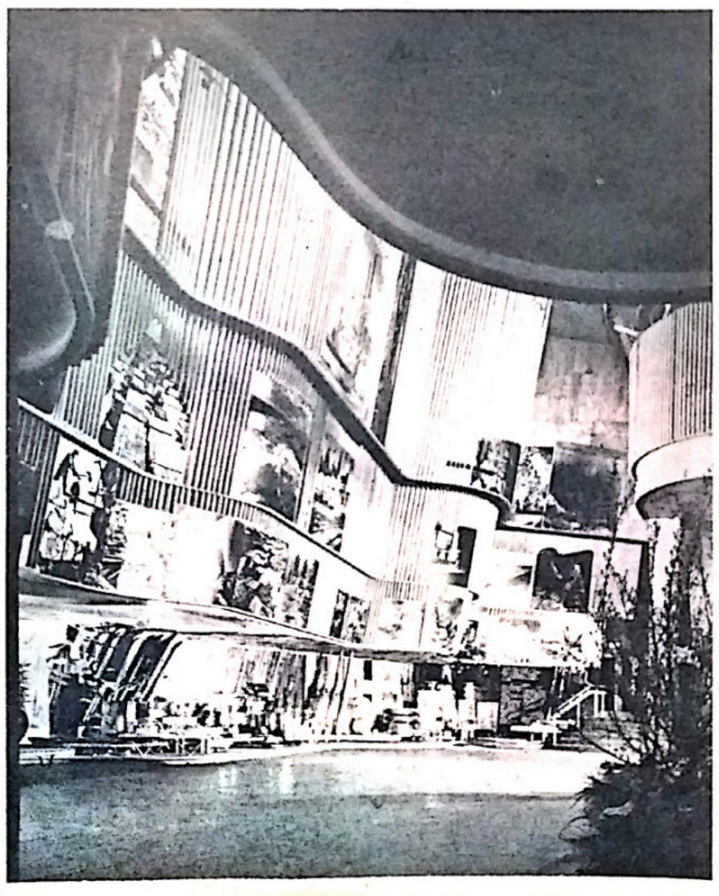
3



5



4



cebe um tratamento particular na Finlândia. Uma certa ênfase na solidez, caracteriza a maior parte das cbras deste período conferindo-lhes considerável monumentalidade e alcançando mesmo intensidade dramática nas obras de Blomstedt.

Na década seguinte, novas idéias foram desenvolvidas resultando uma expressão artística diversificada. Aalto, sobretudo, atraiu a atenção de outros países, através de suas poderosas criações. Sua fábrica de celulose em Sunila (1936 39 — fig. 3) e a casa com terraços de Kauttua (1938-40) aprofundam o estudo da adaptação da Arquitetura ao terreno. Formas livres e cuidadosa aplicação de materiais (principalmente madeira) caracterizam seu trabalho (Pavilhão Finlandês na Feira de Nova Iorque — 1939 — fig. 4).

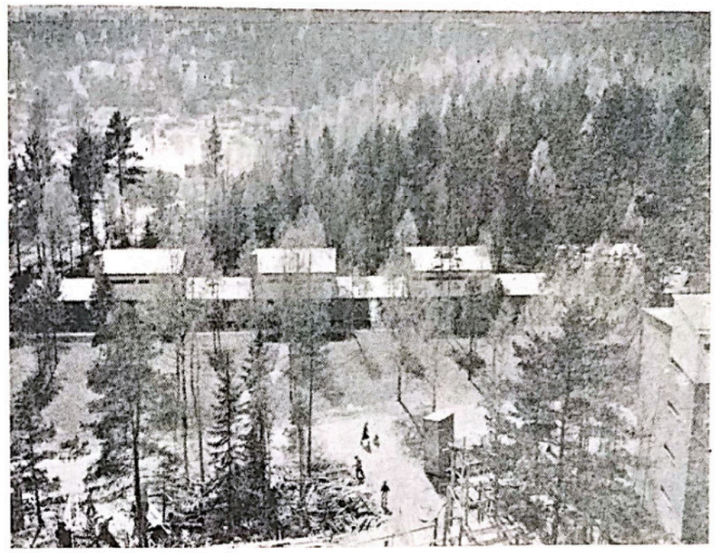
Durante a guerra, houve uma grande retração na construção e nas poucas obras erigidas nota-se o abandono gradativo do cubo, dando-se preferência à formas funcionais menos rígidas. Dêsse período podem ser citadas algumas obras: Vila Olímpica, dos arquitetos Ektlund e Valikangas (1940), o Estádio Olímpico de Lindegren e Toivo Jautti (1934-40) e a capela do Cemitério de Turku, do arquiteto Brygman (1938-41).

A década de 50 traz um nôvo surto de atividades, mantendo os trabalhos a continuidade das normas racionalistas e construtivistas. Notava-se influência americana nos projetos de Aarne Ervi e Viljo Revell.

O escritório de Revell torna-se um centro de divulgação da Arquitetura racionalista, influenciando a nova geração. O brilhante e simples projeto para uma indústria têxtil em Hanko (1955 — fig. 5) é típico do estilo de Revell.

Apesar do racionalismo que dominou esta década, são mantidos alguns dos princípios desenvolvidos na década de 30. As formas pesadas e vigorosas da Arquitetura finlandesa são bem diferentes do purismo preciosista do estilo internacional. O sentimento para com os materiais e a adaptação à natureza permaneceram como constantes. (fig. 6) Pos esta razão, obras de grande pureza, como por exemplo a Capela de Otaniemi (1957) dos arquitetos Kaija e Heiki Siren preservam uma boa ambientação e um grande calor humano. (fig. 7). Estas qualidades encontram-se mais acentuadas nos prédios de Alvar Aalto. Tendo por algum tempo abandonado as formas livres, AA manteve a unidade plástica em sua obra, apesar da angulosidade manifesta em alguns projetos (Conjunto de Saynatsalo, 1953 — (fig. 8), Colégio Interno em Helsinque, 1954). Mais tarde, Aalto retorna às formas livres, transferindo-as do interior, passando as formas a definir a volumetria externa (Instituto Cultural de Helsinque, 1955-58; Igreja de Imatra 1956-58 — fig. 9). Sua linguagem sempre caracterizada pelo emprêgo de materiais naturais, torna-se ainda mais rica. Além da madeira, utiliza tijolo aparente, cobre, cerâmica e mármore. Alto não fundou uma escola mas a sua influência na Arquitetura finlandesa é extraordinàriamente grande, graças à sua capacidade em desvendar novos caminhos, servindo ainda sua obra como padrão de qualidade arquitetônica.

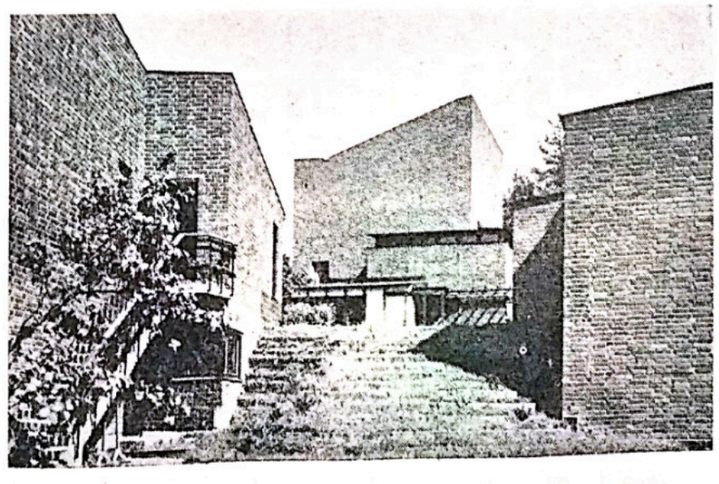
9



7



8



* (Texto extraído da "Encyclopaedia of Modern Architecture)



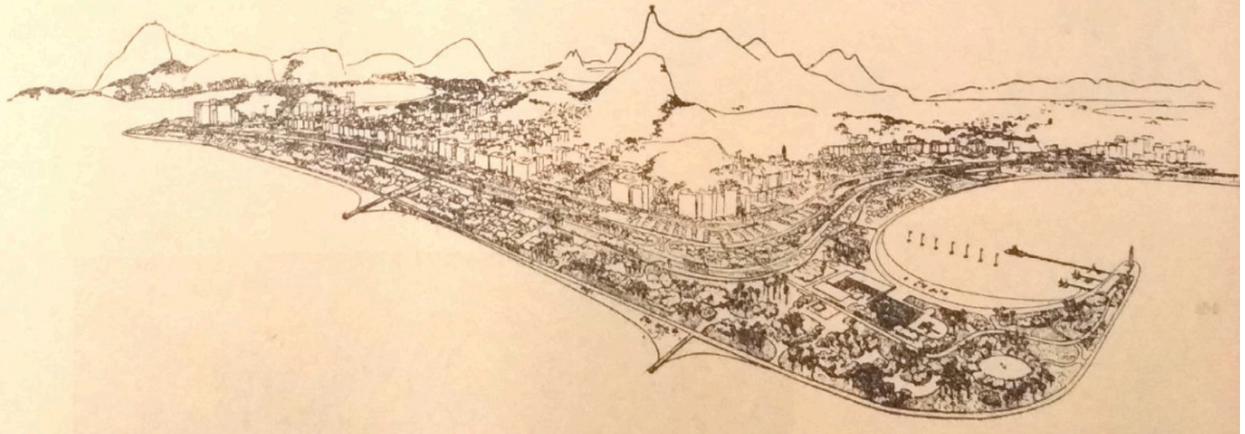
16

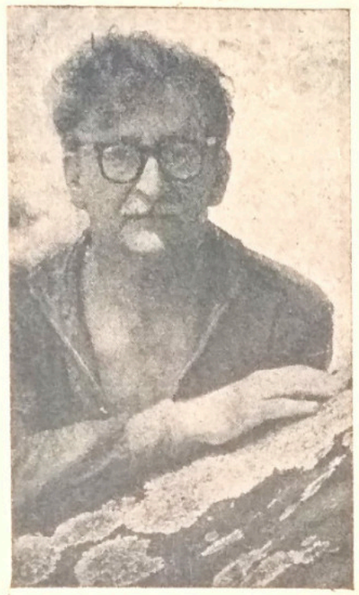
9

Roberto Burle-Marx

Haroldo Barroso

A obra de Roberto Burle Marx situa-se como uma das mais penetrantes experiências no contexto da arte contemporânea brasileira. Tem o caráter renovador, impondo o paisagismo como traço definitivo na nova Arquitetura. A arte do jardim e da paisagem adquire em Roberto Burle Marx um sentido construtivo de raízes clássicas, coerentes com o espírito de nossa contemporaneidade. Há, por conseguinte, uma dimensão arquitetôni-





ca em sua obra, a qual é um vasto campo de atividade como colaborador ideal do arquiteto e do urbanista, levando a natureza silvestre à casa de hoje e à cidade.

Sua conduta tem sido timbrada pela qualidade imaginativa, por uma atitude antiacadêmica, rebelando-se contra qualquer situação de acomodação a um formulário ou receita. Realiza sua obra dentro de uma intenção compositória de validade estética, submetida ao seu espírito criador.

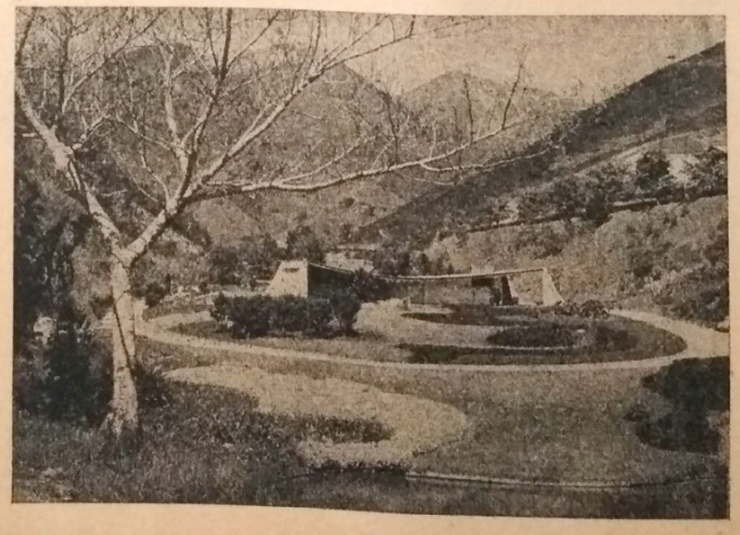
Profundo conhecedor da técnica que exerce, realizou através de sua obra a exaltação da flora nativa, a qual soube ordenar e controlar dentro de um propósito. O jardim, para Burle Marx, não é apenas uma ordenação do elemento vegetal, é a decantação de elementos naturais (plantas, água, pedras, topografia) organizados e harmonizados pelas suas formas, texturas, côres e volumes, numa composição abstrato-geométrica.

Há incontestàvelmente em tôda sua produção a presença de seu espírito naturalista que o levou à revelação e valorização da flora genuína brasileira, atitude cujos precedentes são encontrados ùnicamente nas obras de Glaziou (Campo de Santana, Quinta da Boa Vista) e Trindalle (Parque Lage). Burle Marx tem encontrado e classificado alguns espécimes da flora americana, trazendo uma contribuição inestimável como naturalista.

A produção artística de Roberto Burle Marx se estende à Pintura, à Escultura e ao Desenho, o que possibilitou um maior enriquecimento na sua formação plástica.

A Pintura e a Escultura em sua obra não podem ser encaradas como produção à parte, participam de uma obra absoluta que se reencontra na presença do vegetal.

Roberto vem de acrescentar às inúmeras homenagens já recebidas mais uma justa recompensa pela sua contribuição à cultura americana — receberá em julho dêste ano no XI Congresso Pan-Americano de Arquitetos a se realizar nos Estados Unidos, a Fine Arts Medal que lhe será conferida pelo Instituto de Arquitetos dos Estados Unidos (A.I.A.).



Residência Cavanelas; arquitetura de Oscar Niemeyer (Petrópolis). Foto M. Gautherot.

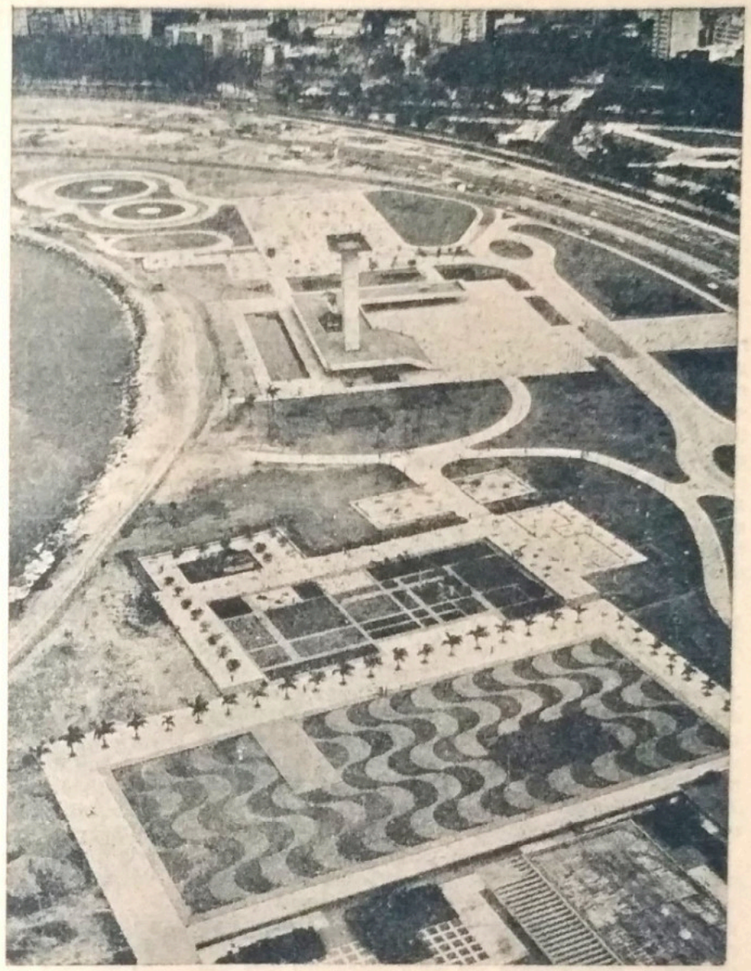
Roberto Burle Marx nasceu em São Paulo, em 1909. Passou sua juventude no Rio de Janeiro, onde realizou seus estudos. Em 1928 viajou para Alemanha, onde entrou em contato com o movimento cultural do fim da República de Weimar. Ali visitou com freqüência o Jardim Botânico de Dahlem, cujas coleções de plantas tropicais lhe inspiraram a idéia de aplicar êstes elementos nos projetos de jardins.

De regresso ao Brasil, estudou Pintura na Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro, e em 1933 realizou seu primeiro jardim para complementar uma obra do arquiteto Lúcio Costa. A partir deste momento, desenvolveu uma atividade múltipla, tanto como pintor como paisagista, projetando jardins em Recife e expondo no Salão Oficial de Belas-Artes, onde obtém Medalha de Ouro.

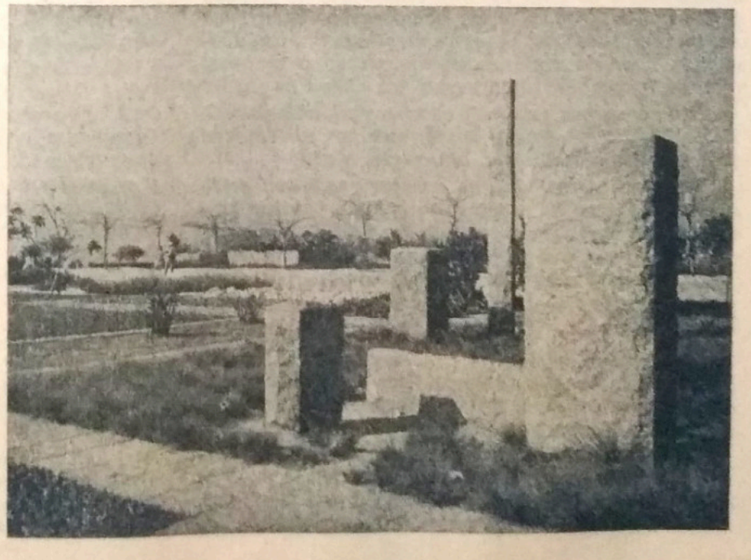
Em 1937 projeta o jardim do Ministério da Educação do Rio de Janeiro, participando do movimento de Arquitetura moderna surgido no Brasil. Complementa obras tais como a Pampulha, de Belo Horizonte e o Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro. Numerosos jardins particulares são criados neste período, entre os quais se destacam os de Carlos Somlo, Walter Moreira Salles e Odette Monteiro — êste último, iniciado em 1948, recebeu o primeiro prêmio na 2.ª Bienal de São Paulo (1953). Em 1954 realiza os projetos para o **park-way** de Botafogo e para o Parque Ibirapuera em São Paulo. Em 1955 projeta um jardim para a residência Schultess, em Havana, projeto do arquiteto Richard Neutra. Paralelamente, realiza projetos para Pôrto Rico e o jardim do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, projeto do arquiteto Afonso Eduardo Reidy.

Em 1956 realiza uma série de trabalhos em Caracas, para os quais ali se instalou durante algum tempo: o Parque del Este e o Parque del Oeste, os jardins de Inocente Palacios, Diego Cisneros, a urbanização de Los Canales. Em 1960 projetou os jardins da Faculdade Nacional de Arquitetura da U.B., projeto do arquiteto Jorge Machado Moreira.

Atualmente trabalha nos projetos do Atêrro da Glória, do jardim da Unesco em Paris e de alguns jardins públicos para Brasília. □



Jardins do Atêrro; fotos M. Gautherot



O Plano Diretor de Santo André

Há algum tempo atrás publicamos uma nota relativa à poluição atmostérica na região do ABC paulista — Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano — (ARQUITETURA, 14). Baseados numa notícia do "Correio da Manhã" sôbre o trabalho de técnicos da ONU no ABC e a afirmativa de que êsses técnicos não haviam gostado de ver a região desenvolver-se sem planejamento, comentamos o fato. Fizemos, naquela oportunidade, considerações quanto à ausência geral de planejamento físico que é a característica que preside a evolução da maioria de nossas cidades.

Logo depois, recebemos do arquiteto Rodolpho Mansueto Dini, presidente da Comissão Executiva do Plano Diretor de Santo André, uma carta esclarecendo não ser verdadeira a afirmativa de que Santo André crescia sem plano diretor. Junto à carta, o arquiteto nos enviou dados sôbre os trabalhos de planejamento em andamento naquele município paulista. O extravio da correspondência que tentamos estabelecer com RMD impediu que ARQUITETURA publicasse há mais tempo, e como desejava, o material recebido naquela ocasião.

ARQUITETURA, como programa básico, tem procurado dar aos problemas profissionais relativos ao planejamento físico e à habitação a maior ênfase possível, focalizando todos os fatos a êles relativos, em curso no Brasil. Esta tarefa não é fácil. Não dispomos, infelizmente, de uma estrutura que nos permita despachar, para os quatro cantos do país, pessoal com a finalidade de anotar e recolher tudo o que, neste campo, se está fazendo. Através dos órgãos locais do IAB, dos representantes da Revista junto a êsses órgãos e da colaboração espontânea de inúmeros colegas, procuramos suprir esta deficiência e assim vimos publicando todo o material relativo a essas atividades que nos chega às mãos.

Vamos expor neste número o material sôbre o plano Diretor de Santo André, que nos foi enviado pelo arquiteto Rodolpho Mansueto Dini.

Estamos certos de que a experiência, em certo sentido pioneira, do próspero município paulista frutificará. A experiência tentada em Santo André não é a única em curso no Brasil, mas sabemos que ela não tem, infelizmente, muitos similares.

Santo André

O povoado origem foi fundado por João Ramalho, sob a invocação de Santo André e obteve o predicamento de vila em 8 de abril de 1553, durante o govêrno de Tomé de Souza.

Em 1954, "para que a colonização portuguêsa e a catequese não fôssem destruídas, fêz-se urgente mudar a vila de Santo André para junto do Colégio". Assim, o povoado florescente perdia em favor de São Paulo, "ao passo que se firmava a verdade existente no brazão do município "Pavlistarum Terra Mater".

Com o passar dos anos, Santo André retornou à vida civil. Em 14 de fevereiro de 1910 foi transformado em Distrito, e em 30 de novembro de 1938 passou a sede do município, sendo então elevada a categoria de Cidade. Em 1954, passou a Comarca e em agôsto do mesmo ano foi criada, por ato da Santa Sé, a Diocese de Santo André.

Santo André forma, com os municípios de São Bernardo e São Caetano, o chamado ABC paulista, região onde, a partir de 1930, localizou-se grande surto industrial. O movimento iniciou-se quando da instalação da Tecelagem Matarazzo e da Cerâmica São Caetano.

A progressão industrial do ABC pode ser acompanhada pelos números: 1924 — 121 fábricas e 5.000 operários; 1938 — 178 fábricas e 17.339 operários; 1950 — 413 fábricas e 49.160 operários.

Santo André é o principal centro do ABC, com investimentos de capital no valor de 1,5 bilhão de cruzeiros, dos quais 300 milhões em metalurgia, 200 milhões na indústria elétrica, seguindo-se a indústria química, a farmacêutica e a têxtil, segundo os dados estatísticos de 1950. (1)

A partir de 1950, processa-se na região espetacular desenvolvimento. A implantação da indústria automobilística no ABC paulista assumiu um papel de máximo destaque e deve ser salientada. Os três municípios do ABC detêm 3,7% dos estabelecimentos fabris do Estado de São Paulo, e 5,8% do operariado empregado. Êste grupo de municípios produziu, em 1950, 6 bilhões de cruzeiros, o que representou 11,4% da produção industrial do Estado e consumiu 14,6% da energia elétrica gasta no Estado.(2)

Analisando a expansão da Cidade de São Paulo, Pedro Geiger observa que "o surto urbano e industrial extravasa os limites administrativos da cidade passando a ser o fato dominante de tôda uma região que a circunda. Ao crescimento da Capital seguiu-se a expansão de diversas localidades à sua volta, mais tarde consideradas subúrbios da Metrópole. Santo Amaro, São Bernardo dos Campos, São Caetano do Sul, Osasco e outros núcleos avançaram, no seu crescimento, na direção de São Paulo, do mesmo modo que esta avançou na direção daqueles, num movimento de fusão". PG assinala ainda que a circulação diária de operários e funcionários entre São Paulo e o ABC, é um dos aspectos suburbano dêste; mas, ao contrário do que se possa pensar, são mais numerosos os que moram em São Paulo e trabalham no ABC. (3)

Feitas estas observações gerais sôbre Santo André, transcrevemos os dados enviados pelo arquiteto Rodolpho Mansueto Dini, presidente da Comissão Executiva do Plano Diretor do Município.

Dados gerais

Município: Santo André de Borda do Campo.

Origem do Nome — Borda do Campo.

Fundadores da cidade — Em 1.531 estabeleceu-se João Ramalho em São Paulo, na localidade denominada Borda do Campo.

Em 1.552 foi o povoado elevado a Vila e no dia 8 de abril de 1553 foi oficialmente proclamada a fundação da Vila de Santo André da Borda do Campo.

Limites: Norte — São Caetano do Sul — São Paulo.
Sul — Ribeirão Pires, Cubatão e Santos.
Este — Mauá, Mogi das Cruzes e Suzano.
Oeste — São Bernardo do Campo.

Situação Geográfica:

Superfície		182,00 km2
Latitude		23°39'00"
Longitude	WGR	43°31'00"
Altitude		743,650 em média

Relêvo — A topografia geral do Município é ondulada pois o solo sofre influências da Serra do Mar. Contudo, sem grandes variações de altitude, pois os pontos mais elevados, como o Morro do Bonilha, estão a 950 m, quando a altitude média da cidade e de 750 m.

Hidrografia — O principal cruso de água é a Tamanduateí e os secundários são: o Córrego dos Meninos e Oratório, que formam os três principais vales da zona urbana. A zona rural é dotada das represas do Rio Grande e Rio Pequeno, sendo que a primeira atravessa o Município todo em sentido transversal, numa largura de aproximadamente 1.000 metros.

Clima — É ameno, sendo a temperatura máxima em média 30° e mínima 8°.

Distância da Capital — 20 km pela estrada de rodagem e 18 km pela estrada de ferro.

População — 270.000 habitantes.

Atualmente o Município possui os seguintes estabelecimentos (ano base 1961):

Indústrias	1.200
Comércio	3.800
Profissões liberais:	800
" diversas	1.000

Dos 1.200 estabelecimentos industriais, poderão ser destacados os seguintes informes:

Capital aplicado:	Cr$ 50.000.000.000
Matéria-prima aplicada:	Cr$ 90.000.000.000
Salários pagos:	Cr$ 20.000.000.000
Produção anual:	Cr$ 140.000.000.000

Números de operários:

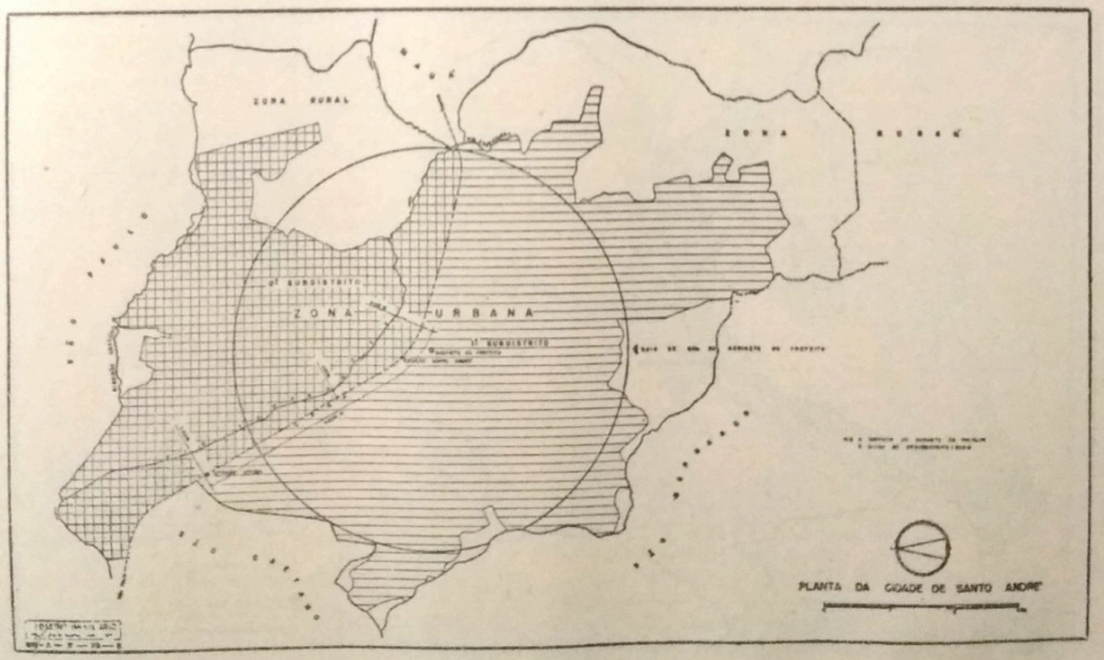
Masculinos —	adultos —	30.000
	menores —	5.000
Femininos —	adultos —	7.000
	menores —	3.000

Arrecadações:	Federal	Cr$ 18.268.632.278
	Estadual	Cr$ 8.574.236.257
	Municipal	Cr$ 1.374.640.642

Estabelecimento do Plano de Santo André

A Cidade e o Município de Santo André possuem um plano físico que abrange não só a zona central e urbana como a zona rural e é complementado pelos diversos e necessários planos regionais.

A Lei n.º 1.501 de outubro de 1959 estabeleceu um Plano Diretor Preliminar e, em fins de 1961 foram organizados e iniciados os trabalhos de Comissão Executiva do Plano Diretor, que visavam o completo detalhamento



do PDP com a posterior elaboração do Plano Diretor do Município, que deveria ser atualizado cada 5 anos. Êste Plano traçaria as diretrizes urbanísticas do desenvolvimento do Município para um período de aproximadamente 25 anos.

O Prof. Luiz Ignácio Romeiro de Anhaia Mello foi a grande figura da fase do Plano Diretor Preliminar. Chefiando uma equipe de técnicos do Centro de Pesquisas e Estudos Urbanísticos da Universidade de São Paulo e auxiliado pelos técnicos da Prefeitura Municipal, o Prof. Anhaia Mello idealizou e projetou o Plano Diretor Preliminar e enfrentou as primeiras dificuldades decorrentes do egoismo individualista.

O elemento básico da elaboração do Plano Diretor Preliminar foi o da orientação geral adotada pelo Centro de Pesquisas e Estudos Urbanísticos da USP, para o planejamento dos municípios do Estado de São Paulo, consubstanciado na "Política do Planejamento Municipal" e que declara:

1 — O âmbito do planejamento deverá ser, no mínimo, o do território municipal na sua totalidade. Justificativa: a) a unidade administrativa brasileira é o município; b) os elementos disponíveis, nas sedes municipais, facilitam o estudo do complexo urbano-rural.

2 — Sempre que possível, far-se-á o devido e necessário planejamento regional com a interdependência dos diversos sistemas municipais.

Composição dos Elementos do Plano Diretor.

A Comissão Executiva do Plano Diretor, criada pela Lei n.º 1.642 de 2 de fevereiro de 1961, compõe-se de um Grupo Permanente de Planejamento e de um Grupo Consultivo de Planejamento.

O Grupo Permanente de Planejamento é presidido pelo arquiteto Rodolpho Mansueto Dini e tem por vice-presidente o engenheiro Léu Pezzolo Ghirardello. Êste Grupo Permanente executa todos os serviços relacionados com o Plano Diretor e através de reuniões deliberativas, em conjunto com o Grupo Consultivo de Planejamento, expõe e coloca em discussão os problemas e assuntos relativos ao Plano. A Comissão Executiva do Plano Diretor está diretamente subordinada ao Prefeito.

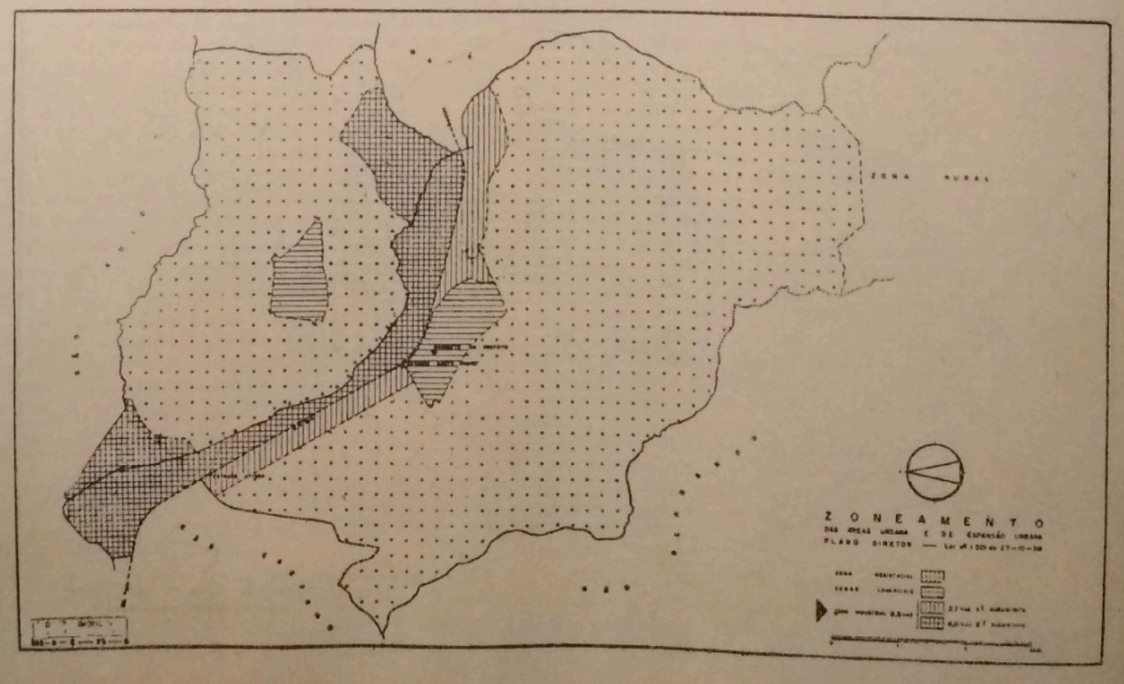
O Plano Diretor do Município de Santo André era, de fato, uma necessidade que se impunha com urgência. Santo André é um importante centro urbano, dotado de um amplo parque industrial e comercial e que apresenta um alto índice de crescimento demográfico.

O PD estuda todos os usos e propõe normas e soluções a serem seguidas visando a elaboração de uma estrutura orgânica e racional capaz de controlar o alastramento e o crescimento da Cidade. Sem perder de vista os aspectos sociais, econômicos e administrativos, o PD determina a intervenção do poder público que orientará os fiquem com as aspirações e os desejos do "homem que vive em sociedade".

Pesquisas e análise

A pesquisa é o ponto de partida do planejador. Êle precisa conhecer os dados existentes, as situações reais, para depois julgar, analisar e conceber, propondo reformas e iniciativas essenciais, ditando normas a serem seguidas, com o intuito de ensejar o crescimento harmonioso de todo o Município, e sem esquecer sua vinculação ao conjunto de municípios que formam a região.

Com base nos elementos fornecidos pelas pesquisas efetuadas, foi elaborado o Plano Diretor Preliminar do Município de Santo André.



Dando continuidade à fase de pesquisas, e feitas as necessárias revisões, pôde a Comissão Executiva do Plano Diretor basear-se em dados atuais e corretos para estabelecer um tipo de planificação que trará à população melhores condições de vida, propiciando os ambientes e níveis de confôrto e de bem-estar que o homem — com justa e natural razão — exige do meio social em que vive.

Sistemas do Plano Diretor

Legislação Urbanística Básica

Um dos principais obstáculos da fase inicial do planejamento foi a completa ausência — em alguns casos — ou a total confusão — em outros casos, da legislação básica.

Assim é que após grande trabalho foi possível elaborar e apresentar durante o transcorrer do VI Congresso dos Municípios a tese denominada: "Plano do Diretor — Legislação Urbanística Básica", que logrou aprovação no plenário do Congresso e que se compõe de três Códigos que formam as posturas municipais: Código de Zoneamento; Código de Arruamento e Loteamento; e Código de Obras.

Com a elaboração dessa legislação, foi possível atacar o estudo e o detalhamento dos vários sistemas, que apesar de estarem sendo desenvolvidos paralelamente, sofreram com a sua introdução, dinamização e maior desenvolvimento.

Sistema de Zoneamento

O Sistema Geral de Zoneamento partiu da determinação, por meios legais, da Zona de Expansão Urbana.

Através de um estudo racional, foi ordenado o uso do solo em tôda a área do Município, sem que, com isso, se tolhesse a liberdade de propriedade de cada munícipe. Pretendeu-se, tão-sòmente, orientar e coordenar o uso do solo, para criar uma Cidade mais organizada, mais humana e dotada de maior espírito cívico. Agora, cada indivíduo poderá auxiliar o poder público, fiscalizando a utilização, correta ou não, do solo municipal.

Nada mais inconveniente do que uma informe, ruidosa e malcheirosa fábrica junto às residências, pertubando o tão necessário sossêgo diário.

Por outro lado, a construção de residências em zonas reservadas às indústrias, não só apresentam prejuízos a a si mesmas, como criam obstáculos ao desenvolvimento industrial.

As questões econômicas foram consideradas. Não se pretendeu provocar nenhuma valorização ou desvalorização da terra, as tendências reais de ocupação foram respeitadas ao máximo.

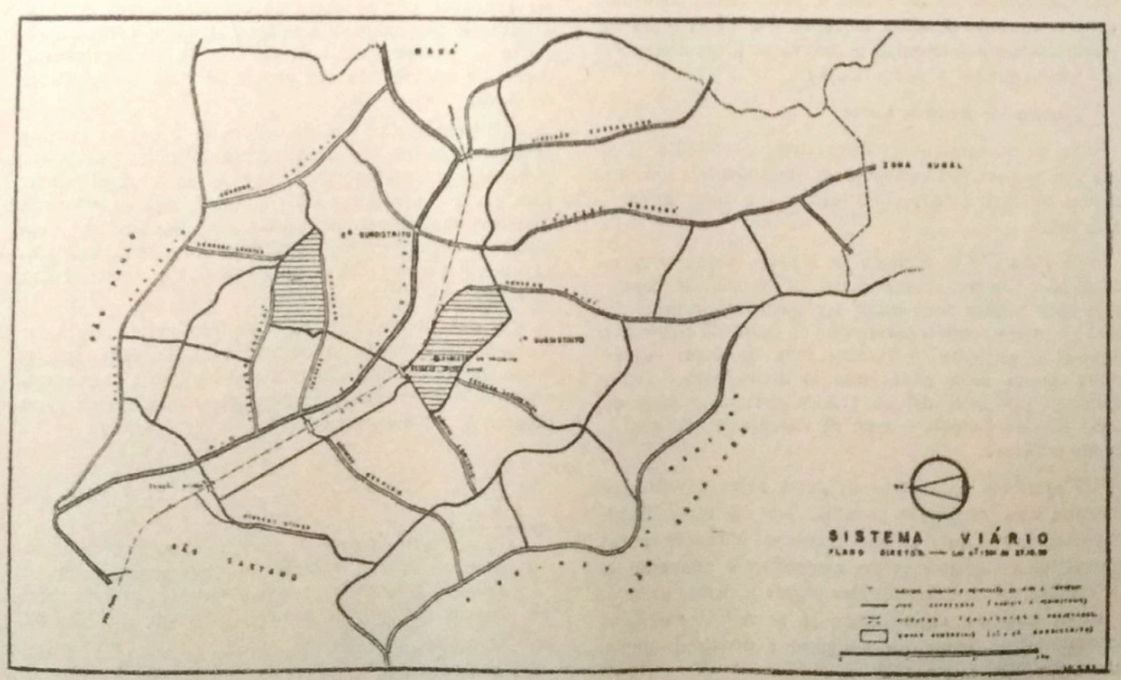
O zoneamento de massa, previsto pela Plano Diretor Preliminar, foi corrigido em alguns pontos em decorrência das exigências do desenvolvimento do Município.

Enfim com o Sistema de Zoneamento foi possível criar, dentro do Município a distinção elementar entre: zona industrial, zona comercial e zona residencial.

A zona comercial foi reservado um perímetro denominado Centro Comercial e no seu interior se localizam os diversos ramos comerciais. Junto às residências foram previstos núcleos comerciais para o atendimento das necessidades cotidianas.

A zona residencial foi estudada em setores de "unidades de vizinhança". A determinação dêsses setores foi estudada simultâneamente com o sistema de vias principais que os delimitam.

As indústrias leves e o comércio cotidiano foram previstos e localizados em função do número, do tipo e da utilização das residências vizinhas.



Na Planta 4 — Zoneamento — podem ser identificadas as zonas industriais, comerciais e residenciais, assim como os seus limites, suas áreas e suas localizações.

Sistema de Vias Principais

O Sistema de Vias Principais do Município — perimetrais, radiais, avenidas de ligação e avenidas marginais — obedecem ao seguinte critério:

a) as **avenidas marginais** ao Rio Tamanduatei e ao Corrego Oratório e Ribeirão dos Meninos, estão propostas dentro das bases do convenio existente com outras municipios — São Paulo e São Bernardo do Campo —. As demais **avenidas marginais** a cursos de água previstas serão executadas dentro do orçamento municipal.

b) as perimetrais, radiais e avenidas de ligação aproveitarão, em grande maioria, o leito das vias já existentes, reduzindo-se desta forma, as despesas apenas aos alargamentos.

Convém salientar que o Plano Diretor é elástico e dinâmico e suas realizações estão programadas a longe prazo, dentro das reais possibilidades economico-financeiras do Município. Sua finalidade principal é a orientação segura de preservar determinadas areas para o desenvolvimento do Município.

A Planta 5 — Sistema Viário — mostra o sistema de vias principais, com a diferenciação das avenidas marginais e da retificação dos rios e corregos, bem como as vias expressas — perimetrais, radiais e avenidas de ligação.

Este sistema de vias, alem se ser interligado, possibilitando toda a sorte de comunicações, — inclusive sobre a estrada de ferro, por meio de viadutos, — envolve os centros comerciais facilitando o caminhamento de veículos e pedestres, entre as municipais e estabelecendo uma interdependencia, com o sistema viário regional.

O Sistema de Vias Principais está sendo detalhado. As vias esquematizadas na Planta 4, estão sendo planteadas em seus menores detalhes, de forma a se poder oficializar o seu traçado e determinar a reserva de áreas necessárias aos alargamentos e novos traçados.

Sistema de Espaços Livres

Na determinação das áreas livres procurou-se atender aos índices recomendados universalmente e que não devem ser inferiores a 16 m2/hab — o ideal atinge a 28 m2/hab.

Na Planta 1 — Sistema de Espaços Verdes e Livres — pode-se observar uma maior incidência de espaços livres nos setores residenciais recentemente ocupados. Na área que corresponde à parte velha da Cidade, o espaço livre e verde é eficiente — exceção feita do Centro Cívico. Nesta planta, estão assinaladas as áreas livres e verdes, dando-se, por meio de um gráfico circular, a idéia das áreas necessárias para o setor de vizinhança e as efetivamente existentes.

O problema da reserva de áreas livres e verdes representa uma verdadeira batalha, pois os especuladores imobiliários, por falta de uma legislação adequada, nunca reservaram os espaços verdes necessários à recreação da da coletividade. O Plano Diretor trouxe a devida correção e agora, passados alguns anos, já se notam resultados satisfatórios no sentido de assegurar à população importantes áreas livres e verdes.

Distribuição do Equipamento Escolar Primário

O Plano Diretor Preliminar, elaborado pelo Centro de Pesquisas e Estudos Urbanísticos da USP, considerou a distribuição do Equipamento Escolar Primário em função do programa do então Govêrno do Estado que se propunha a resolver, dentro do seu Plano de Ação para o quadriênio 59/62, na medida do possível, o problema escolar primário, de forma a atender tôda a população infantil, em dois turnos de quatro horas diárias.

Dentro destas condições, foi elaborada a Planta 2 — Distribuição do Equipamento Escolar Primário. Em cada setor de vizinhança foi estudada e pesquisada a população em idade escolar e determinado o número de salas de aulas necessárias.

Motivos burocráticos impediram que fôssem entregues ao Estado todos os terrenos necessários à edificação das unidades escolares. Sòmente no período final do Govêrno, foi possível doá-los ao Govêrno Estadual e obter, desta forma algumas construções escolares.

A Planta de Distribuição do Equipamento Escolar Primário foi atualizada, pois, de 1959 para cá, se processaram no Município significativas modificações demográficas, obrigando a prever novas unidades e a ampliar outras. A planta dá uma idéia exata da localização das unidades escolares, em função do número de habitantes em idade escolar em cada unidade de vizinhança.

Conclusão

A adoção do Plano Diretor Preliminar pela Municipalidade, em 27 de outubro de 1959, através da Lei n.º 1.501, não significou que o processo de planejamento estivesse completo. Pelo contrário, esta medida representava apenas a primeira de uma série de providências que estão sendo postas em prática para dotar a Cidade de Santo André não apenas de um Plano, mas de uma estruturação orgânica que visa o desenvolvimento integral do Município.

A expansão e o desenvolvimento do Município devem ser regulados, pois só assim os administradores públicos — tanto os que compõem o Poder Legislativo como o Executivo — poderão levar a têrmo obras e melhoramentos, dentro de um esquema que atenda as reais possibilidades da época.

O importante de um plano diretor é que as normas gerais reguladoras do desenvolvimento municipal sejam determinadas prèviamente, com clareza e objetividade, para evitar o cunho egoista e individualista de pequenos esquemas administrativos que, em nenhuma hipótese, conseguem harmonizar-se com o planejamento geral. Este planejamento é tarefa não só para os dias que correm como, principalmente, para o futuro.

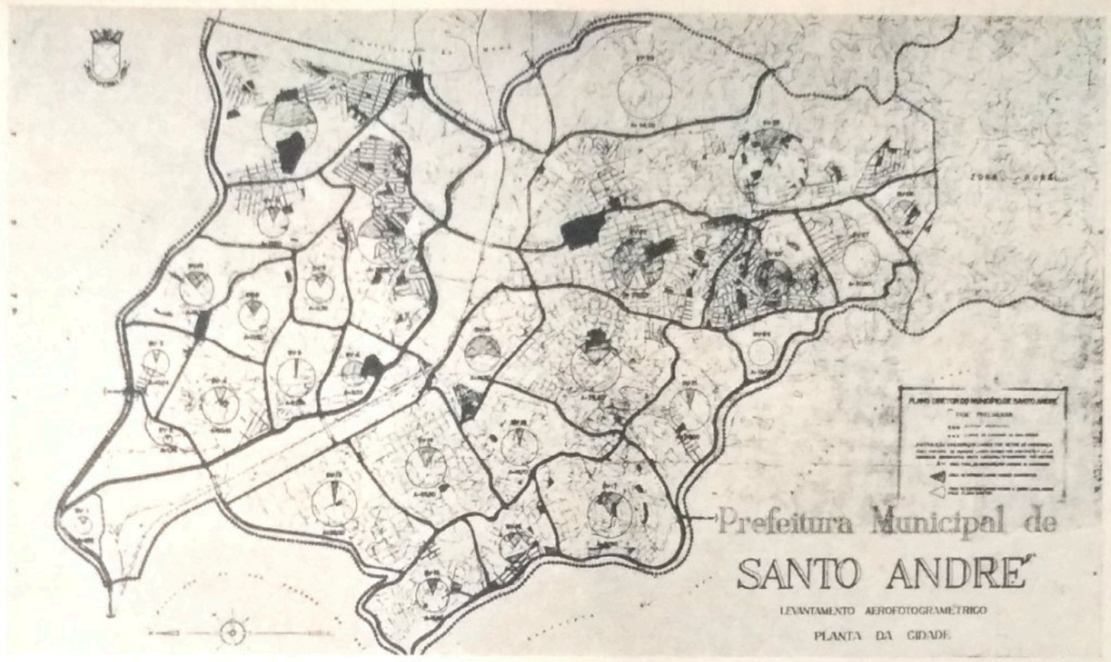
Conseqüentemente, o planejamento geral deve estar baseado nas condições econômicas reais do Município. O Plano Diretor Municipal deve atender a escala do planejamento global, levando suas pesquisas e análises às áreas urbanas e rurais e principalmente à região inteira. □

---

(1) — Pedro Pinchas Geiger — Evolução da Rêde Urbana Brasileira — Coleção O Brasil Urbano, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura, 1963, pág. 214.

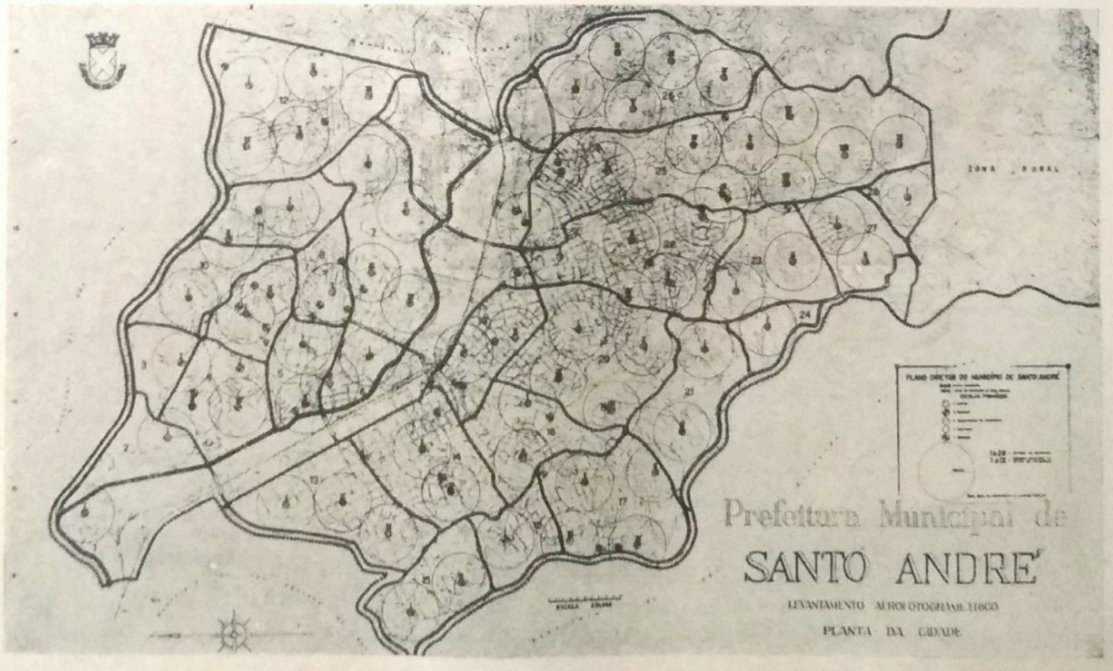
(2) — idem, pág. 214 e 215.

(3) — idem, pág. 215.



Distribuição dos Espaços Livres por Setor de Vizinhança

Distribuição de Escolas Primárias





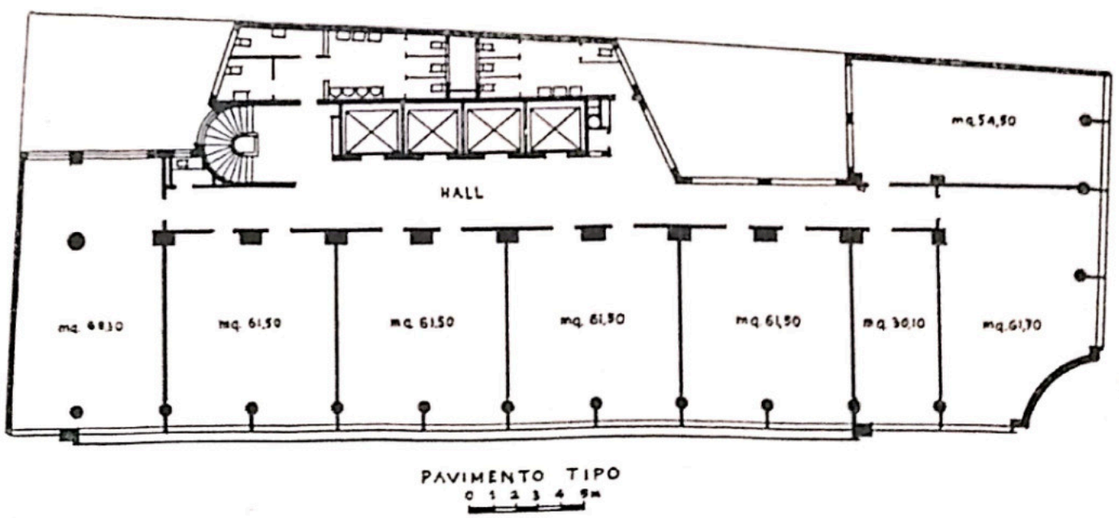
Edifício Comercial em São Paulo

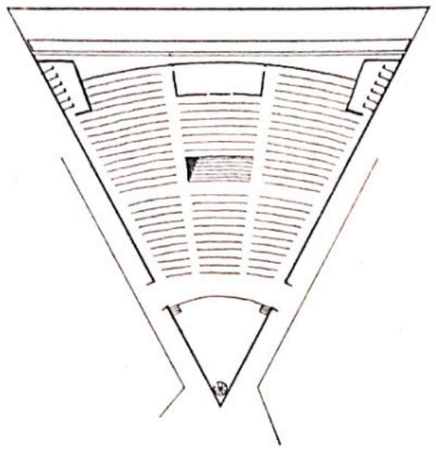
Angelo Bruhns, arquiteto

O edifício está situado na Rua Braulio Gomes, esquina de Sete de Abril, e é propriedade da Assicurazioni Generali.

O grande subsolo tem acesso independente para o público. A fundação é direta e a estrutura é livre, com lajes construídas pelo processo de "fôrma-perdida", resultando tetos lisos. O revestimento exterior em cerâmica. Construção da Constr. Alfredo Mathias, terminada em 1959.

Painel





Auditório para o Instituto de Educação "Américo Brasiliense"

Santo André — São Paulo

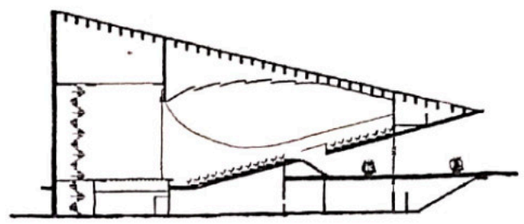
Arquiteto Gesel A. Himmelstein

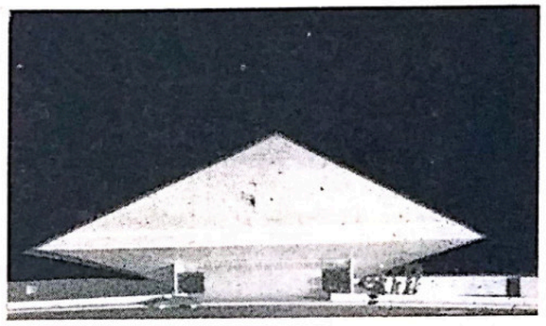
O programa dêsse projeto resultou da solicitação de uma comissão de pais e alunos, e professores do Instituto de Educação "Américo Brasiliense". O projeto a ser elaborado deveria atender a diversas atividades escolares e extracurriculares tais como: solenidades de formatura, congressos, projeções cinematográficas, teatro, balé, etc.; além de atender as necessidades específicas do Instituto, o que determinou a previsão de uma cantina, cozinha e um galpão para abrigar 300 alunos. O programa evidenciava, ainda, a importância que deveria ter o conjunto arquitetônico para a Cidade de Santo André, grande centro industrial e expressivamente dinâmico, mas pobre de obras arquitetônicas de maior valor.

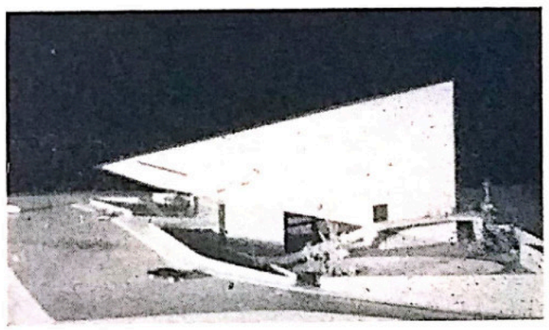
O arquiteto partiu da sugestão que topografia do terreno oferecia, arranjando os espaços determinados pelo programa num corpo que tem a forma geométrica do tetraedro regular. Complementando esta forma foram implantadas no terreno, formas quadradas e circulares com a função de abrigar as atividades esportivas e recreativas.

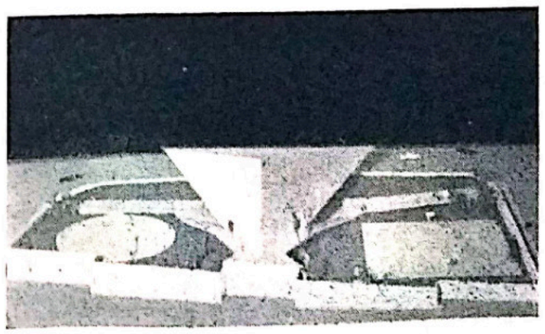
A estrutura é formada por lajes nervuradas de 1 metro de espessura, apoiada em paredes de concreto.

A capacidade do auditório é 1.050 pessoas. A entrada principal está situada em nível mais elevado na Rua Dona Laura e a ela se chega através de uma passarela, simplesmente apoiada, abrigada pela projeção do prédio, entre a estrutura do prédio e o terreno. Neste nível, estão localizados os sanitários a chapelaria e a passagem para a sala de espetáculos. Próximas do palco existem duas outras saídas, que através de rampas, permitem fácil escoamento da sala.









Painel

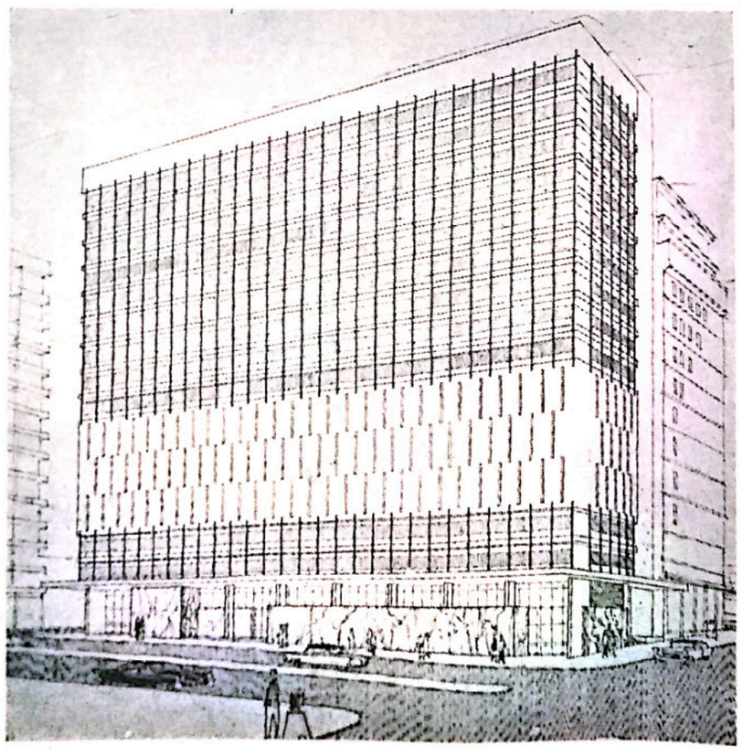
Sede da Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações

Arquitetos — *Emil Bered*
Luís Corona
Roberto Veronese

Projetos de Instalações — *Eng.º João Carlos Morganti*

Cálculo de estrutura — *Eng.º Elnecave*

PROJETO — 1964



O crescimento de Pôrto Alegre — a semelhança do ocorrido nas demais grandes cidades — amp.iou a demanda de serviços telefônicos, tornando o material atual insuficiente e obsoleto. A troca de todo o equipamento central, assim como a expansão dos serviços burocráticos, exigiram a construção de nova sede para a Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações. A convergência das linhas telefônicas para o pon'o onde se encontra a atual central, determinou a construção de novos prédios no mesmo local — esquina da Avenida Borges de Medeiros com a Avenida Salgado Filho — ponto central da Capital.

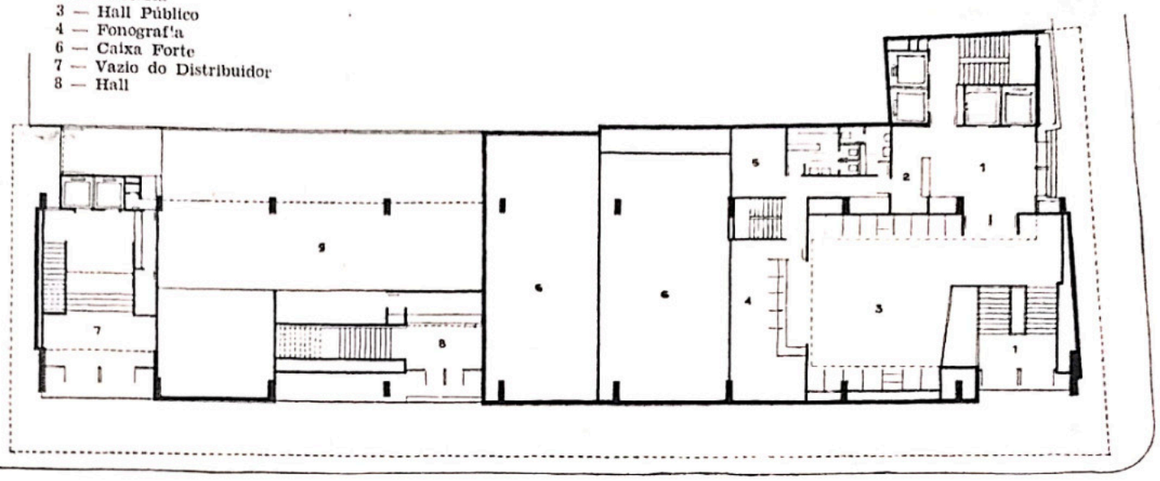
O prédio terá em seus três primeiros pavimentos os ambientes de uso público. No subsolo, além da maquinaria geral, ficará o túnel de entrada dos cabos telefônicos que passarão dire'amente para o distribuidor geral situado acima do pavimento térreo.

A ligação entre êste e os salões situados nos 4.º, 5.º e 6.º pavimentos será através de um duto vertical de cabos. Os andares acima serão para os serviços burocráticos da C.R.T.

A situação do prédio com frentes para o norte e oeste determinou um sistema de proteção solar, com lajes em balanço e elementos perfurados.

Todo o prédio será servido de ar condicionado, através de unidades compactas, em cada andar.

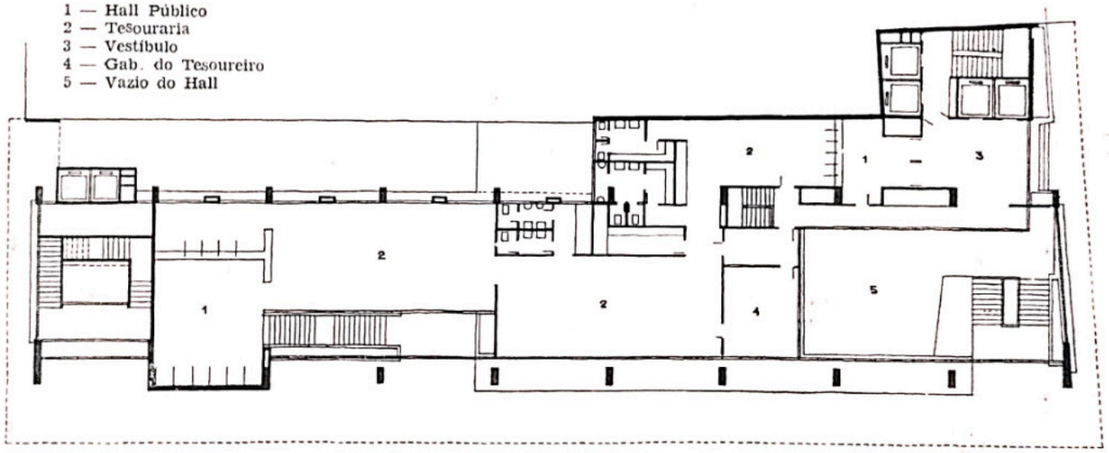
1 — Entrada
2 — Portaria
3 — Hall Público
4 — Fonografia
6 — Caixa Forte
7 — Vazio do Distribuidor
8 — Hall



2º PAV. TÉRREO — TAXA SEDE-FONOGRAFIA

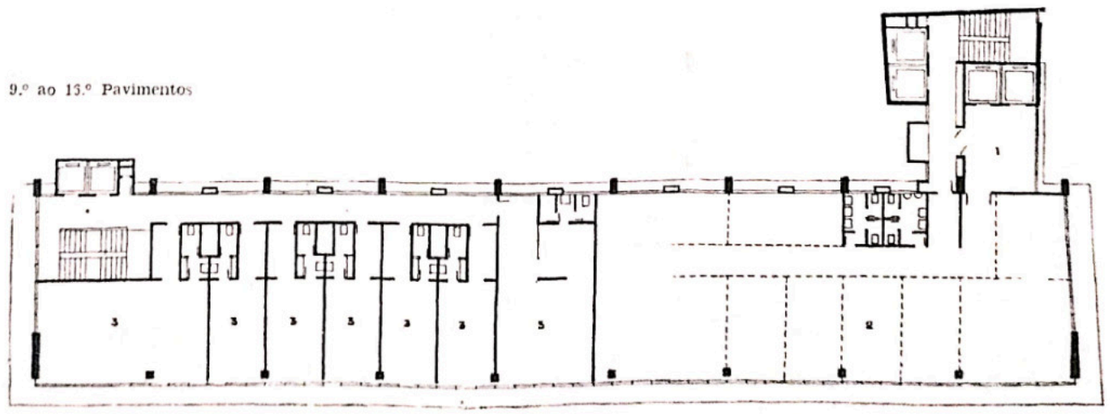


1 — Hall Público
2 — Tesouraria
3 — Vestíbulo
4 — Gab. do Tesoureiro
5 — Vazio do Hall



MEZZANINO — TEZOURARIA

9.º ao 15.º Pavimentos



9º AO 16º PAV. TIPO

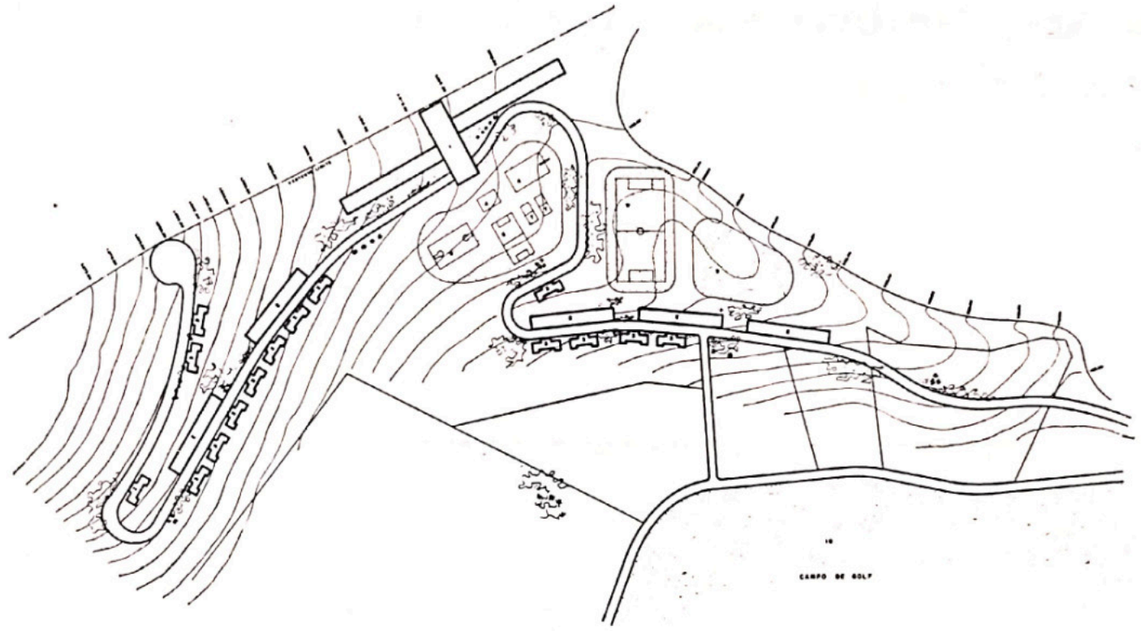
Painel

Conjunto Turístico "Parque do Calembe"

Petropólis — Estado do Rio de Janeiro
Arquiteto — Ruderico Pimentel, colaboradores: arquitetos — Ivan O. Pimentel e Cezar Oiticica.
Proprietários — Estâncias de Petropólis Ltda.
Projeto — 1964

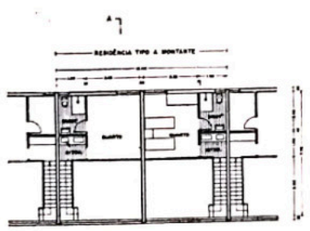
O conjunto foi projetado para ser construído numa área próxima ao Petrópolis Country Club. Nesta região, planejou-se o aproveitamento de uma globa de 100 alqueires geométricos, com a finalidade de, tendo por núcleo o Petrópolis Country Club, desenvolver um plano urbanístico com objetivos turísticos.

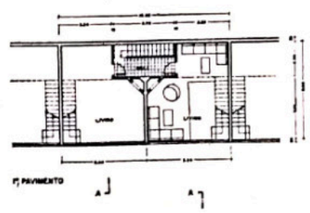
A altitude do local é de 1.100 metros e estão em fase de conclusão a terraplenagem e vias de acesso, bem como as cabinas e dependências esportivas. A construção do hotel, de características internacionais, dar-se-á numa segunda etapa.

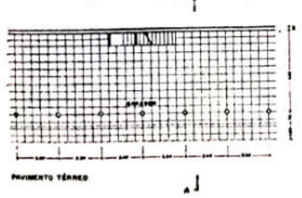


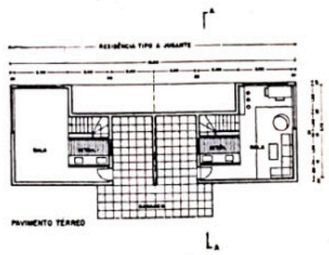


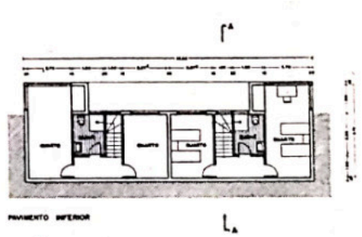
Painel

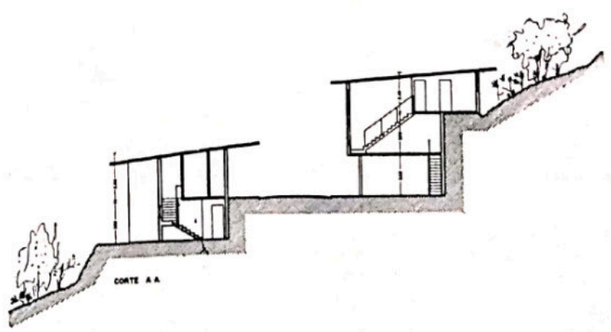












Destaque



Viljo Revell (25/1/1910 - 8/11/1964)

ARQUITETURA registra, com pesar, o falecimento do arquiteto finlandês Viljo Revell, ocorrido em fins do ano passado.

Revell nasceu em Vaasa, Finlândia, em 1910 e fêz o curso de Arquitetura na época em que se iniciava, na Finlândia, o florescimento do Funcionalismo. Enquanto estudante, **VR**, trabalhou como assistente de Alvar Aalto tendo terminado seu curso em 1937.

Antes de se formar Revell construiu, em colaboração com Kokko e Rihimäki, uma loja que ficou conhecida como o "Palácio de Vidro". Trata-se de uma arrojada obra de Arquitetura moderna, no cenário bastante conservador da Cidade de Helsinque, na época.

O texto escrito por Kiösti Alander sôbre Viljo Revell, para a Encyclopedia of Modern Architecture", informa que ao escolher o tema do trabalho que lhe valeria o diploma real: um prédio para uma pequena indústria. Revell "abordou o problema dentro da rigorosa lógica própria dos racionalistas."

"Sua visão das soluções práticas, sua propensão para o pensamento sistemático e seu talento para a organização, levaram-no à direção do Departamento de Reconstrução, fundado durante a guerra pela Associação Finlandesa de Arquitetos. Mais tarde, êle assumiu a presidência do Comitê Finlandês de Normas e Padrões".

Prosseguindo, o verbete sôbre Revell da Encyclopedia of Modern Architecture, assinala que "o primeiro projeto importante de **VR** foi o de um edifício de escritórios, com instalações hoteleiras, em Helsinque. (1952, em colaboração com Keijo Petäjä.)

"Entrementes, seu escritório havia se tornado numa espécie de centro do nôvo Racionalismo da Finlândia, contribuindo para a formação de muitos arquitetos, que viriam constituir, mais tarde, a nova geração. Na preparação de seus assistentes, Revell limitava-se, apenas, a dar-lhes uma orientação crítica, permitindo-lhes ampla liberdade no trabalho. O considerável número de projetos premiados em concursos e as obras construídas são o resultado evidente do trabalho desta equipe, constantemente rejuvenescida (Escola Primária de Meilahti, 1953, juntamente com Osmo Sipari; Conjunto Experimental em Tapiola; várias residências de luxo; prédios de apartamentos)".

A clareza em planta, o exterior de linhas simples mas de grande eficiência e validez, e a precisão do planejamento da Indústria Têxtil de Kudeneule, em Hanko (1955) são imediatamente perceptíveis. Revell não enfatiza a repetição de elementos secundários, apresenta, pelo contrário, uma temática formal unificada. Prefere trabalhar com grandes estruturas e amplos vãos, tendência esta visível, igualmente, em alguns projetos seus não executados (Conjunto Residencial de Sininen Nauha, Helsinque 1954; Tasa, planejamento para Tampere, 1953). Êstes trabalhos, patenteiam as idéias básicas de Revell — grandes espaços desimpedidos, tendo por limitação única, o horizonte."

Revell foi o vencedor, juntamente com Castrem, Lundsten e Valjus, do concurso internacional para Prefeitura de Toronto. Referindo-se a esta obra, K. Alander diz que o projeto nasceu da intenção de evidenciar o significado do prédio público, dando-lhe uma forma capaz de o diferenciar dos arranha-céus comerciais circunvizinhos. "Êste projeto é, simultâneamente, a expressão da busca de formas livres, própria de Revell e que caracteriza os trabalhos de outros racionalistas, no final da década de 50".

A maneira de trabalhar de Revell é marcada pelo sentido das amplas generalizações, pela tendência internacional e pelos aspectos industriais da Arquitetura. Esta maneira, conforme observa Kiösti Alander, "contrasta com a de outros arquitetos finlandeses, que dão preferência a uma forma de projetar pessoal, na qual utilizam uma escala menos ampla e um estilo que, com frequência, tende a falsear os aspectos técnicos".

Kiösti Alander, conclui afirmando que, os contrastes conduzem ao desenvolvimento, razão por que a influência de Viljo Revell tem se mostrado muito proveitosa.

Obras mais importantes de Viljo Revell — Prefeitura de Toronto (1958-), Capela Funerária de Vatiala (1958-1961), Arsenal da Guarda de Helsinque (1956-1962), Quarteirão Central de Vaasa (1958-1962), Banco em Turku (1960-1963), Banco em Lahti (1962-1964).

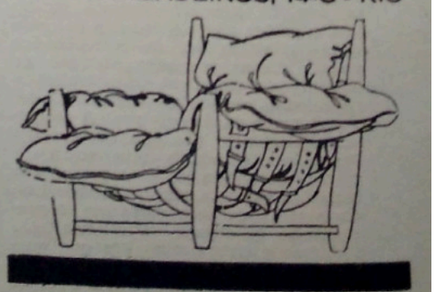
Obras inacabadas — além da Prefeitura de Toronto, Revell deixou por terminar as seguintes obras: Centro Cívico de Helsinque, Habitações em Vuosaari, Estação Ferroviária de Seinäjoki e Igreja em Oulunkylä.

oca

PARTICIPA A INAUGURAÇÃO DE SUA FILIAL PAULISTANA E CONVIDA PARA VISITAR A EXPOSIÇÃO DE MOVEIS DA LINHA **oca**
RUA AUGUSTA, 1058

oca

RUA JANGADEIROS, 14-C - RIO



profissional devem ser examinadas desde cedo. Sob a expressão "formação para Arquitetura", procura-se introduzir o sentido da Arquitetura no ensino geral, em todos os graus. Esta é uma das condições de dar às verdadeiras vocações de arquitetos, muitas vêzes ignoradas, maiores oportunidades de se revelar. E, também, com maior conhecimento de causa, afastar os que não possuem esta vocação. Para, finalmente, sensibilizar progressivamente o meio social (ou melhor, ressensibilizá-lo) a fim de que êle reencontre o poder criador humano (e não sòmente o técnico) através do qual sempre se equilibraram as exigências e os podêres materiais com as aspirações sensíveis e espirituais.

Uma certa inconsciência neste domínio não tinha talvez consequências mais graves, quando o ambiente material e a vida se desenvolviam lentamente pela interação do homem e do meio, quando às técnicas artesanais respondiam as condições econômicas, sociais e culturais mediante um ajustamento constantemente equilibrado (porque lento), semelhante ao crescimento de uma planta, ou à evolução de uma espécie, onde, incessantemente, são ajustadas as condições ao crescimento ou à evolução.

Hoje, a concepção e a construção do meio edificado obedecem a imperativos econômicos de evolução por demais rápida para que os instintos biológicos possam controlar suas consequências ou retificar, em tempo seus impulsos.

É urgente e necessário que se reconheça o caráter absolutamente particular da Arquitteura (no sentido amplo da organização material do espaço) entre as atividades e conhecimentos humanos.

Os críticos e os historiadores da arte têm, sem dúvida, o direito de considerar a Arquitetura como uma arte entre outras — a mais completa, a arte de construir — e de estudar sua evolução segundo o mesmo ponto de vista que o da Pintura, da Escultura, ou da Música, considerando-as em conjunto, como testemunhos diversos de uma mesma evolução do espírito. Não se pode mais esquecer, porém, que sòmente a Arquitetura, entre tôdas as atividades humanas, impõe a todos os homens seus movimentos cotidianos e suas paisagens familiares, durante tôda a existência e que um clima sensível fixa direções e limita até maneiras de pensar.

Êste poder imenso da Arquitetura decorre em silêncio, suportado com uma espécie de resignação ou indiferença, tanto na educação das crianças quanto nas consciências dos adultos, como se fôsse de ordem extra-humana.

A "formação para Arquitetura" não é sòmente uma parte da educação artística, mas a preparação de cada um à participação direta nas mais graves responsabilidades de escolha, de decisão e de ação.

Ao mesmo tempo em que — quando nunca foram tão poderosos os meios de informação e difusão — jornais, revistas, cinema, televisão... silenciam quase completamente sôbre tudo que é essencial à Arquitetura, rompendo-o apenas para assinalar alguns escândalos ou algumas curiosidades excepcionais, muitas páginas de jornais e revistas e muitas horas de rádio e televisão são consagradas à crítica literária, teatral, cinematográfica, pictórico etc.

Será, então, surpreendente que os jovens, terminados seus estudos gerais, só se orientem para a profissão de arquiteto por acaso, e sem nenhuma idéia do que se trata e que esta profissão, cuja ação é tão essencial a dignidade da vida, não esteja colocada entre as mais importantes no apêlo aos melhores?

Um tal silêncio sôbre a Arquitetura, em todos os graus do ensino, da consciência pública, da informação dos dirigentes... será inevitável?

Quais são as razões desta carência? Em todos os tempos, organizar o território, fundar cidades fazer Urbanismo, construir, foi uma necessidade. Tôda a História está cheia de testemunhos de tais atos de civilização dos quais nos orgulhamos, mesmo que hoje não sejam mais que ruínas.

Mas as condições atuais não têm precedentes e a experiência do passado não vale mais para o futuro.

A responsabilidade de colocar problemas, estabelecer programas, escolher os homens capazes de criar novos ambientes para homens novos, de salvaguardar os testemunhos insubstituíveis dos séculos passados e de formar em seu redor o mundo material ordenado no qual êles viverão, cabe a mentes moldadas de nôvo e voltadas para um futuro no qual nenhum obstáculo técnico pareça intransponível.

É certo que nenhum dos conhecimentos por êles adquiridos após saírem da escola maternal até atingirem a escola secundária e a superior, não os preparam para as responsabilidades de comandar e construir, das quais podem ser incubidos.

Não se pode pensar em sobrecarregar os programas já existentes com a criação de uma nova matéria. Não é possível querer ensinar Arquitetura a todos os alunos. Mas, é viável prepará-los para apreender sentido de Arquitetura em tudo o que é ensinado na escola. Em determinadas lições, em quase tôdas as disciplinas, será fácil assinalar como certos fatos ensinados têm correspondência em Arquitetura, ou ainda como a Arquitetura pode, por exemplos concretos, contribuir para ilustrar os cursos. Isto é verdade, evidentemente, nas ciências físicas, na mecânica — pois tôda coisa construída materialmente, implica numa relação entre o conteúdo e a forma; e também em numerosos capítulos das Matemáticas, da Geografia, da História das Ciências Naturais, da Música, da Literatura...

No campo do ensinamento artístico, cumpre também marcar o caráter particular do fato arquitetônico, de sensibilizar as crianças, revelar desta forma, vocações.

É necessário que se estude imediatamente as modalidades de uma ação que será, sem dúvida, de longa duração. Evidenciando êste fato europeu, mundial mesmo, é preciso que os educadores tomem consciência urgentemente da maneira pela qual certos aspectos particulares de seu campo de ensino se situam em relação à noção geral da Arquitetura.

Durante séculos os constuctores, artesãos da Arquitetura, se fecharam, guardando zelosamente seus segredos, que só eram transmitidos intactos aos futuros guardiães da profissão.

Hoje, êste mundo secreto está aberto a todos, pela industrialização da produção e pela democratização da cultura. Ninguém pode ficar indiferente ou ignorar os podêres de criação, inteiramente renovados pelas técnicas, multiplicados em potência e capazes assim de modificar violentamente, de cer a sensibilidade de milhões de sêgorar, ou ao contrário, de fazer floresres humanos, através daquilo que toca continuada e profundamente às raízes de suas vidas.

O poder de inovar e de surpreender com obras de arte era antigamente privilégio dos chamados príncipes, era a marca de seu poderio. Mas nos nossos tempos, qualquer homem pode, um dia, ter que escolher e decidir sôbre o que formará o ambiente da vida daqueles que lhe delegaram poder. Todo ser adulto deve estar preparado para assumir esta responsabilidade, tôda criança deve ser formada para êstes novos deveres.

É necessário, hoje, que se crie uma consciência de que a "formação para Arquitetura" através do ensino geral pode preparar os homens de amanhã para construir seu mundo. □

O Nôvo se Renova

Carlos Diegues

Estávamos em Gênova, durante o mês de janeiro, participando da Retrospectiva e Mesa Redonda do Cinema Nôvo brasileiro, patrocinados pelo Columbianum, quando Inigi Amanati, ex-presidente do Festival de Veneza e atual conselheiro do Ministério de Espetáculo italiano, disse a todos os presentes que o que mais o impressionou, naquela revelação desconcertante de um jovem e vigoroso cinema, era a pluralidade de realizadores, sua juventude e diversificação de caminhos e tendências encontrados em cada um. Acrescentava Amanati que cada sessão da mostra era uma surprêsa, fazendo-o repensar a anterior. Glauber Rocha foi quem o interrompeu: "Isso não é nada; o ano que vem vêm "os meninos" e vocês vão ver só uma coisa".

O que significava aquela "ameaça" de Glauber, quem eram as pessoas que êle tratava carinhosamente por "os meninos", nós brasileiros ligados ao cinema sabíamos bem. Os europeus, êsses deverão começar a entender agora, quando "O Circo", de Arnaldo Jabor, fôr exibido na mostra competitiva de curta-metragem em Cannes.

Estávamos cansados de dizer, desde muito tempo, que o chamado Cinema Nôvo não era um fenômeno ocasional, em que uma meia dúzia de jovens realizadores passava a empunhar a bandeira de uma nova escola estética. O cinema Nôvo, uma maneira de fazer cinema voltado para o Brasil (e não mais que isso), era um fenômeno nascido de uma consciência cultural que envolvia tudo: diretores, produtores, atôres, técnicos. Envolvia inclusive intelectuais e artistas não ligados diretamente ao cinema. Tudo era Cinema Nôvo — o que aliás nos valeu muita pecha de "oportunistas".

Era Cinema Nôvo também o grupo de técnicos e assistentes que iam sendo formados em tôrno dos filmes. Na sua grande maioria êles representavam não uma geração mais nova, e sim, digamos, os mais jovens de nossa geração. Topando qualquer parada, mais ousados que o grosso dos auxiliares formados na antiga indústria, êsses rapazes muitas vêzes representavam o braço direito de nossas pobres e desorganizadas produções. E em tôrno dessas "aventuras" êles iam crescendo. Acumulando conhecimento e experiência mais cedo ou mais tarde êles estrearíam em seus próprios filmes, ou como diretores ou como fotógrafos, etc. São êsses "os meninos" a que Glauber Rocha se referia. Agora, o primeiro dêles estréia na direção, num curta-metragem fotografado por um outro. Falamos de "O Circo" (1) dirigido por Arnaldo Jabor e fotografado por Affonso Henriques.

Jabor viu uma câmara de cinema, creio que pela primeira vez, há seis anos atrás quando, com Davi Neves, fazíamos "Domingo", um curto em 16 mm. Jabor me assistia à direção, e só não engrenara a partir dali por estar, naquele momento, voltado para o teatro. Tempos depois êle voltava ao cinema, com decisão e "secura", assistindo Leon Hirzsman e Paulo Cesar Saraceni. Affonso, que já fazia fotografia profissionalmente, para jornais e revistas, trabalhara também na produção de "Domingo" e, sempre interessado no cinema, faria a partir dali uma rápida carreira como assistente de câmara (do Ricardo Aronovich, principalmente). Os dois se encontraram em "O Circo", sob a produção do Patrimônio Histórico.

A importância de "O Circo" não está apenas no fato de ser a auspiciosa estréia de dois novos talentos. Independente dêste ângulo — que por si só bastaria para tornar a experiência positiva — trata-se de uma revelação extraordinária de fôlego e de grandeza do cinema que se quer e se pode fazer no Brasil. Desde "Barravento", de Glauber Rocha, o cinema brasileiro prescindiu de esquemas consagrados e metrificados para se impor. Uma nova linguagem, fazendo da cultura nova de um povo, se estabelecia nos anseios da maioria dos filmes realizados. A superação de uma fase necessária, mas simplória, em que a visão social dos cineastas era feita através de uma ótica paternista e superficial, determinou o surgimento de novos valôres e intenções mais profundas. Não se tratava mais de fazer a crônica do subdesenvolvimento, mas inserir o subdesenvolvimento como um dos dados mais importantes no aprofundamento de um universo humano nacional, elevando o cinema a categoria de instrumento antropológico de análise da realidade.

No caso de "O Circo" isso é feito, parcialmente, através do uso do cinema direto (impròpriamente chamado "cinema verdade"), mas não importa o instrumento, ou a essência do instrumento, mas a conseqüência a que êle leva. Não diríamos por complacência, ser o "O Circo" uma obra-prima consumada, ou que seja um filme destinado a modificar os rumos do cinema nacional. Mas podemos dizer, sem nenhum receio, que se trata de um filme altamente representativo desse enorme esfôrço que se faz, malgrado alguns críticos e autoridades, para se realizar no Brasil um cinema que nasça do povo e a êle volte como componente inseparável de sua cultura e de seu cotidiano.

A grande reflexão a que nos leva "O Circo" e a circunstância de sua realização, é a da estabilidade dêsse cinema. Se no cinema se desse a dignidade de arte e indústria que êle precisa para sobreviver, se aos realizadores já estabelecidos a segurança de uma profissão que possa ser exercida sem vexames e aos novos a oportunidade de uma estréia no momento exato, onde não chegaria êsse mil vêzes agredido Cinema Nôvo? Penso nos diretores que há anos se preparam para fazer o próximo filme ou nos que enfrentam tamanhas dificuldades que são obrigados a abandonar a pista. Penso nos novos, nos "meninos", todos em ponto de bala para realizarem sua primeira experiência, mesmo que em curta-metragem: Sergio Sanz, Paulo Gil Soares, Leopoldo Serran, Luis Fernando Goulart Antonio Carlos Fontoura, Gilberto Macêdo Pedro Moraes, Eduardo Escorel, tantos outros. E se já há quem se impressione com o que foi feito, aí então é que êles vão ver uma coisa!

(1) "O Circo", produção do SPHAN, em colaboração com o Itamarati, ficará provàvelmente fora do alcance do público graças ao silêncio das leis brasileiras de protecão ao cinema em relação ao documentário e ao curta-metragem. Diga-se de passagem, um projeto do GEICINE, já aprovado pelo Sindicato Nacional de Produtores, se encampado pelo Govêrno, preencherá grande eficiência essa lacuna. "O Circo", entretanto, mereceu nas últimas semanas uma grande divulgação gracas ao prêmio que seus realizadores receberam da CAIC do Estado da Guanabara. □

Uma Canção de Varela

José Guilherme Merquior

Vamos ler uma cançãozinha romântica: oito versos de Fagundes Varela:

Na tênue casca de verde arbusto
Gravei teu nome, depois parti;
Foram-se os anos, foram-se os meses,
Foram-se os dias, acho-me aqui.
Mas ai! o arbusto se fêz tão alto,
Teu nome erguendo, que mais não vi!
E nessas letras que aos céus subiam
Meus belos sonhos de amor perdi.

Impossível não sentir a uniformidade do ritmo, do 1.º para o 2.º verso.

Seu modêlo (— + — + — + — +) mostra a razão de tanto equilíbrio: é um verdadeiro "balanço" ao longo de dez sílabas; cinco tempos, acentuados no segundo e no quarto, completam-se com outros cinco, marcados da mesma maneira. Com exceção das linhas 3 e 4, tôda a canção se contém nessa figura rítmica, de perfeita simetria. No primeiro verso, que a inaugura, chega a haver um reforço pelo timbre: o é de *tênue* e de *verde*, no início de cada membro de conjunto rítmico. No segundo verso, surpreende como a unidade da "música" conseguiu ligar as duas ações, o ato simbólico de amor (*gravei teu nome*, (— + — + —) e a ação narrativa, e ato de partida (*depois parti*, — + — + —).

Mas nos dois versos seguintes o que intriga é a gradação, que em vez de crescente é decrescente — de anos para meses, e de meses para dias. É que a passagem do tempo foi contada do ângulo de quem *volta*. Correram anos (no começo da volta), meses (no meio da volta), dias (já quase chegando). A rapidez do ritmo dá corpo à pressa de retornar, depois de longo exílio. Por isso êsses dois versos não obedecem ao esquema de ritmo simétrico-lento dos demais; e o substituem por outra marcação, de intervalos mais largos (+ — — + — + — — + —), que é para escorregar por êles, sem estacionar em nenhum acento, o urgente fluir do tempo, sòmente aquietado quando encontra, na palavra e na rima (*parti-aqui*), o lugar originário.

Com o 5.º verso voltamos ao balanço antigo. Não, porém, sem um arrepio — *Mas ai!* — provocado sem dúvida pelo presentimento de uma desilução: a árvore, crescendo, roubou ao amante a inscrição mágica de seu amor. Êsse movimento é admiràvelmente traduzido em palavras. Tudo contribui para sublinhar a intensidade da ação: os quatro tt; a sábia colocação de *erguendo*, enfático, central, no meio do verso; enfim, a ambigüidade da sintaxe, porque, numa frase tão exclamativa, tão dominada pelo *tão*, advérbio de intensidade, quase se hesita em entender aquêle *que* (*que mais não vi*) como pronome relativo (*a nome*); e quase se cai na tentação de julgá-lo (tão distante do substantivo, com a forte palavra *erguendo* de permeio) antes uma conjunção (erguendo teu nome tão alto... que não vi mais), do que o pronome legítimo que é.

De modo que, devido a essa impetuosa intensificação, só se recupera a tranqüilidade rítmica do início nos dois últimos versos: *E nessas letras que aos céus subiam Meus belos sonhos de amor perdi*. O contraste entre o sentido de duração, de ação em curso, do imperfeito (*subiam*) e o sentido de instante, de momento, de ponto na curva do tempo, do perfeito (*perdi*) torna mais pungente a perda do amante; pungente como um talho súbito, dolorosamente laminado no longo caule de seu amor. Parece contradição, mas não é, pois a árvore, subtraindo-lhe o talismã das letras, não deixa de simbolizar o crescimento, através dos anos, dessa afeição subtraída. O viço do tronco, a elevação do arbusto, representa simultâneamente a fôrça do amor e o sentimento de sua irremediável frustração. Os oito versos de Varela expõem uma situação dramática típica do romantismo: a conjugação do desejo apaixonado de retôrno com a certeza melancólica da impossibilidade de voltar, fundamento da nostalgia romântica. Mário de Andrade distinguiu uma vez a psicose de fuga dos românticos, no fundo sempre ardendo por voltar, da renúncia e da evasão dos modernos, vou-memboristas puros e simples, embarcando em viagens sem bilhete de volta. Carlos Drumond de Andrade, na página mais inteligente que já se escreveu sôbre Varela, chamou-o de "solitário imperfeito" — precisamente por não aceitar a solidão sem procurar, ao mesmo tempo, outros caminhos de convivência. O *verde arbusto* é isso: bêrço, origem, fonte, sonhada e saudosa juventude. A pequena canção nasce do conflito entre um anelo profundo e uma realidade que o contraria. O vagabundo Varela, que não quis ser bacharel nem fazendeiro, para viver sem destino no sonolento Brasil de 1860, foi decerto desgraçado — mas não foi um desesperado. Fantasiando a natureza, construiu com ela o seu refúgio. Romântico, desajustado, tinha pelo menos para onde ir e de que sonhar: sua poesia ainda pôde, como seu arbusto simbólico, crescer e subir. Os românticos foram decepcionados com meta, desiludidos com crença, com a memória suficiente de uma felicidade que, embora perdida, tinha nome e contôrno, perfume e sabor. A situação peculiar do homem moderno, quando mergulha na dor de seu próprio mundo, é não poder contar nem mesmo com essa lembrança: é ser o triste-sem-saudade, o neutro e frio triste de uma tristeza que não sabe mais olhar para trás. □

Inquérito

continuação do n.º 31

1 — O Brasil é um grande exportador de madeiras. O jacarandá, o mogno, a peroba, a imbuia, o pinho e tantas outras são disputadas no mercado internacional. Acredita que esta exportação maciça de madeiras não manufaturadas seja proveitosa à nossa economia, ou à nossa indústria do mobiliário.

2 — Quais são as possibilidades do móvel brasileiro no mercado internacional, se tem êle condições de competir, em desenho, em qualidade, em preço?

3 — Que medidas, em sua opinião, deveriam ser tomadas para colocar o móvel brasileiro no mercado internacional, e quais os mercados onde êste móvel teria maiores possibilidades de penetração?

4 — A produção nacional de mobiliário utiliza processos industriais modernos ou obedece a metodos artesanais?

5 — Qual a capacidade de absorção do mercado interno e quais as possibilidades de sua expansão.

6 — No momento, o govêrno brasileiro está empenhado em enfrentar o grave problema nacional do déficit de moradias. O móvel é um complemento indispensável da habitação. Há em sua opinião, possibilidade de se produzir móveis de bom desenho, em larga escala e a baixo custo? Como, em seu entender o govêrno poderia estimular esta produção?

Teperman

1 — Apesar de tôda a fonte de dólares ser bem-vinda, o produto manufaturado pode ter grande aceitação, trazendo receita maior e que beneficiará uma parcela mais extensa de nossa população.

2 — Em qualidade e preço, fora de qualquer dúvida. Em desenhos, com exceção de poucos "designers", principalmente Arnault Tenreiro e Sérgio Rodrigues, ainda estamos engatinhando.

3 — Necessitamos criar mentalidade de exportação. Até o momento as dificuldades burocráticas afugentavam os que pensavam em expertar. As medidas governamentais recentemente postas em prática parecem ter melhorado bastante o problema. Tôda vez que se saía de uma recessão, eram abandonadas as idéias de exportação, nutridas nos períodos difíceis, porque a procura interna era intensa, absorvendo tôda capacidade de produção. Há necessidade de aumentar nosso parque industrial, através de equipamento moderno e eficiente, que pode ser financiado pelo govêrno. Dessa forma não estaremos desviando a produção do mercado interno para o externo, e aumentando o rendimento de divisas.

É necessária uma política agressiva de vendas. Através dos nossos escritórios comerciais e de organizações especializadas em exportação, bem como das associações de classe, deveria ser feita uma promoção do nosso móvel no exterior. Necessitamos também de dólar de exportação, que acompanhe de perto as variações internas do cruzeiro

4 — Temos tôda sorte de indústrias, variando de um extremo ao outro. As medidas de auxílio para a pequena e média indústria, que serão postas em um aparelhamento melhor, conduzindo a preços cada vez melhores, e maior prática pelo atual govêrno, permitirão produção. A formação de engenheiros de produção, operários e mestres especializados, principalmente dêstes últimos, facilitarão êste trabalho.

5 — Se voltarmos ao índice de crescimento de 7% a.a., o céu será o limite para a capacidade de absorção de nosso mercado.

6 — Há grandes possibilidades para um móvel barato e de bom desenho. Teria necessàriamente que se produzir em larga escala.

O govêrno poderia estimular esta produção, facilitando financiamento para compra de equipamento, aos que estivessem dispostos a produzir móveis de bom desenho, distribuindo prêmios e diminuindo impostos.

Forma

1 — A exportação destas madeiras, dentro de certos limites, é necessária, porque o mercado internacional, ao perder a oportunidade de conhecer estas madeiras, perderia o interêsse por elas, e a exportação de móveis, prontos ou semimanufaturados, também seria impossível.

Se hoje é possível exportar móveis em jacarandá, é porque o público no estrangeiro teve oportunidade de comprar móveis desta madeira, de outros fornecedores.

É, naturalmente, interessante que a exportação não seja feita com madeira bruta, mas sob a forma de madeira serrada, ou fôlhas de madeira, acrescentando o máximo de mão-de-obra nacional.

2 — As possibilidades de competição são sobretudo limitadas pelo mau equipamento à disposição dos fabricantes brasileiros. Privados da possibilidade de importar máquinas automáticas de grande rendimento, seu custo de produção é por demais elevado. Outro fator de importância é a falta de bons compensados, secados para menos de 10% de conteúdo de umidade.

3 — Talvez formando uma cooperativa de exportação, em que os membros fabricassem um ou dois modelos com métodos relativamente eficientes. Mas o problema não é simples. O esfôrço a fazer é grande começando pelo lado tecnológico (secagem da madeira para que os móveis não descolem em ambientes sujeitos a aquecimento central, colagem, acabamento à altura dos concorrentes, quando, para alguns casos, tais materiais deveriam ser importados), continuando pelo esfôrço organizatório (construir fábricas e inventar métodos de produção eficientes) e comercial (viagens ao exterior, envio de modelos, protótipos).

Como mercado, convém considerar, em primeiro lugar os tradicionais importadores de móveis, como EE.UU. e Alemanha.

4 — Pela falta de equipamento moderno, a indústria nacional está numa situação difícil. Poder-se-ia escrever um relatório de dez páginas sôbre êste tópico.

5 — Está relacionado com a construção. Devido à retração das construções iniciadas em 1962, 63 e 64, podemos contar, momentâneamente, com uma retração de negócios na venda de móveis. Assim que começar um período mais ativo de construções, haverá expansão na indústria de móveis também.

6 — O govêrno não pode estimular esta produção. O estado natural de concorrência. Para isto precisamos de muitos anos. A chave do móvel de bom desenho e de baixo custo reside na especialização dos fabricantes, que seriam fabricantes de cadeiras, mesinhas, camas, caixas, etc. em vez de fabricantes de móveis, produzindo 400 modelos cada; e no equipamento eficente. As máquinas atuamente produzidas no Brasil são boas, mas ao mesmo tempo, são modelos antiquados e superados, de baixa produtividade.

Em resumo, as perspectivas não são muito brilhantes para o futuro próximo, com a exceção de alguns que não poupando esforços, tentem melhorar sua produção sob todos os aspectos.



Diálogo

● Tendo visto sua revista em escritório de colegas arquitetos quero por meio desta externar minhas felicitações pelo brilhante trabalho que é esta revista, como também env'ar-lhe o meu endereço para que possa em futuro recebê-la.

Waldemar Herrmann
Rua Luis Coelho, 114 s/ 73
São Paulo — Capital

— Distribuimos ARQUITETURA gratuitamente a todos os arquitetos brasileiros mediante uma única condição — ser membro do IAB. Aconselhamo-lo a dirigir-se ao IAB-SP, Rua Bento Freitas, 306, e tornar-se sócio do IAB. Assim, V. passará a receber mensalmente através do próprio departamento a revista ARQUITETURA.

● Desejo, hoje que minha ida à velha Faculdade se esparsa, tornar-me assinante da Revista do Instituto. Outrora isso era feito gratuitamente, sei porém que a situação atual não permite ao IAB continuar a distribuir por êsse Brasil afora suas informações sem que venha a afetar aos minguados proventos dos cofres dos nossos IABs. Por estas e razões outras, pediria ao colega que, por obséquio, informe sôbre como pagar a assinatura, valor da mesma, etc.

Oduvaldo Britto Sampaio
Avenida Estados Unidos - 3
Ed. Guarabira, s/ 502
Salvador — Bahia

— Seu pedido já foi atendido. Informamos porém que estamos em entendimentos com o IAB-BH para que a distribuição da Revista em Salvador, fique a cargo do Departamento.

● Desejo-lhes pedir que o meu nome seja incluído no rol dos profissionais que secebem gratuitamente a revista ARQUITETURA. Tive a oportunidade de apreciar alguns exemplares em escritórios de amigos e pude constatar ser a revista muito boa. Especialmente os seus artigos de fundo e editoriais.

Authares Auf der Strasse
Caixa Postal, 315
Mogi das Cruzes — São Paulo

— Seu pedido foi atendido, há algum tempo. Agradecendo suas elogiosas referências a conselhamo-o, entretanto, a procurar o IAB-SP, caso tenha havido qualquer interrupção no recebimento da revista.

● Sendo estudante de Arquitetura, gostaria de passar a receber a revista ARQUITETURA que considero indispensável, tanto ao estudante quanto ao profissional.

Nilza Ruado
Rua Jacinto Gomes, 194 apto. 5
Pôrto Alegre — RGS

— Agradecemos o conceito que V. faz de ARQUITETURA. Se V. se associar ao IAB-RGS, passará a receber mensalmente a revista.

● Servimo-nos da presente para felicitar a V. Sas. pela iniciativa da publicação da revista ARQUITETURA, empreendimento dos mais úteis dentro do ramo de construção civil, tanto pela apresentação esmerada como pelos seus artigos sempre interessantes e os produtos nela anunciados.

Aproveitamos a oportunidade para solicitar a V. Sas. a gentileza de incluir-nos entre as firmas as quais é distribuida a revista ARQUITETURA, a qual nos será de valiosa utilidade, dada nossa atividade no campo da construção civil.

Karmar — Empreiteira de Obras Ltda.
Avenida Rio Branco, 156 - Gr. 1825
Rio de Janeiro — GB

— Agradecemos suas considerações a respeito da revista e informamos que já providenciamos o atendimento de sua solicitação.

● De la manera muy atenta, ruego a ustedes se sirvan informarme, en la brevedad que les es possible, lo que costaria la suscripcion anual, de su revista ARQUITETURA (...).

Roberto Larenzana H.
Apartado Postal, 3122
Quito — Equador

● Tenemos mucho interés en suscribirnos a su revista ARQUITETURA, por lo que mucho les agradeceriamos se s'rvieran informarnos al respecto.

Consultecnica Ltda.
Eugenio Gordienko — Gerente
Apartado Posta, 4593
San José — Costa Rica

— Enviamos os seus pedidos ao departamento de assinaturas para serem atendidos.

Destaque

Oscar Niemeyer Grande Prêmio Internacional de Arquitetura.

O Grande Prêmio Internacional de Arquitetura e Arte, concedido pela revista "L'Architecture d'Aujourd'hui", coube êste ano ao arquiteto Oscar Niemeyer. OM foi indicado para receber a alta distinção pela unanimidade dos membros do Comitê de L'A.A., por seu trabalho em Brasília e pelo conjunto de sua obra.

O Grande Prêmio Internacional de Arquitetura e Arte foi instituído pela "L'Architecture d'Aujourd'hui" para recompensar o autor de uma obra ou conjunto de obras que se tenham destacado por sua qualidade plástica ou pela perfeita integração da arte contemporânea na Arquitetura.

O Júri do Grande Prêmio, presidido por André Bloch, é composto pelo Comitê da Revista. Todos os anos, êste Júri se reúne para apreciar os relatórios que lhe são submetidos, mas não concede obrigatoriamente o prêmio.

O primeiro arquiteto a receber o Grande Prêmio Internacional foi o japonês Kenzo Tangue, em 1959; Arne Jacobsen, o seguinte, foi distinguido em 1961.

Ao conceder o Grande Prêmio Internacional de Arquitetura e Arte a Oscar Niemeyer, o Júri declarou que esta era uma justa homenagem que "L'Architecture d'Aujourd'hui" prestava "a um grande criador e a um homem que soube defender com paixão sua profissão e suas convicções, não deixando porém, apesar de imensa notoriedade mundial, de ser profundamente humano".

A revista "L'Architecture d'Aujourd'hui" patrocinará uma exposição da obra de OM em Paris, por ocasião da entrega do prêmio e lhe dedicará uma de suas próximas edições.

Catherine Bauer (1905 - 1964)

ARQUITETURA registra com pesar o falecimento de Catherine Bauer Wurster, ocorrido em 29 de novembro do ano passado, durante uma excursão nas Serras de Talmalpais, nas proximidades de São Francisco, USA.

Catherine Bauer foi um dos profissionais que devotava apaixonada preocupação pelo destino das cidades e sua população. ARQUITETURA em seu n.º 10, abril de 1963, transcreveu um trabalho seu sôbre "O Desenvolvimento Econômico e Urbano: Implicações Sociais", no qual o tema central de suas preocupações é abordado com a costumeira proficiência.

Catherine Bauer era professôra de Planejamento Urbano e Deã Associada da Faculdade de Planejamento Regional da Universidade da Califórnia. Berkley; e espôsa de Willian W. Wurster, Deão Emérito da mesma Faculdade. Catherine Bauer nasceu em Elizabeth, N. J., em 1905 e fêz seus estudos em Vassar. Sua obra, "Modern Housing", publicada em 1934, é uma obra pioneira no quadro americano de estudos sôbre política social e habitação, dependentes de financiamento governamental.

Sua contribuição à política habitacional norte-americana vem desde os primeiros ensaios. Catherine Bauer foi consultora do Presidente F. D. Roosevelt; escreveu o capítulo referente à habitação e planejamento de comunidades do relatório "Metas para os Americanos", preparado pela Comissão de Metas Nacionais do Presidente Eisenhower; era membro do grupo de trabalho encarregado de estudo de problemas urbanos, nomeado pelo Presidente Johnson. Catherine Bauer era ainda consultora, nos assuntos de sua especialidade, da ONU, da Fundação Ford, da Fundação Rockfeller e de numerosas organizações habitacionais e de planejamento urbano.



CREA (6.ª Região) faz Campanha

A campanha de divulgação empreendida pelo CREA da 6.ª Região em fins do ano passado merece nosso aplauso. Pena é que a legislação atual não tenha permitido o exato esclarecimento das funções específicas do engenheiro e do arquiteto. Os textos dos cartazes mandados fazer pelo CREA e publicados na imprensa paulista promovem e divulgam em comum duas profissões distintas — Arquitetura e Engenharia — mantendo portanto, uma confusão que hoje não tem mais justificativa.

Ressalvado êste aspecto, a promoção feita pelo CREA só pode merecer apoio e elogios. Em muitos países — Inglaterra, por exemplo — a publicidade profissional individual é proibida. A promoção da profissão, e conseqüentemente do profissional, é privativa do órgão de classe, — o Royal Institute of British Architects — ao qual estão afetos, também, as funções reguladoras e fiscalizadoras do exercício profissional.

Entre nós, os CREAs, — talvez pelo fato de reunirem em um mesmo organismo duas profissões que se mantêm alguns pontos de contato entre si, são, por outro lado, essencialmente distintas, — restringiram-se a uma função de polícia, desenvolvida burocràticamente. Para a maioria dos arquitetos brasileiros os CREAs, até agora, nada mais foram do que órgãos aos quais se deve pagar uma taxa anual e onde se vai, depois de formado, registrar um diploma e tirar uma carteira.

O desenvolvimento atingido pela Engenharia e pela Arquitetura, no Brasil, no entanto, exige dêstes órgãos, a nosso ver, uma atitude menos tímida, mais atinada com a prática profissional e bem mais dinâmica. Questões da maior relevância se processam sem que os CREAs se mexam. Sua atuação no campo profissional só se revela através de pequenas providências relativas a interpretações do texto do decreto, um tanto idoso, que regula o exercício profissional.

Os grandes problemas profissionais aí estão sem que os CREAs os enxerguem. A ação dêsses órgãos, em grande parte, é regida por uma óptica míope, e esta é uma das razões de vermos com satisfação a reação esboçada pelo CREA da 6.ª Região.

Se aos CREAs, dentro da legislação vigente, cabe regular e fiscalizar o exercício profissional do arquiteto e do engenheiro, não lhe é possível ignorar a situação real do exercício dessas profissões. Mas qual é essa situação? Sabemos, com certeza, qual o estado real e atual dessas profissões? Sabemos quantos profissionais de cada ramo da engenharia estão atuando em seus setores específicos e quais os setores que demandam maior número de profissionais? Sabemos como, em sua totalidade, desempenham suas funções os arquitetos? Quantos dêsses profissionais, uma vez diplomados, exercem efetivamente suas profissões? Sabemos, por outro lado, o estado do mercado de trabalho do engenheiro e do arquiteto? Qual o número dos profissionais,

Conclui na pág. 42

Notícias

XI Congresso Pan-Americano de Arquitetos

Será realizado em Washington — 14 a 12 de junho — o XI Congresso Pan-Americano de Arquitetos, que coincidirá com a 97.ª convenção anual do Instituto de Arquitetos Americanos (A.I.A.).

O Sr. Adlai E. Stevenson, embaixador dos EUA junto as Nações Unidas será o presidente de honra do XI Congresso, cujo tema é "Cidades das Américas".

O Congresso e a Convenção do A.I.A. terão lugar no hotel "Sheraton Park".

Referindo-se ao acontecimento o arquiteto Arthur Gould Orell, Jr., FAIA, presidente da A.I.A. e futuro anfitrião do Congresso, afirmou que Congresso e Convenção atrairão o maior grupo de arquitetos que já se reuniu na história. "Americanos do Norte e do Sul estão preocupados com a qualidade de suas cidades e o impacto que elas determinam no equilíbrio físico e espiritual de seus habitantes. Estamos encantados com o fato de o Embaixador Stevenson ter aceito agregar sua experiência e prestígio à nossa busca de conhecimento e soluções para o problema".

Ao aceitar a presidência de honra do Congresso, o Embaixador Stevenson declarou: "As nações do hemisfério Ocidental partilham, em grau superlativo, problemas similares de crescimento e desenvolvimento de comunidades. Virtualmente, tôdas as cidades no Nôvo Mundo se encontram diante de inauditas fôrças de expansão, de deterioração e de fealdade que ameaçam fazer de nossas áreas urbanas lugares inadequados à conquista de uma vida decente. O XI Congresso Pan-Americano de Arquitetos focalizará êstes problemas e, dentro do espírito de cooperação internacional, pesquisará as medidas através das quais o ambiente físico de nossas cidades transforme-se numa forma de aumentar o valor da vida de nossos cidadãos".

Estima-se que mais de 1.000 arquitetos, de 10 nações latino-americanas participarão do Congresso, juntamente com o dobro dêsse número, de arquitetos dos EUA.

A reunião conjunta enfocará o desenvolvimento urbano do Hemisfério Ocidental, desde o início de sua evolução até o presente, projetando-se para o futuro.

Mauro Viegas: Nôvo Presidente do CREA — 5.ª Região

O arquiteto Mauro Viegas foi eleito para presidência do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura da 5.ª Região. Neste ponto da evolução arquitetônica brasileira e do desenvolvimento da engenharia nacional, Mauro Viegas tem na direção do órgão regulamentador e fiscalizador das profissões do engenheiro e do arquiteto, uma árdua tarefa a desempenhar. ARQUITETURA ao se congratular com a investidura de Mauro Viegas na presidência do CREA da 5.ª Região, está certo de que êle dinamizará êste órgão, dando-lhe novas características de ação. A êste respeito, é oportuno citar a exemplo da ação impressa ao CREA da 6.ª Região (SP), pelo engenheiro Christiano Stocler das Neves Filho. Da atividade do CREA da 6.ª Região damos, em outro local desta edição, notícia sôbre a recente campanha de esclarecimento e divulgação por êle empreendida em São Paulo.

Tècnicamente, as mais perfeitas
PIAS DE COZINHA
(grés durovitrificado de resistência incomum)
CELITE



• são mais profundas • não mancham
• jamais enferrujam • não lascam
• 6 tamanhos simples e 1 duplo, em 7 côres

CERÂMICA SANITÁRIA PORCELITE S. A.
MATERIAIS CERÂMICOS CELÉM, LTDA.
Matriz: Rua Itapura, 626 - Tel. 93-1183 - Cx. Postal 2818 - São Paulo
Filial: Rua da Assembléia, 11 - 9.º and. - Tel. 31-0784 - Rio de Janeiro

CONSPLAN

O Govêrno Federal criou um órgão destinado a coordenar as atividades de planejamento no país: o CONSPLAN. Na constituição do Conselho, os arquitetos não foram incluídos. A diretoria do IAB dirigiu ofício ao Ministro do Planejamento, afirmando: "O IAB tomando conhecimento da criação do CONSPLAN vem, uma vez mais, colocar-se à disposição do Govêrno para colaborar, sempre que lhe fôr possível, para o bom exito da iniciativa. Embora a classe dos arquitetos não esteja sequer mencionada na constituição do Conselho, é de se esperar que a colaboração do arquiteto, em várias atribuições do órgão recém-criado, venha a se fazer necessária, e é visualizando essa possibilidade, disposta no artigo 7.º do Decreto, que o IAB coloca-se a disposição do Govêrno".

Universidade do Paraná: Primeiros Arquitetos

Colou grau (25 - 3 - 65) a primeira turma de arquitetos, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia da Universidade do Paraná.

Compõem esta primeira leva de arquitetos paranaenses: Alfredo Jacobowicz, Alfred Willer, Antônio Carlos M. Chemin, Dirceu Schmidlin, Domingos Filameno Neto, Fernando N. Sternberg, Henrique Panek, Jaime Lerner, Jaime Wasserman, Lineu B. da Macedo, Lourenço da Silva Mourão, Lubomir A. Ficinski Dunin e Onaldo Pinto de Oliveira.

Nova Lei de Habitação na Malásia

O Parlamento indonésio aprovou recentemente uma lei sôbre os problemas básicos da habitação. Esta lei estipula que todo cidadão tem o direito de possuir e desfrutar sua própria moradia, ajustando-se às normas sociais, técnicas e de segurança moral; e que cada cidadão tem a obrigação de participar dos esforços tendentes a alcançar o mencionado objetivo, de acôrdo com sua capacidade.

Cabe ao govêrno, segundo a nova lei, o incremento de cooperativas e bancos de habitação, dotando-se dos suficientes recursos; dos serviços adicionais e a criação de ambiente propício à atração de inversões de empresários e financistas nacionais, em tudo o que se relacione à habitação.

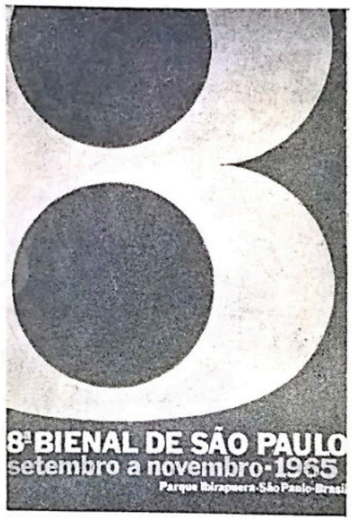
A lei contém ainda outras disposições, tendentes a dar segurança tanto aos proprietários quanto aos inquilinos, e estabelece que o govêrno efetivará medidas orientadoras, serviços e assistência para a execução de projetos, sem prejudicar o espírito de assistência mútua imperante na população.

Finalmente, a nova lei determina que as emprêsas privadas têm por obrigação prover seus empregados de moradia, medida esta da qual não estão excetuadas as emprêsas estrangeiras em funcionamento no país.

(CINVA, outubro de 1964).

Cartaz da VIII Bienal

Darcio Bassani, publicitário de São Paulo, obteve o primeiro prêmio no concurso de cartazes para divulgação da VIII Bienal de São Paulo. O Júri estava composto por Lucio Grinover, Presidente da Associação Brasileira de Desenho Industrial; Júlio Franco Neves, do Instituto de Arquitetos do Brasil — Departamento de São Paulo; Yolanda Mohaly; Geraldo Ferraz e Geraldo Eulalio Nascimento e Silva, que representou a Fundação Bienal. O cartaz premiado, nas côres verde, azul e branco sugere gràficamente o tema do concurso. O júri atribuiu menções honrosas a Danilo Di Prete e Acácio Assunção.



Arquiteto Finlandês no Rio

A Exposição de Arquitetura Finlandesa, inaugurada no Rio de Janeiro, no dia 2 de abril, sob os auspícios da Embaixada daquêle país, do Departamento da Guanabara do Instituto de Arquitetos do Brasil e do Instituto Cultural Brasil - Finlândia, teve a sua montagem orientada pelo arquiteto Lundsten. Lundsten representa o Museu de Arquitetura da Finlândia e é esta a sua segunda viagem ao Brasil.

Durante a sua visita anterior foi responsável pela montagem da mesma exposição no Museu de Arte de São Paulo.

Petrobrás Concurso para Edifício Sede

A Petrobrás pretende construir na Guanabara seu edifício sede. Tomando conhecimento deste fato, o IAB dirigiu-se à presidência da emprêsa brasileira de petróleo sugerindo a realização de um concurso público para a escolha do projeto de sua sede. No ofício enviado ao presidente da Petrobrás, Marechal Adelmar Queiroz, o IAB afirma: "Com uma medida desta ordem, a Petrobrás terá a oportunidade de esco'her o melhor trabalho, dentre os inúmeros que, certamente serão apresentados, tendo como base o critério comparativo, o mais aconselhado em casos dessa natureza. O concurso que será de âmbito nacional, muito concorrerá para o sucesso do empreendimento, e, o projeto escolhido, será, por certo, um marco de nossa arquitetura contemporânea".

Suécia Expõe Planos Urbanos

Uma exposição organizada pelo Museu Sueco de Arquitetura e dirigida pelo arquiteto Allan Westerman, foi inaugurada recentemente em Montreal, no Canadá.

A mostra, intitulada "Planejamento Sueco de Centro Urbanos", será exposta em outros centros canadenses, passando a seguir para a Europa. Nela são expostos centros urbanos criados recentemente na Suécia, e alguns que estão prestes a serem terminados. Entre outros são apresentados os centros de Örebro, Oxelösund, Peteo, Sinköping e Luleo.

Arquiteto Francês Recebe Prêmio Literário

O prêmio "Deux Magots" foi concedido ao arquiteto Fernando Pouillon, por sua obra "Les Pierres Sauvages". Em "Les Pierres Sauvages," Pouillon expõe suas convicções artísticas sob a forma de um diário. O livro relata os conceitos de um monge que edificou no século XII a Abadia de Thoronet, na Provença, narrando os problemas enfrentados pelo construtor em face da debilidade humana e de razões técnicas e financeiras.

Novos Materiais

CELITE LANÇA REGULADOR AUTOMÁTICO DE TEMPERATURA

Para eliminar os inconvenientes da variação térmica da água nas torneiras e no chuveiro, a Cerâmica Sanitária Porcelite lança agora o seu regulador automático de temperatura, o Eurotherm Kugler Celite.

É um aparelho que funciona através de mecanismo preciso e controla automàticamente a entrada da água quente (aquecimento central) e fria, condicionando as duas correntes numa temperatura uniforme.

Eurotherm Kugler Celite segundo o fabricante, é uma necessidade nas residências modernas, em hotéis, hospitais e laboratórios, onde são indispensáveis como confôrto e segurança.



Allegheny Public Square, Pittsburgh

O concurso internacional para a praça pública Allegheny, em Pittsburgh (USA), foi lançado há cêrca de um ano atrás. O concurso era em duas etapas e os organizadores receberam 305 projetos. O júri, composto por Gordon Bunshaft (USA), Henry J. Mecêne (USA); Hector Mestre, arquiteto (México); John B. Parkin, arquiteto (Canadá); Viljo Revell, arquiteto (Finlândia); Dahlen K. Ritchey (USA); Hideo Sasaki, arquiteto (USA); Adolph W. Schmidt (USA), examinou os trabalhos criteriosamente.

Dos 305 projetos apresentados, 5 deveriam ser selecionados para concorrer à segunda etapa. O programa determinava que os concorrentes deviam fazer uma clara exposição sôbre a praça pública urbana contemporânea, compôr um plano de fundo e um ambiente apropriado aos novos e antigos edifícios existentes e estabelecer uma convergência harmoniosa e apropriada à vizinhança.

Considerando êstes dados, o Júri defrontou-se com um problema: um único projeto respondia as exigências do programa e tinha qualidade suficiente para receber o prêmio. Este projeto era de autoria de William Breger, James Terjesen e Warren Winter da Universidade de Pratt, Brooklin, Nova York, que receberam os 5 mil dólares de prêmio destinado ao primeiro lugar e foram encarregados da execução do projeto. Esta decisão foi tomada unânimente pelo Júri.

Na opinião do Juri, o projeto vencedor é um dos únicos concebidos de maneira simples. O nível da Praça foi ligeiramente rebaixado, para torná-la acolhedora aos que nela permanecem durante o seu tempo livre ou em manifestações sociais. Os muros, os degraus, os locais de estar, bem como a água, foram hàbilmente tratados para dar à praça um interêsse visual. Todos êstes elementos estão em harmonia com os edifícios existentes e previstos. A praça é em sua maior parte pavimentada e o Júri foi de opinião que ela seria melhorada se um maior número de locais de sombra tivessem sido programados.

II Congresso Brasileiro de Geógrafos.

Realizar-se-á no Rio de Janeiro, no período de 22 a 29 de julho do corrente ano o II Congresso Brasileiro de Geógrafos, que compreenderá 5 reuniões culturais para apresentação e debates de teses e comunicações, conferências, 3 simpósios e 3 excursões relacionadas aos temas dos referidos simpósios.

Temário — **Geomorfologia** — problemas das superfícies de aplainamento no Brasil e seus depósitos correlativos. Variações climáticas e seus reflexos na paisagem. Evolução das vertentes. As formas litorâneas. **Climatologia** Classificações e índices climáticos. Estudo dinâmico dos climas; massas de ar. Teoria e significado das modificações climáticas. Microclimas. **Hidrologia** — Classificação dos regimes dos rios brasileiros. A carga dos rios. O lençol freático e a economia de água nas zonas semi-áridas. **Biogeografia** — Problemas de nomenclatura e classi-



O "doutô" e eu gostamos muito de materiai construtivamente-construtivos...

O trabalho da gente rende mais. Não complica. Nem dá bronca. A obra nã fica encalhada. Cada dia a gente vê o chão mais lá embaixo :- "Tá subind beleza!". Estrutura pronta no prazo. Chopada. O "doutô" satisfeito. Já vamo começar outra. Também vai ter esta placa.

LAJES VOLTERRANA

Lajes pré-fabricadas para pisos e forros. Lajotas de cerâmica ou de concreto. Lajes "X" com armação cruzada para casos especificos. Consulte-nos para maior eficiência de sua construção.

Celâber 59CP.302

SÃO PAULO (Barão de Itapetininga, 151 – 11.º – Fone 35-7245) — RIO (Rua da Lapa, 18 5.º – Fone 22-5470) — BELO HORIZONTE (Rua São Paulo, 893 – 8.º – Fone 4-132 RIBEIRÃO PRETO (Rua Álvares Cabral, 576 – Fone 3701) — BRASÍLIA — RECIFI

ficação de vegetações. Possibilidade de elaboração de uma carta de vegetação do Brasil na escala de 1:1.000.00. Importância dos fatôres antropogênicos na vegetação tropical. Classificação e cartografia dos solos. **População** — Caracteristicas do crescimento da população rural e urbana. Dinâmica da população face às condições do mercado de trabalho. Mobilidade da população — diferentes tipos de migrações. **Geografia Agrária** — Caracterização regional e dinâmica das estruturas agrárias brasileiras. Problemas de classificação e cartografia do uso da terra na escala de 1:100.000. A expansão dos mercados e as transformações da paisagem, agrária. **Geografia das Indústrias** — Problemas de concentração industrial. Tipos de localização industrial. A implantação industrial e as modificações introduzidas na organização do espaço. **Geografia da Circulação** — Os transportes na modificação da paisagem geográfica. Métodos de pesquisa de Geografia de circulação; exemplos brasileiros. Circulação aérea no Brasil. **Geografia Urbana** — Aspectos da ação dirigente da cidade. O equipamento urbano como elemento de caracterização de cidades. **Geografia Regional** — A aplicação de novas técnicas ao estudo da região, exemplos de estudos regionais. Diversificação de organizações regionais e suas inter-relações. **Ensino da Geografia** — A posição da Geografia na reforma do ensino superior do Brasil. Como encarar o ensino da Geografia Regional no curso secundário. Problemas das grandes cidades e suas vinculações regionais. Visando concentrar as atenções dos participantes do II Congresso Brasileiro de Geógrafos sôbre temas que interessam diretamente àqueles que se preocupam com os problemas das grandes cidades e de suas vinculações regionais o Comitê Executivo previu a realização de alguns simpósios e uma mesa redonda.

A participação nos simpósios é facultada aos membros que, na ficha de adesão, manifestarem essa intenção. Um resumo de cada comunicação aos simpósios — 3 páginas datilografias em espaço 2 — deverá ser enviado ao Comitê Executivo, em 3 vias, até 1.º de maio de 1965. Estas comunicações deverão adequar-se aos seguintes temas: 1 — **Contribuição interdisciplinar para o planejamento**. 2 — **A Região**: O problema da conceituação de região. A aplicação dos diferentes conceitos ao Brasil. 3 — **Geografia das Indústrias**: Metodologia da pesquisa. Exemplos brasileiros. 4 — **Geografia Urbana**: Organização interna das cidades segundo o estágio da evolução urbana.

Maiores detalhes sôbre o II Congresso Brasileiro de Geógrafos podem ser obtidos dirigindo-se ao Sr. José Cezar Magalhães Filho, Secretário do Comitê Executivo, Av. Beira Mar, 436, 8.º andar — Rio de Janeiro — Guanabara.

Pré-fabricação na Suécia

A firma AB Hultsfreds Industri Erna, maior fabricante de casas pré-fabricadas, em madeira, aumentou sua produção em 75%, passando a produzir mais 25 casas diárias. A firma conta em sua linha de produção com 70 tipos de casas e fornece também, igualmente pré-fabricadas, escolas, casas para anciães, equipamento para cozinhas e outros produtos de carpintaria.

Construção de moradias na Espanha

A demanda de moradias na Espanha em 1963, foi 405.161 unidades residenciais, distribuídas em 317.402 para a iniciativa privada e 87.759 para o Govêrno. Essas moradias são de renda limitada ou subvencionadas, sendo o total distribuído de acôrdo com o seguinte quadro:

Iniciativa	*Renda Limitada*	*Subvencionadas*
Privada	133.216	184.186
Oficial	84.438	3.321
Total	217.654	187.507

O programa de construção em 1963 era de 150.518 e foram construídas 205.613 casas.

No período de 1940-45 foram construídas na Espanha 8.916 moradias. A partir desta data o ritmo de construções teve a seguinte expressão:

Ano	*Moradias*
1940 - 45	8.916
1957	88.233
1958	90.531
1959	123.309
1960	129.123
1961	135.346
1962	162.445
1963	205.613

Segundo a Secretaria Geral Técnica do Ministério de La Vivienda da Espanha, as moradas terminadas de 1940 até 1959 atingem a cifra de 651.319. Nos quatro anos que vão de 1960 até o final de 1963, foram terminadas 632.527 moradias.

DESTAQUE

Conclusão da pág. 38

de ambas disciplinas, desviados de suas funções? Que tipo específico de profissionais exigem os vários setores da vida nacional? Qual a verdadeira expressão do exercício ilegal dessas profissões?

É provável que se argua não caberem aos CREAs as respostas a estas indagações, por estranhos a sua competência. Não podemos aceitar este argumento, pois se lhes cabe o direito e o dever de regular e fiscalizar o exercício profissional, não lhes é possível ignorar estas e muitas outras questões que poderiam aqui ser formuladas, tôdas da maior relevância para os destinos das duas profissões.

O CREA da 5.ª Região elegeu recentemente seu nôvo presidente, o arquiteto Mauro Ribeiro Viegas. MRV fêz carreira nos quadros profissionais da Guanabara, onde ocupou cargos dos mais relevantes. Confiamos em que Mauro Viegas saberá imprimir a atuação dinâmica e positiva, de que o CREA da Guanabara necessita. □

MNB

IMPERIO DOS FOGÕES

COMÉRCIO E INDÚSTRIA S. A.

LOUÇA SANITÁRIA
* CELITE
* HERVY
* IDEAL STANDART

AZULEJOS KLABIN

MATERIAL ELÉTRICO
* ELETRODUTOS APOLO
* FIOS E CABOS PIRELLI

MATERIAL HIDRÁULICO
* TUBOS GALVANIZADOS MANESMANN
* TUBOS GALVANIZADOS APOLO
* CONEXÕES TUPY

METAIS
* DECA
* COSMOPOLITA
* ALBION

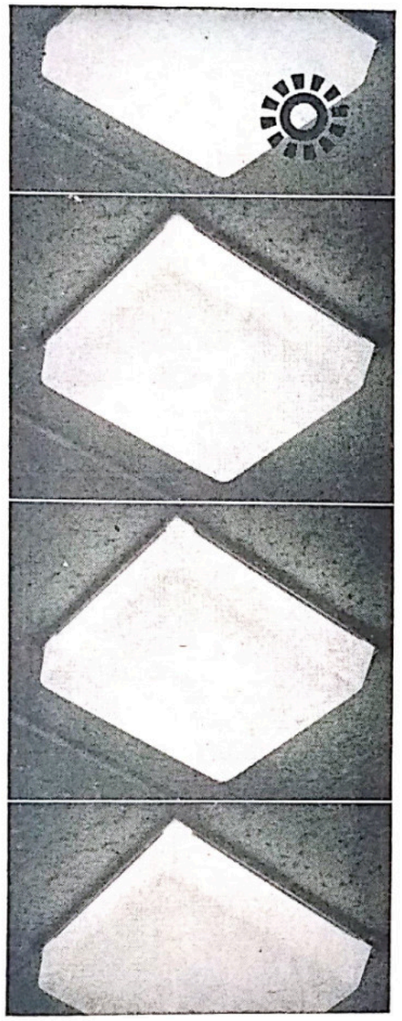
CERÂMICAS

MOSÁICOS

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO EM GERAL

ATACADO E VAREJO

AVENIDA MEM DE SÁ, 146 — TELEFONES: 32-4191 e 32-8474 — RIO DE JANEIRO - GB
RUA BENTO LISBOA, 45 — TELEFONE: 25-3554 — RIO DE JANEIRO - GB



LUMINÁRIAS "DECORLITE" EM PLÁSTICO ACRÍLICO

DECOR NEON S.A.
departamento de vendas:
av. nilo peçanha 12, grupo 423
Tels.: 22-9079, 42-0549, 52-4838



VITRIFICADOS

Não dilatam. Não racham. Imunes à ação do sol e da poeira. Produzidos em vários estilos, em 7 côres permanentes, brilhantes

CERÂMICA SANITÁRIA PORCELITE S.A.
MATERIAIS CERÂMICOS CELÉM, LTDA.

Matriz: Rua Itapura, 626 - Tel. 93-1183 - C. Postal 2818 - São Paulo
Filial: Rua da Assembléia, 11 - 9.º and. - Tel. 31-0784 - Rio de Janeiro

Arquitetura Atual da América

O Instituto de Cultura Hispânica programou para o Outono (outubro a dezembro) de 1965 uma exposição da Arquitetura atual da América. A convocatória da Exposição, que vem assinada por Gregorio Marañon, diretor do Instituto, tem o seguinte teor: "O Instituto de Cultura Hispânica, no prosseguimento de sua tradicional linha de apresentação na Europa dos novos valôres que vão surgindo com extraordinária pujança na América, quer apresentar agora a personalíssima Arquitetura americana de hoje. Se a arte popular foi ontem, símbolo do sentimento artístico de todo um povo pelo que tem de anônimo no trabalho e de comum na vida; e anteontem foram a pintura, o desenho e a gravura atuais, os testemunhos claros dos caminhos pelos quais avança a cultura; hoje, com a Arquitetura, pretendemos atingir um ponto mais elevado. A Arquitetura, cremos, cavalga entre o popular, o social, o comum ou cultural, integrando-se nelas, aparentemente, diferentes linhas por onde vão o povo e a sua civilização.

Todos os arquitetos que desejarem participar dessa exibição, podem enviar à Comissaria de Exposições do Instituto de Cultura Hispânica, Avenida de los Reyes Católicos, Cidade Universitária, Madrid-3, as fotografias (negativos em prêto e branco) das obras por êles realizadas acompanhadas de plantas e de uma memória descritiva de cada uma. Podem enviar quantas obras quiserem já que o Instituto confia plenamente em que o bom critério de cada um dos concorrentes conseguirá a seleção de suas obras mais representativas.

A Exposição não é um concurso e não se pretende, de modo nenhum, criar uma competição; mas sim, talvez, apresentar na Europa um panorama o mais completo possível, do personalíssimo e original aspecto que apresenta hoje a Arquitetura atual da América. O Instituto contará com uma Comissão assessóra, formada por arquitetos europeus, para efetuar uma seleção, no caso de ser necessária, e, ao mesmo tempo dar ao conteúdo da exposição uma unidade orgânica e suficientemente didática.

Equipe Arquitetura no Cais do Pôrto.

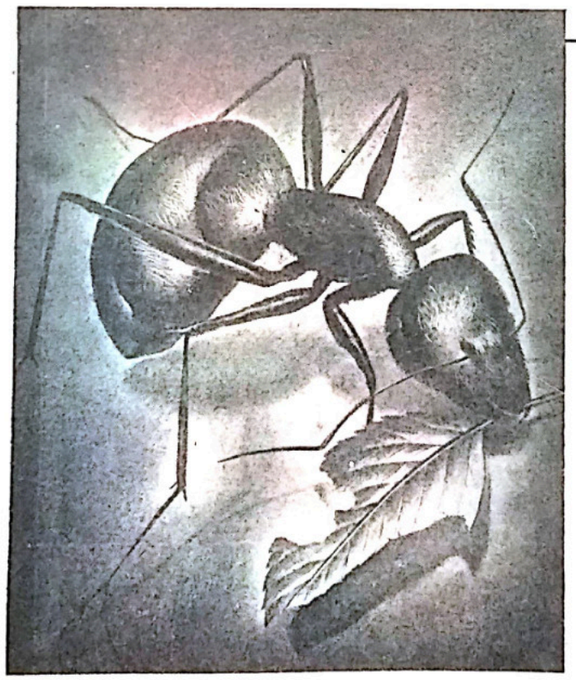
A "Equipe Arquitetura", dirigida pelos arquitetos Luís Carlos Freitas, Paulo de Mendonça Tibau e José Getúlio Lima Jr., desenvolvendo uma nova linha de industrialização de interiores, está instalando no Cais do Pôrto, na Av. Rodrigues Alves, 535, no Rio, onde já funcionam seus escritórios e fábricas de móveis, uma exposição completa da nova linha de móveis de sua criação.

O objetivo da firma é formar em seu local permanente de exposição um centro de arte e técnica, com mostra permanente de pintores, escultores e artistas plásticos em geral, realizando diversos tipos de ambientes. "Equipe Arquitetura" oferecerá aos seus clientes não só os móveis da linha EQ, como também todos os serviços correlatos às obras de instalações de Arquitetura de interiores.

ANUNCIE EM

ARQUITETURA

O ÓRGÃO OFICIAL DOS ARQUITETOS BRASILEIROS



ECONOMIA

As formigas são dotadas de excepcionais qualidades de economia e não perdem tempo no verão, suprindo os seus celeiros contra os rigores do inverno. Aprenda com as formiguinhas a economizar o seu dinheiro empregando em suas construções um material que lhe dê o máximo de rendimento.

O cimento Portland Mauá supéra as especificações exigidas para cimento Portland no mundo inteiro

COMPANHIA NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND

CIA. NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND MAUÁ BRASIL

Rio/S. Paulo, abril de 1965.

O Instituto de Arquitetos do Brasil vem editando, há 34 números consecutivos, a Revista ARQUITETURA, seu órgão oficial de informação. Não há dúvida de que, particularmente entre os arquitetos e demais técnicos ligados à construção, ARQUITETURA já se firmou, gozando hoje de prestígio e conceito não alcançados por nenhuma outra publicação de seu gênero.

ARQUITETURA, é indiscutìvelmente, a única publicação técnico-cultural do país, e a mais regular e bem feita revista brasileira de arquitetura. A única que sai em prazos certos e tem como preocupação máxima informar adquadamente aos profissionais a quem se dirige.

O nosso depoimento – que pode ser tomado como o de todos os arquitetos brasileiros - é de que ARQUITETURA é o único veículo de comunicação direta e permanente com os profissionais de arquitetura do Brasil. Nenhuma outra publicação especializada brasileira traz uma mensagem aos arquitetos e construtores como a veiculada por ARQUITETURA, pois ela guarda os conceitos que geraram o movimento da arquitetura moderna no Brasil e acompanha fielmente as diretrizes de sua evolução. Por esta razão, não temos dúvida sôbre o interêsse que despertam as matérias divulgadas em ARQUITETURA entre os profissionais que se dedicam à edificação. Esta crença traz-nos a certeza de que qualquer mensagem veiculada através de ARQUITETURA encontra leitor certo e interessado em todos os arquitetos brasileiros.

A Revista ARQUITETURA é distríbuida, mensal e gratuitamente, a cada um dos arquitetos brasileiros e constitui-se no seu órgão oficial de informação sôbre o movimento arquitetônico. Assim o interêsse do arquiteto por ARQUITETURA vai além da simples leitura ocasional. ARQUITETURA é uma revista que o arquiteto lê, coleciona e prestigia, por que é a revista que encarna a defesa dos seus interêsses profissionais e satisfaz à sua necessidade de contato com o movimento cultural e técnico, informando-o de forma mais completa e adequada, além de ser o órgão oficial da classe, a Revista do INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL.

Não hesitamos, portanto, em afirmar que ARQUITETURA é o lugar certo para veicular qualquer mensagem que pretenda atingir arquitetos ou técnicos profissionais da construção.

Ícaro de Castro Melo — Mauricio Roberto — Marcos Konder Netto — Wit-Olaf Prochnik

Ricardo Menescal — Mario Pinheiro — Jorge Machado Moreira — Jean Kubler

Luiz Paulo Fernandez Conde — Joaquim Guedes — Alex Nicolaieff — Walter Saraiva Kneese

João Ricardo Serran — Paulo Antunes Ribeiro — Arnaldo F. Paoliello — Eduardo Kneese de Mello — Gian Carlo Gasperini



chapa trapezoidal

de alumínio para revestimentos e coberturas

Material

Produzida em liga de alumínio extra-duro 3M-H correspondente a ASTM - B209 - 61 - Alloy 3003, com encruamento máximo por laminação.

Características Mecânicas

Carga de ruptura: 20 a 22 kg/mm2 - Limite de elasticidade: 16 a 20 kg/mm2 - Alongamento: 1 a 4%.

Isolamento Térmico

Oferece maior grau de isolamento térmico por reflexão. Refletindo cêrca de 90% da luz solar incidente, chega a reduzir no verão, de 15° C, a temperatura interior.

Funcional

Devido à forma de sua seção transversal, permite obter, quando comparada com outros materiais de cobertura:
1 - maior escoamento de águas pluviais
2 - maior resistência ao flexionamento

Econômica

Pode ser normalmente produzida em comprimentos de até 12 metros, o que permite ao arquiteto obter, com economia, grandes efeitos plásticos em coberturas e revestimentos laterais de fachadas.

CBA

Companhia Brasileira de Alumínio

PIONEIRA DA INDÚSTRIA NACIONAL DE ALUMÍNIO

Av. da Luz, 297 - 11º and. - Tels.: 36-3100 - 36-3101 e 36-1146 - S.Paulo
Av. Presidente Vargas, 309 - 20º and. - Tels.: 52-2074 e 23-2611 - R. de Janeiro